

ISABELA MONTEIRO ACHEAMPONG

MERCADO DE TRABALHO NA ERA DA COVID-19:
Um recorte da população negra no Estado de São Paulo



ISABELA MONTEIRO ACHEAMPONG

MERCADO DE TRABALHO NA ERA DA COVID-19:

Um recorte da população negra no Estado de São Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento do Curso de Ciência Econômicas, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp /Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas

Orientador: Prof.^a Dra. Stela Luiza de Mattos Ansanelli

Coorientador: Doutorando Tadeu Vaz Pinto Pereira

ARARAQUARA- S.P.
2022

A177m Acheampong, Isabela Monteiro
Mercado de trabalho na era da Covid-19 : um recorte da população
negra no estado de São Paulo / Isabela Monteiro Acheampong. --
Araraquara, 2022
101 p. : il., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ciências
Econômicas) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Stela Luiza de Mattos Ansanelli
Coorientador: Tadeu Vaz Pinto Pereira

1. Economia do trabalho. 2. Negros Emprego. 3. Mulher. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ISABELA MONTEIRO ACHEAMPONG

MERCADO DE TRABALHO NA ERA DA COVID-19:

Um recorte da população negra no Estado de São Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento do Curso de Ciência Econômicas, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp /Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof.^a Dra. Stela Luiza de Mattos Ansanelli

Coorientador: Doutorando Tadeu Vaz Pinto Pereira

Data da defesa/entrega: 03 / 03 / 2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: **Prof.^a Dra. Stela Luiza de Mattos Ansanelli**
Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras

Membro Titular: **Doutorando Tadeu Vaz Pinto Pereira**
Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras

Membro Titular: **Prof. Dr. Leandro Pereira Moraes**
Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família por todo amor, apoio e confiança que foram essenciais para minha formação e permanência em Araraquara.

Às minhas amigas, a Milena Moraes e a Laura Mattos por todo apoio, incentivo e pelos bons momentos e vivência durante a graduação.

Aos grupos de extensão na qual fiz parte, o PET (Programa de Educação Tutorial) e o NEPESC (Núcleo de Extensão e Pesquisa em Economia Solidária, Criativa e Cidadania) por tornarem minha graduação mais rica em conhecimentos e aprendizados, além de me tornar uma cidadã melhor.

Aos professores, Tadeu Vaz, meu coorientador; a Stela Arsanelli, ao André Corrêa pelo apoio na realização deste trabalho e ao Cleiton Rocha pela disponibilidade da aula no canal do Youtube “*EstaTiDados*” que foi essencial na elaboração desta pesquisa.

À UNESP FCLAr e todos os professores do departamento de Economia que foram cruciais para o meu aprendizado e minha formação de bacharel em Economia e todos os discentes, docentes e moradores araraquarenses que conheci durante esse período que me beneficiaram momentos únicos, aos quais eu serei eternamente grata.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar o mercado de trabalho na era da Covid-19 no estado de São Paulo no ano de 2020, relacionando os aspectos fundamentais da população ocupada, como grau de instrução, faixa salarial e horas trabalhadas para cada grupo racial na modalidade presencial e home office, através dos dados da PNAD Covid-19. Além de abordar o desenvolvimento e as novas relações de trabalho século XXI e como em um momento atípico como a pandemia, a mão de obra negra permanece subutilizada e a desigualdade de gênero ainda é pertinente no mercado de trabalho. Outras análises foram feitas como a incidência do trabalho informal, avaliando seus efeitos macroeconômicos na economia.

Palavras-chave: Mercado de trabalho; Covid-19; população negra.

ABSTRACT

The present monograph aims to analyze the job market in the era of Covid-19 in the state of São Paulo in 2020, relating the fundamental aspects of the employed population, such as level of education, salary range and hours worked by each racial group both in the face-to-face and home office modality, using PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio, in Portuguese) Covid-19 data. In addition, it also addresses the development and the new labor relations in the work environment in the 21st century and how in an atypical moment, such as the pandemic, the black workforce remains underutilized and how gender inequality is still relevant in the labor market. Other analysis were made, such as the incidence of informal work, evaluating its macroeconomic effects on the economy.

Keywords: Labor market; Covid-19; black population.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Homem - por cor/raça e faixa etária.....	37
Gráfico 2 - Mulher - por cor/raça e faixa etária.....	38
Gráfico 3 - Homem – por cor/raça e grau de instrução	39
Gráfico 4 - Mulher – por cor/raça e grau de instrução	40
Gráfico 5 - Homem - por cor/raça e tipo de emprego.....	42
Gráfico 6 - Mulher - por cor/raça e tipo de emprego.....	42
Gráfico 7 - Homem - por cor/raça e faixa salarial	44
Gráfico 8 - Mulher - por cor/raça e faixa salarial	45
Gráfico 9 - Homem - por cor/raça e horas trabalhadas.....	46
Gráfico 10 - Mulher - por cor/raça e horas trabalhadas.....	47
Gráfico 11 - Homem - por cor/raça e faixa etária (home office).....	49
Gráfico 12 - Mulher - por cor/raça e faixa etária (home office).....	49
Gráfico 13 - Homem - por cor/raça e grau de instrução (home office)	51
Gráfico 14 - Mulher - por cor/raça e grau de instrução (home office)	51
Gráfico 15 - Homem - por cor/raça e tipo de emprego (home office).....	52
Gráfico 16 - Mulher - por cor/raça e tipo de emprego (home office).....	53
Gráfico 17 - Homem - por cor/raça e faixa salarial (home office)	54
Gráfico 18 - Mulher - por cor/raça e faixa salarial (home office)	54
Gráfico 19 - Homem - por cor/raça e horas trabalhadas (home office).....	55
Gráfico 20 - Mulher - por cor/raça e horas trabalhadas (home office).....	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O MERCADO DE TRABALHO E O RACISMO NO BRASIL	11
2. 1 MERCADO DE TRABALHO: FINS DOS ANOS 1950 E INÍCIO DOS ANOS 1970	11
2.2 AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO.....	13
2.3 A FLEXIBILIZAÇÃO E UBERIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO	15
2.4 O RACISMO E O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO	18
2. 4.1 RACISMO ESTRUTURAL E HISTÓRICO	18
2.4.2 INCIDÊNCIA SOCIAL E ECONOMIA SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA.....	19
3. MERCADO DE TRABALHO: MENSURAÇÃO E ANÁLISE NA ERA DA COVID-19 23	
3.1 DOS INDICADORES	23
3.2 SALÁRIOS	27
a) Nominal e Real	27
b) Médio e Mediano.....	27
3.3 BASES DE DADOS.....	28
a) PNAD Contínua	28
b) PNAD COVID-19.....	29
c) CAGED	29
d) RAIS.....	30
e) Censo Demográfico	30
3. 4. 1 PANORAMA GERAL E O CASO BRASILEIRO	31
3.5 ANÁLISE DA POPULAÇÃO OCUPADA NO ESTADO DE SÃO PAULO - PNAD COVID-19	34
3.5.1 PANORAMA GERAL: POPULAÇÃO OCUPADA.....	35
3. 5.2 POPULAÇÃO OCUPADA EM HOME OFFICE	48

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
BIBLIOGRÁFIAS	62
ANEXOS	66
ANEXO A - Seleção dos dados da PNAD Covid-19 no R.....	67
ANEXO B - Tabela de dados da população ocupada (presencial)	86
ANEXO C- Tabela de dados da população ocupada (home office).....	95

1. INTRODUÇÃO

Trabalhar é no mínimo uma condição de sobrevivência. É por meio do trabalho que as firmas desenvolvem sua produção - executada por trabalhadores. Estes são remunerados com salário que serve de acesso ao consumo e em algum caso conseguem poupar, enquanto as firmas são beneficiárias dos lucros auferidos pelas vendas dos seus produtos. Nesse sentido, o mercado de trabalho é essencial em uma sociedade baseada em fatores de produção (empresários) e mão de obra (trabalhadores). Cabendo ao Estado a regulação dessa relação e em algum momento interferências nela.

Desse modo, analisar as flexibilizações ocorridas a partir do neoliberalismo que alterou as condições de trabalho em nível global é relevante. No contexto brasileiro, a situação é mais complexa, devido a caracterização tanto de uma economia periférica como da composição dos trabalhadores. Uma vez que a exclusão social e a enorme quantidade de mão de obra são fenômenos presentes desde a era escravista (OLIVEIRA, 1998). Assim, é preciso levar em conta os aspectos que interferem direta e indiretamente no mercado de trabalho no Brasil.

Com a urbanização ocorrida no século XX, o mercado de trabalho brasileiro passou por um processo às avessas, uma vez que houve um contingente de mão de obra que se deslocou do campo à cidade sem muita qualificação e com poucas ofertas de trabalho. Quando analisarmos hoje, no século XXI, com mais da metade da população vivendo na cidade e a economia mais modernizada e globalizada, percebe-se que a geração de emprego continua sendo um dos problemas que os países, principalmente os emergentes, enfrentam, sobretudo devido ao aumento das inovações tecnológicas que não foram acompanhadas da qualificação da mão de obra por grande parte da população.

Além disso, as novas relações trabalhistas, nas quais os trabalhadores perdem em duas pontas, pelo Estado que limita seus direitos e pelas empresas no discurso que os profissionais são empreendedores, assim não precisam defender seus direitos trabalhistas. Nessa ótica, é crescente a preocupação dos pensadores que estudam o mercado de trabalho, pois à medida que a oferta de trabalho manual tende a cair devido ao avanço crescente do progresso técnico e com isso, cada vez mais os Estados Nacionais são pressionados a convencerem sua população para flexibilizar as atividades laborais, para que haja geração de emprego no país.

No entanto, vemos que não é o que de fato acontece, quando analisamos as experiências das décadas anteriores. E tampouco isso se concretizara no momento atual, por inúmeras razões,

entre elas, é que a expectativa dos empresários na obtenção de lucro tem muito mais correlação com a geração de emprego do que as reformas trabalhistas em si, como explica a economista Juliane Furno. E é importante enfatizar que diferentemente dos outros momentos, o fim de 2019 foi o marco que mudara em menor ou maior nível a visão do mercado de trabalho.

A pandemia do COVID-19, além de gerar uma enorme incerteza acerca dos rumos da economia em diversos países, foi responsável pela paralisação de muitas atividades econômicas. O fechamento dos fluxos comerciais internacionais, a limitação dos fluxos de pessoas e mercadorias, ocasionaram um impacto severo na economia, e por consequência, a manutenção dos postos de trabalho também foi comprometida.

Mais do que isso, a pandemia fez os empregados e empregadores se renovarem através dos mecanismos tecnológicos que permitiram realização das atividades em home office, e o mais profundo fator em consequência do isolamento foi o questionamento dos trabalhadores a respeito da relação de trabalho. Surgiram no período aqueles que desejaram o fim do confinamento e retorno às firmas e outros que começaram a exigir mais reconhecimento e respeito no mercado de trabalho, sobretudo nos países desenvolvidos.

Dessa forma, a pandemia do Covid-19 trouxe diversos efeitos e desafios ao mercado de trabalho (além das perdas de milhares de vidas mundo afora). Em todo caso, é sabido que os trabalhadores com menor grau de instrução, mulheres, não bancos e aqueles que vivem em regiões remotas foram os mais prejudicados e consequentemente os primeiros a perderem o emprego durante esse período. Assim, é preciso olhar para essa população, uma vez que uma economia que não inclui sua população vulnerável ou as minorias não é economia, parafraseando a ilustre economista Maria Conceição Tavares.

O objetivo desta pesquisa é analisar os impactos da pandemia no mercado de trabalho formal da população negra no estado de São Paulo. Nesse sentido, será analisada apenas a população ocupada na faixa etária a partir de 15 anos, que segundo o IBGE são os trabalhadores que estão exercendo alguma atividade laboral, seja esta remunerada ou não. E ainda serão analisadas duas modalidades de trabalho, presencial e home office, uma vez que esta última prenominou no período pandêmico.

A hipótese geral desta pesquisa é que trabalhadores negros foram os mais impactados pela crise e terão mais dificuldade para retomar suas atividades, dado a já latente e profunda desigualdade racial no mercado de trabalho.

O trabalho está dividido em duas seções, a revisão bibliográfica, que contém quatro partes: i) mercado de trabalho: fins dos anos 1950 e início dos anos 1970; ii) as novas configurações do mercado de trabalho; iii) a flexibilização e uberização do mercado de trabalho e iv) o racismo e o mercado de trabalho brasileiro.

A segunda parte é a análise dos resultados de acordo com os dados da PNAD Covid-19 no estado paulista dividida em duas partes: i) população ocupada e ii) população ocupada em home office. Em ambas foram consideradas as principais variáveis laborais, como faixa etária, grau de instrução, faixa salarial, horas trabalhadas e tipo de emprego fazendo um recorte por cada grupo racial e por gênero.

2. O MERCADO DE TRABALHO E O RACISMO NO BRASIL

Esta seção está dividida em quatro partes: a primeira trata a acerca do mercado de trabalho nos fins dos anos 1950 e início dos anos 70, a segunda aborda as novas formas de configuração do mercado, a terceira diz respeito à flexibilização e à uberização nas relações trabalhistas e por fim, a quarta abordara o racismo, analisando seu contexto e sua incidência na população negra brasileira.

2. 1 MERCADO DE TRABALHO: FINS DOS ANOS 1950 E INÍCIO DOS ANOS 1970

Nos fins dos anos 1950 e início dos anos 1970, o Brasil passou por um processo extremamente rápido de urbanização, no qual a miséria também prevaleceu tanto nas regiões urbanas como nas rurais. A desigualdade social tornou-se um problema persistente no país, decorrente em grande parte da recusa do governo em fazer uma reforma agrária que beneficiasse os trabalhadores e os pequenos agricultores expulsos do meio rural graças a modernização no campo que reduziu gradativamente a necessidade de mão de obra.

Com a intensificação do êxodo rural, o mercado brasileiro tinha à disposição uma elevada quantidade de mão de obra barata e pouco qualificada. Nas cidades, houve um aumento do assalariamento e a formalização das relações contratuais, por outro lado nas grandes empresas e no setor público, a contratação de pessoal foi pequena e variável por região. Diante disso, muitos trabalhadores foram submetidos a condições precárias de trabalho, para garantir, ao mínimo, sua subsistência. Em outras palavras, o mercado de trabalho no Brasil é caracterizado com alto grau de informalidade e baixos salários e rendimentos.

Configurou-se, dessa maneira, um mercado de trabalho sem condições favoráveis à elevação real dos salários de base e com grande liberdade de contratação e dispensa de mão de obra. Esses aspectos são graça a uma ausência de direitos políticos, repressão sindical e implementação de uma política salarial regressiva, com um arrocho inusitado dos salários de base, após o golpe de 64 (HENRIQUE, 1998).

A disparidade das classes sociais se intensificava. As camadas mais altas gozavam das diversificações dos serviços privados, à medida que seu consumo se tornava semelhante ao dos países centrais. Enquanto uma grande parcela da sociedade enfrentava problemas típicos de um país em desenvolvimento que se transformava rapidamente em urbano e dinamizava sua economia. Devido a isso, os serviços coletivos eram insuficientes e essa classe só se beneficiava dos serviços baratos e das atividades comerciais.

Ademais, os benefícios e serviços garantidos aos trabalhadores eram limitados e garantidos apenas para aqueles situados na estrutura de emprego, ou seja, uma parcela mínima de empregados. Essa limitação foi possível graças ao afastamento dos trabalhadores e sindicatos nos processos decisórios. Assim, as políticas sociais tinham um caráter dual,

[...] tornaram-se importantes na reprodução de um mundo do trabalho homogêneo na ausência de cidadania política, mas ao mesmo tempo heterogêneo e desigual no que dizia respeito às condições de trabalho, renda, consumo e proteção social. Dissociadas da participação e do controle dos trabalhadores, as políticas sociais tornaram-se elemento adicionais de legitimação do regime militar (HENRIQUE, 1998, p. 84)

Nos anos 1980, o país mergulha em uma estagnação econômica com um nível de preços acelerado, período este caracterizado no jargão econômico *década perdida*. Diante disso, tanto a indústria de transformação como o comércio reduziram suas contrações. O mercado de trabalho se reduz significativamente, em contrapartida aumentaram as ocupações por conta própria, em especial o trabalho sem carteira assinada, colocando esses trabalhadores à margem da proteção trabalhista. O resultado do baixo dinamismo da geração de emprego, da deterioração do salário real e do nível de desemprego, foi a elevação da desigualdade de renda. A maior parte da população perdeu total ou parcialmente sua renda, outra parcela mínima continuou tendo ganhos substanciais.

As políticas sociais financiadas por contribuições sobre a folha de salários, tais como, recursos previdenciários, salário-educação e FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) foram comprometidas com a crise dos anos 1980, em termos gerais, os gastos no regime militar não tiveram uma queda sistemática, pois houve ao longo da década um leque de mecanismos que visavam aumentar a receita federal. (HENRIQUE, 1998).

Após o regime, a participação da sociedade e instituições foi intensificada, permitindo dessa forma uma reestruturação das políticas sociais, entre eles destacam-se a criação do seguro-desemprego e na área da saúde a universalização do sistema, o SUS (Sistema Único de Saúde). Entretanto, os programas assistenciais tiveram tempo curto na pauta política, uma vez que foram perdendo espaço para gestão econômica e suas exigências de ajuste fiscal. O resultado foi o esperado: intensificação da concentração de renda, pobreza e agravamento da economia.

Na gestão Collor, houve grande incentivo para adequar o gasto público e o financiamento da área social às necessidades de ajuste fiscal, decorrentes da ideologia dominante. O ajuste ortodoxo, que impôs um Estado mínimo e uma economia à mercê do mercado autorregulável, se fazia presente desde o fim do Bretton Woods. Nesse sentido, o Governo tinha receio do aumento

de gastos e consequentemente de ampliar os direitos sociais às camadas mais pobres. Por outro lado, foram criados programas na área habitacional e de saneamento, na tentativa de modernizar o país, mas outros foram extintos.

De forma resumida, nos anos 1990, as condições para que o setor privado fosse um eixo estruturante da estratégia de intervenção pública na área social eram necessários dois fatores: uma ampliação do nível de emprego, com renda que permitisse que os trabalhadores desfrutassem dos serviços privados, e apoio político para direcionar recursos públicos à camada mais pobre da população, isso requeria também um reconhecimento do poder tributário do Estado (HENRIQUE, 1998). Essas condições tornam-se utopias, visto a deterioração do mercado de trabalho, para além disso as restrições que impossibilitavam melhores taxas de crescimentos do país.

2.2 AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos foi o protagonista no cenário internacional, em virtude das suas políticas de auxílio da reconstrução da Europa e de outros países, como o Plano Marshall, dando a eles bases para retornarem seus sistemas de produção (MATTOSO, 1998).

Vale ressaltar que, entre o final da Segunda Guerra e meados dos anos 1970 as economias apresentavam altas e estáveis taxas de crescimento econômico. Há ganhos reais sucessivos nos salários, ao menos nos países centrais, e os gastos sociais se elevaram em combate a desigualdade e pobreza que se reduziram significativamente. Esse período é o chamado “Anos Dourados”.

Até os países da América Latina desfrutaram desse período, se transformaram em nações industriais, saindo de uma sociedade rural para uma sociedade urbana (a população urbana latino-americana saltou de 40,9%, em 1950, para 63,9% em 1978, enquanto nos países desenvolvidos a taxa era de 70,8%). Os países da América Latina tiveram taxas de crescimento da produção industrial superiores às dos Estados Unidos e da Europa nesse período. No entanto, a miséria nos países latinos não se reduziu na mesma proporção que seu crescimento (OLIVEIRA, 1998).

No entanto, nos anos de 1960, os americanos já enfrentam sérios problemas fiscais e de endividamento. Como dito na literatura econômica, os Estados Unidos passam de maiores credores para maiores devedores do mundo. Nesse período o mundo estava mais globalizado do que nunca, o que significa dizer que, não apenas os Estados Unidos estavam com problemas nas suas contas

internas e externas, como os demais países começavam a sentir o mesmo efeito sobre suas contas, isto é, a crise atingia a todos no final dos anos 70.

Ao longo da década de 70 não apenas a desaceleração econômica era pauta, como o processo de financeirização que possibilitou um acúmulo maciço de capital pelos grandes bancos e empresas, a inflação se acelerava, principalmente em países em desenvolvimento, e somado a isso, houve dois choques de petróleo e o fim da paridade do dólar em relação ao ouro.

Esses fatores caracterizam não apenas o fim Estado do bem-estar social, como punham em xeque a hegemonia norte-americana. Visto que, além dos problemas citados, a Alemanha e o Japão eram líderes na Terceira Revolução Industrial no período. Em outras palavras, os Estados Unidos precisavam de uma saída rápida para não perder sua posição no cenário internacional. Então, eles elevaram os juros, aumentando a dívida desses países que eram os seus devedores, provocando uma interrupção nos fluxos de capitais mundo afora. Essa iniciativa também foi essencial para que as indústrias norte-americanas aprimorassem seu progresso tecnológico.

Ademais, havia o anseio dos Estados Unidos em não perder sua hegemonia mundial, não que o socialismo soviético estaria ultrapassando-o, pelo contrário, já havia sinais de que cedo ou tarde a “ameaça comunista” chegaria ao fim e com ela a Guerra Fria, mas seus produtos excedentes precisavam de destino e tampouco o país iria deixar de ser protagonista internacional. Assim, o neoliberalismo foi a saída mais que necessária, seguindo, conforme CANO (1998), três pressupostos básicos: i) a privatização de ativos públicos; ii) a ruptura dos monopólios públicos e iii) a reestruturação produtiva global.

Quanto aos países da América Latina, os efeitos foram adversos. A substituição de importações foi interrompida, a alta dos juros internacionais elevou a dívida externa, a inflação crescia constantemente e os gastos públicos foram cortados, ocasionando assim efeitos negativos na economia. Diante disso, o desemprego cresceu em muitos países, e, conseqüentemente, a desigualdade aumentou.

Somado a isso, os trabalhadores se veem constantemente ameaçados, devido à insegurança do mundo de trabalho, justificada pelo desemprego e pela perda do poder de barganha, dessa forma, segundo MATTOSO (1998) isso deu margem aos discursos xenófobos e fundamentalistas, uma vez que as empresas preferiam mão de obra barata, predominante na periferia do capitalismo.

A busca de otimizar cada vez mais ganhos levavam as transnacionais a transferirem suas linhas de produção a regiões mais vantajosas, isto é, com menor custo de mão de obra e insumos,

além de um mercado potencial. Dessa forma, muitos países, na tentativa de atrair essas empresas, flexibilizaram os direitos trabalhistas e ofereceram incentivos fiscais entre outros meios necessários à instalação dessas firmas. Diante disso, os países centrais flexibilizaram as leis trabalhistas, e direcionaram suas críticas aos países subdesenvolvidos “responsáveis” pela mão de obra barata.

Mas nada foi feito em nível internacional para romper esse tipo de “dinamismo produtivo” praticado pelas multinacionais que causam inseguranças aos trabalhadores e aos Estados. Ademais, a própria OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico) se posicionou contrária à flexibilização do mercado de trabalho, visto que não contribuíram de modo significativo na geração de competitividade e comercial entre os países (MATTOSO, 1998).

2.3 A FLEXIBILIZAÇÃO E UBERIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO

A partir da década de 1970, as indústrias incorporaram a microeletrônica e conectividade em rede no seu sistema produtivo, frutos das inovações tecnológicas. Essa dimensão favoreceu tanto a própria indústria como os consumidores que foram integrados neste novo contexto. Essa nova realidade, porém, significou uma flexibilização da força de trabalho, uma vez que a evolução tecnológica favoreceu menos a utilização de mão de obra. Assim, medidas de desregulamentação das proteções trabalhistas foram intensificadas e as terceirizações ampliadas (FRANCO; FERRAZ, 2019)

A uberização no mercado de trabalho se tornou um fenômeno internacional, levantando um grande debate em torno da relação de trabalho nos dias atuais. Na literatura econômica a relação de trabalho no sistema capitalista se baseia entre o capitalista e o proletariado (trabalhador). O primeiro é dono dos meios de produção e o segundo apenas oferece sua mão de obra em troca de algum tipo de rendimento.

Nessa modalidade uberizada, o motorista também dispõe dos meios de produção, praticamente a totalidade deles - seu automóvel e celular - para realiza sua atividade, cabendo a empresa do aplicativo a intermediação entre o passageiro e o motorista através da sua plataforma. Nesse sentido, os motoristas de aplicativos seriam capitalistas ou trabalhadores? Sem dúvida, não são capitalistas, pois nem recebem os lucros líquidos obtidos pela plataforma e entre outros fatores que os colocam na posição de trabalhadores às avessas.

O termo “uberização” foi designado a empresa Uber¹ partindo da sua ótica de organização de trabalho. Entre as vantagens frente aos seus concorrentes destacam-se o preço acessível ao passageiro, flexibilidade no meio de pagamento e a antecipação do preço da corrida. Os prestadores de serviço da empresa são autônomos, desse modo não tem nenhum tipo de vínculo empregatício. Assim, ficam à margem da proteção trabalhista, assumindo os riscos, além de arcarem com todos os prejuízos relacionados à atividade que possivelmente terão que desembolsar do seu próprio bolso (combustível, reparo e manutenção do veículo, internet etc.) (FRANCO; FERRAZ, 2019)

Cabe aqui definir um conceito apresentado por Marx em relação à atividade produtiva. Segundo FRANCO; FERRAZ (2019), o capital-mercadoria se refere aos empregos de fatores no processo produtivo que permitem a criação de novas mercadorias. Nesse contexto, o valor da matéria-prima, da depreciação, da força de trabalho e o mais-valor constituem o capital-mercadoria. O capital fixo é aquele que demora mais de um ciclo na produção para ser consumido, ao passo que o capital circulante é integralmente incorporado na mercadoria em um único ciclo (MARX, 2014, apud FRANCO; FERRAZ, 2019)

No que diz respeito ao mais-valor (ou mais-valia), Marx o dividiu em dois termos: o mais-valor absoluto que representa o “prolongamento da jornada de trabalho”, enquanto o mais-valor relativo “deriva da redução do tempo de trabalho socialmente necessário para a reprodução da força de trabalho – por meio de melhoria dos métodos, dos instrumentos e/ou da intensidade das atividades na indústria” (FRANCO; FERRAZ, 2019, p.846)

O mais-valor no contexto de uberização está representado na supressão quase que total do capital constante do capitalista, visto que é o motorista que deve “investir” nos equipamentos e na maquinaria para executar seu trabalho. Enquanto a Uber investe apenas no aplicativo e marketing e ainda deixa os envolvidos (motorista e passageiro) fora dos cálculos da corrida. Ademais, quando os meios de produção dos prestadores de serviços da Uber perderam seu valor de uso, a empresa simplesmente os desvinculou da plataforma, através do mecanismo de avaliação presente no aplicativo, desse modo ela não precisa reinvestir em capital fixo. (FRANCO; FERRAZ, 2019).

Em relação ao mercado de trabalho, a “uberização” cria a falsa ideia de que os trabalhadores são os seus “próprios chefes” ou empreendedores, ficando assim de fora de qualquer responsabilidade tangente à atividade. Mas reforça e incentiva a dedicação desses trabalhadores em fazerem mais corridas, pois antes mesmo de finalizar uma, eles recebem notificação de novas

¹ A empresa surgiu nos Estados Unidos, na cidade de São Francisco em 2008.

corridas. E quando eles desejam se desvincular da plataforma, a empresa recorre ao “plano de metas” convencendo-os que “falta pouco para alcançar a meta”.

Além disso, eles devem seguir um padrão determinado pela empresa, caso não cumpra a Uber os desvincula da sua plataforma (método de avaliação dos passageiros). O elevado desemprego é um dos principais fatores que levam os trabalhadores a adentrarem nessa modalidade de trabalho. SEN (2000) apontou a intensidade do desemprego sobre o trabalhador, ao afirmar que - “entre seus múltiplos efeitos, o desemprego contribui para a “exclusão social” de alguns grupos e acarreta a perda de autoconfiança e de saúde física e psicológica” (SEN, 2000, p. 35-36).

Há diversas outras empresas que estão adotando esse novo “padrão” organizacional e inovando cada vez mais nesse aspecto. A Airbnb, por exemplo, tem como finalidade a locação de imóveis particulares e RelayRides, carros de pessoas físicas, essas empresas são do ramo “sharring economy” (economia do compartilhamento), permitindo que os “membros compartilhadores”² desfrutem de melhor formas desses serviços que estão revolucionando o mercado ao redor do mundo.

Ademais, a Procter& Gamble e Exxon utilizam um site, chamado InnoCentive para lançaram desafios, como é online qualquer pessoa de diferentes países pode tentar solucioná-los, caso consiga, ela recebe um prêmio em dinheiro e a empresa torna-se dona dos direitos sobre a solução, podendo nesse caso até patenteá-la (FRANCO; FERRAZ, 2019). “Assim, até a área de Pesquisa e Desenvolvimento de uma empresa pode ser terceirizada para pessoas que sequer são reconhecidas como suas trabalhadoras.” (FRANCO; FERRAZ, 2019, p. 849).

Em muitos países em desenvolvimento, essa nova forma de organizacional se intensifica, visto que esses países possuem uma grande parcela da população desqualificada, automaticamente são as pessoas que estão fora do mercado de trabalho formal. Cabe destacar que, para essas empresas, poucos importa a qualificação da mão de obra, já que apenas precisam que os trabalhadores tenham seus próprios meios de produção e consigam realizar a atividade. Mantendo somente uma parcela razoável de profissionais altamente qualificados em áreas de destaque como tecnologia, programação etc.

² (SLEE, 2017, *apud* FRANCO; FERRAZ, 2019)

2.4 O RACISMO E O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

Nessa seção será abordada a questão do racismo, dividida em duas partes: a primeira trata de uma breve contextualização do racismo e a segunda os seus efeitos social e econômico sobre a população negra brasileira.

2. 4.1 RACISMO ESTRUTURAL E HISTÓRICO

Na literatura não faltam fundamentos que explicam o que é raça e seus desdobramentos para a sociedade. Nesse sentido, seguiremos a ótica que analisa a ideia de raça a partir da era mercantilista, na qual a formação dos Estados Nacionais foi fundamental à burguesia para o desenvolvimento e difusão do sistema capitalista. Assim, a escravidão dos povos negros e indígenas se sustenta na medida que tanto sua exploração como a do seu território serão a base da acumulação primitiva das metrópoles. E diante do contexto histórico, político e social, o racismo será fundamental para justificar a prática de repressão e domínio sobre os escravos que passaram de seres humanos a “coisificados”, isto é, bens materiais dos seus senhores.

Posteriormente, no século XVIII, ideias iluministas que serviram de base às revoluções americana e francesa, colocaram em xeque, senão trouxeram o fim, da velha organização social e econômica ditada pela nobreza, o clero e a monarquia. A razão, a liberdade e a igualdade universais predominam a nova era, isto é, a transição da sociedade feudal à sociedade capitalista, protagonizada pelo europeu, que se transformou no homem universal, categorizando a raça, a cultura e o costume dos não brancos como inferiores. Assim, esses seres inferiores precisavam conhecer e desfrutar da civilização do homem branco. A definição de gênero aqui é importante, pois os ideários civilizatórios ignoram a questão da mulher, ou seja, o patriarcado se mantém nos moldes do novo sistema econômico.

Nessa ótica em que todos os homens são iguais, os haitianos deslumbrados com essa ideia, instauraram a Revolução Haitiana em 1791, que levou à independência do país em 1804. Mas essa ação não foi bem-vista pelos europeus que a princípio defendiam tanto a liberdade e a igualdade universais. Eis a questão: por que o temor dessa atitude que deveria ser aplaudida e apoiada por esses defensores iluministas, já que essa revolução foi inspirada na revolução Francesa, sendo o Haiti colonizado pelos franceses? A resposta é simples: os princípios universais têm limite, e esse limite tem raça (e gênero), sendo reservados apenas ao branco, mais especificamente ao homem branco. O povo negro haitiano pagou pela sua ousadia. Dessa forma foram implementadas medidas

que dificultaram o desenvolvimento do país e isso serviu de exemplo às demais colônias que tentassem ousar tal atitude (ALMEIDA, 2019).

Assim, para conciliar que nem todos são iguais, pois há uma certa ‘hierarquia’ entre os povos, no século XIX surge nos meios acadêmicos e políticos o racismo científico, baseado em supostas características biológicas e geográficas para afirmar que os não brancos são inferiores. Nesse sentido, Arthur de Gobineau aconselhou a não mistura de raças, “pois o mestiço tendia a ser mais “degenerado””. (ALMEIDA, 2019, p. 21)

Esse período é marcado pelo movimento do neocolonialismo, em que as grandes potências, novamente em nome da razão, dividiram o continente Africano a partir da Conferência de Berlim (1884), uma vez que os africanos, “segundo seus formuladores, estariam fadados à desorganização política e ao subdesenvolvimento” (ALMEIDA, 2019, p. 21). O fato é que mais uma vez o continente foi vítima dos países que não mediram esforços para sustentar seu desenvolvimento à custa da miséria de muitos africanos, tirando de suas terras recursos naturais e acentuando as guerras civis, devido à heterogeneidade de etnias (e rivais) que foram realocadas no mesmo espaço.

No início do século XX, a antropologia e a biologia, “especialmente a partir do sequenciamento do genoma”³, demonstraram que não há evidência nenhuma de superioridade racial, isto é, não existe raça superior e tampouco inferior. Assim, a explicação para todos os atos discriminatórios promovido pelo homem branco se baseia fundamentalmente em ato político, para justificar suas ações de exploração e genocídio dos “povos primitivos”.

2.4.2 INCIDÊNCIA SOCIAL E ECONOMIA SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA

Apesar de a ciência trazer à tona que não há superioridade racial entre nenhuma etnia, o racismo prevaleceu e não falta motivo que explique a permanência da discriminação de determinados grupos devido à sua etnia. Contudo, não nos limitaremos à definição do racismo individual praticado por pessoas racistas, e sim do papel do Estado na manutenção do racismo na sociedade.

No caso brasileiro, seu papel foi fundamental para que todos convivam com as culturas negra e indígena, sem necessariamente eliminá-las, pois podem ser marginalizadas – consideradas “exótica” e “sem importância e significado” - ao passo que a cultura branca ganha o centro, isto é,

³ Ver ALMEIDA, Silvio. “*Racismo Estrutural*”. 2019. p.22

deve ser seguida e imitada. Dito de forma mais clara: o Estado é crucial para manter de forma orgânica a naturalização do domínio de uma elite branca sob uma sociedade multirracial, repleta de desigualdade social e econômica.

Muitos economistas, ao analisarem o desenvolvimento econômico do Brasil, colocaram em segundo plano ou simplesmente ignoraram a questão racial. Considerando a classe trabalhadora homogênea, não ressaltaram a problemática da população não branca, e consequentemente os efeitos da discriminação impostas a ela. Tampouco levaram em consideração o papel da mulher, em especial da mulher negra. Essa crítica se estende a todos os formuladores da Ciências Econômicas, como Adam Smith que na sua teoria sequer caracteriza o trabalho doméstico como uma atividade econômica, exercido primordialmente por mulheres. Segundo BENGIOA (2018) os economistas

ilustrados, sensatos e estudiosos da realidade social e dos processos de reprodução e de acumulação – não consideraram em suas análises o trabalho doméstico e de cuidados, necessário para a subsistência dos trabalhadores e suas famílias. Smith reconhece a importância do trabalho realizado nas casas para a sobrevivência das crianças e a reprodução econômica familiar, mas não lhe outorga um caráter econômico. (BENGIOA, 2018, p.37)

Assim, o trabalho doméstico é essencial à economia, à medida que sem ele, não podemos falar propriamente de economia, já que todo processo produtivo começa com os afazeres domésticos.

Voltando à questão racial, o Estado cumpre um papel importante legitimando direta e indiretamente o racismo. Na Alemanha Nazista, nos Estados Unidos segregacionista antes 1963 e na África do Sul sob o regime apartheid até 1994, todos esses fenômenos racistas só foram possíveis graça ao Estado que legitimou todos os atos. Como disse Goldberg “o racismo não é um dado acidental, mas é um elemento constitutivo dos Estados modernos” (ALMEIDA, 2019, p.54). Assim, no sistema capitalista, o Estado é fundamental não apenas para manter a ordem - liberdade, igualdade de todos perante a lei, mas também a propriedade privada e o domínio de uma classe masculina, branca e conservadora. Para isso, utiliza de instrumentos legais, como o poder judiciário, a saúde pública, a política fiscal e as instituições - empresas, escolas, mídias etc.

Mesmo que o Brasil não tenha implementado nenhuma lei segregacionista, podemos dizer que essa medida não foi necessária, visto que, “o negro sabe seu lugar”. Ou seja, desde a Lei Áurea (1888) apesar dos negros serem libertos, eles não foram inseridos na sociedade, isto é, foram “soltos” à própria sorte. Na década de 1930, o Estado difundiu a falsa ideia da democracia racial,

prejudicando a discussão e o debate sobre o racismo. E atualmente, os negros vivem entre a incerteza de estarem ou não vivos amanhã, especialmente os jovens negros das periferias dos grandes centros, que segundo as estatísticas são as maiores vítimas da polícia.

Assim, definimos o primeiro ato da participação do estado - a violência policial, mais especificamente o encarceramento da população negra. Muitos autores denominam isso como necropolítica, onde a morte e a política são exercidas por um agente, o Estado. No que tange a saúde pública, não é preciso recorrer à guerra para determinar quem vive ou não, basta, como analisa Foucault, utilizar a saúde para tal meio, “o saneamento básico, as redes de transporte e abastecimento, a segurança pública, são exemplos do exercício do poder estatal sobre a manutenção da vida, sendo que sua ausência seria o deixar morrer”. (ALMEIDA, 2019, p.70-71)

Não por acaso, as maiores favelas do país, que são habitadas pela população negra, carecem desses serviços básicos. Vale ressaltar que, para o autor, a morte aqui não é entendida somente no seu sentido literal, de tirar a vida, e sim “como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição”. (ALMEIDA, 2019, p. 71). Ademais, a estrutura tributária brasileira incide mais sobre o consumo do que na renda, um sistema tributário altamente regressivo. Ou seja, sobre um bilionário e um pobre no Brasil incidem os mesmos tributos ao comprarem alimentos.

Dessa forma, a tributação regressiva recai sobre os mais pobres, que têm a maior parte do seu salário gasto em alimentos. Considerando que a mulher negra é a que ganha a menor diferença salarial entre os grupos de trabalhadores, pois ocupa cargos que não são muito valorizados pela sociedade, como doméstica, babá etc. Assim, a situação da mulher negra vai além da negligência na saúde, relacionamento, pobreza etc., sendo obrigada constantemente a conviver simultaneamente em uma sociedade racista e machista (ALMEIDA, 2019). A mulher negra tem a Função de *Outro* do *Outro*, segundo Kilomba (2012)

[...] mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supematista branca, uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade. [...] Mulheres negras, nessa perspectiva, não são nem brancas e nem homens, e exerceriam a função de *Outro* do *Outro*. (RIBEIRO, 2019, p.38)

Vale ressaltar que as instituições reproduzem o racismo que é existente na sociedade, ou seja, torna-se natural observar a maioria dos funcionários de serviços braçais serem negros e muitos não estranharem isso, ao passo que é estranho ver um CEO de uma grande empresa ser negro. Essa estranheza nada mais é que a naturalização de grupos raciais que ocupam predominantemente

determinados cargos. Os brancos sempre estão em cargos mais prestigiados, enquanto os negros não.

Entretanto é nesse sentido que a meritocracia é justificada, visto que, se há pessoa negra, mesmo que poucas, nesses cargos então basta a pessoa se esforça para conseguir, ignorando completamente a situação desigual do negro na sociedade, sendo a principal vítima da miséria, da violência, além da baixa escolaridade e emprego que esse grupo enfrenta. Ou seja, “o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial.” (ALMEIDA, 2019, p.52). Ademais, a mídia tem um papel importante nesse caso, visto que, sempre os negros assumem estereótipos negativos, tais como, “malandro”, “bandido”, “maloqueiro” etc.

3. MERCADO DE TRABALHO: MENSURAÇÃO E ANÁLISE NA ERA DA COVID-19

Essa última seção está dividida em cinco partes: a primeira parte corresponde aos indicadores do mercado de trabalho, a segunda aos salários e suas formas de medidas, a terceira às bases de dados nas quais são coletadas as informações do mercado de trabalho no Brasil. A quarta abordara sobre a pandemia da Covid-19 trazendo um panorama geral e por fim, a quinta parte será a análise de dados da PNAD Covid-19 no estado de São Paulo.

3.1 DOS INDICADORES

Analisar os indicadores do mercado de trabalho é uma ferramenta fundamental para tomadas de decisões tanto das empresas quanto do governo. Para as empresas, a importância dos indicadores serve basicamente para ajustar os preços dos seus produtos e/ou serviços e ainda podem ser muito úteis, caso desejem dinamizar seu quadro de funcionários (contratando e/ou demitindo trabalhadores). Ao governo é relevante, pois possibilita melhores diretrizes e planejamento na elaboração de políticas públicas e econômicas, visando garantir melhor padrão de vida a população, nas condições de emprego e renda e ainda medir o nível de pobreza e miséria no país.

Esses são alguns exemplos, visto que as estatísticas do mercado de trabalho impactam diretamente todos os agentes econômicos inseridos no modo de produção capitalista. Assim, os indicadores são de extrema relevância tanto na ótica da microeconômica como da macroeconomia.

A população total, na ótica do mercado de trabalho brasileiro, assumindo como definição o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), é composta pela população abaixo da idade para trabalhar (menores de 14 anos) e pela população em idade de trabalhar (acima de 14 anos ou mais). Sendo essa segunda estatisticamente classificada como População em Idade Ativa, PIA. Os limites de idades da PIA são definidos seguindo critérios de cada país, pois levam em consideração o perfil da população e o dinamismo do mercado.

A PIA é constituída pela População Economicamente Ativa (PEA) e pela População Não Economicamente Ativa (PNEA).

A PEA é formada pela População Ocupada (PO) e Desocupada (PD). Essa última é popularmente conhecida como desemprega, e corresponde à pessoa que não está empregada, mas está à procura de uma recolocação no mercado de trabalho. Enquanto a PO são indivíduos que exercem alguma atividade, seja ela remunerada ou não, corresponde aos empregados (com ou sem carteira de trabalho assinada), os empregadores e os trabalhadores independentes. Além disso,

estão incluídos na PO os empregados que trabalham em tempo completo ou parcial (menos de 40 horas semanais - são os subocupados por insuficiência de horas trabalhadas que gostariam de trabalhar mais horas).

Por outro lado, a PNEA é composta por indivíduos que constituem a força de trabalho potencial, são aqueles que podem integrar o mercado de trabalho. Nessa categoria, há os que procuram trabalho, porém não estão disponíveis e aquelas que não procuram nenhum tipo de ocupação, mas estão disponíveis - são os desalentados que desistiram de procurar emprego e os não desalentados. Além dessa categoria e subcategorias, na PNEA também há os que estão fora da força de trabalho potencial, como as donas de casas, estudantes, aposentados e outras pessoas que não têm interesse ou condições de exercer alguma atividade.

Dessa forma, a subutilização da força de trabalho no Brasil é composta por todos os indivíduos em idade ativa para trabalhar presentes nas categorias ou subcategorias de subocupados (jornada de trabalho parcial), desocupados e os que formam a força de trabalho potencial.

Vale ressaltar alguns pontos importantes: de acordo com CHAHAD (1992), o desemprego não significa inatividade (como demonstrado acima), nem todos que têm idade ativa para o mercado de trabalho poderão formar a força de trabalho disponível, seja para o setor privado ou público. Além disso, nessas estatísticas não são levados em consideração a qualidade de trabalho, o nível de escolaridade e o tempo de experiência dos trabalhadores. “Desta forma a PEA deve ser interpretada como um conceito parcial no que diz respeito à oferta do trabalho imediatamente utilizável de um país” (CHAHAD, 1992, p.385)

O mercado de trabalho pode ser caracterizado como formal e informal. No Brasil o trabalho formal é aquele que garante os direitos trabalhistas, isto é, o empregado tem sua carteira de trabalho assinada pelo seu empregador. Os empregados nesse regime contribuem com a previdência, enquanto os autônomos com o registro municipal e os empregadores com a constituição de uma empresa.

O setor informal é composto pelos desempregados (PD) nesse mesmo campo contém os assalariados sem carteira de trabalho assinada, além disso há os trabalhadores independentes, ressaltando que os profissionais liberais não se enquadram nessa definição e por último há os pequenos empregadores. Sinteticamente, o setor informal é a soma dos trabalhadores independentes mais os pequenos empregadores.

O setor informal é composto por trabalhadores assalariados sem registro em carteira, os independentes de baixa renda, excluídos os profissionais liberais e os

pequenos empregadores. Não resta dúvida de que essa classificação pode incorporar trabalhadores plenamente integrados e protegidos socialmente. Existe, no entanto, um razoável consenso de que a maior parte desse segmento de ocupados realiza sua atividade fora do amparo legal e em condições de razoável precariedade produtiva. (DEDECCA, 1998, p. 99)

A dimensão do setor informal, na ótica brasileira, será a somatória do trabalho independente mais dos empregadores de pequenos negócios e, em alguns casos, acrescidos dos assalariados sem carteira de trabalho assinada e dos trabalhadores domésticos na população ocupada.

Diante disso, cabe analisar os principais indicadores no mercado de trabalho que serão fundamentais para análise e compreensão dessa pesquisa: i) taxa de participação econômica, ii) taxa de ocupação, iii) taxa de desemprego, iv) taxa de desemprego aberto e v) taxa de assalariamento.

Quadro 1: Principais indicadores

Taxa de participação	$\frac{\text{População Economicamente Ativa}}{\text{População em Idade Ativa}}$
Taxa de ocupação	$\frac{\text{População Ocupada}}{\text{População Economicamente Ativa}}$
Taxa de desemprego total	$\frac{\text{População Desocupada total}}{\text{População Economicamente Ativa}}$
Taxa de desemprego aberto	$\frac{\text{População Desocupada aberto}}{\text{População Economicamente Ativa}}$
Taxa de assalariamento	$\frac{\text{População Assalariada}}{\text{População Ocupada}}$

Fonte: DEDECCA, 1998, p.102.

Taxa de participação econômica: é a razão entre a PEA pela PIA, ela mede os indivíduos que estão exercendo atividades produtivas de bens e/ou serviços compondo a força de trabalho na

economia e mais aqueles que estão dispostos a trabalhar. Segundo CHAHAD (1992), o que se observa em muitos países em relação a essa taxa é que há uma participação desigual entre os gêneros, sendo o mercado dominado mais por homens. Uma das razões é a exclusão do trabalho doméstico nesse indicador, atividade feita majoritariamente por mulheres. A participação dos adultos é maior do que a dos jovens ou idosos, as justificativas são os estudos e a falta de experiência para os primeiros, e aposentadoria para os segundos.

Taxa de ocupação: é a relação entre a PO e a PEA. Indica a proporção da população que está ocupada sobre a força de trabalho na economia. Essa mensuração permite analisar o bem-estar da população nas condições de emprego e trabalho.

Taxa de desemprego: é um dos índices mais conhecidos, a partir dele é possível observar a capacidade ociosa da economia e o padrão de vida da população. A taxa de desemprego é a razão entre a PD e a PEA. Desse modo, a mensuração desse indicador é peça chave no que tange a dinâmica do mercado de trabalho, visto que reflete o quanto da mão de obra está ociosa na economia e poderia estar sendo empregada. Além disso, ao analisar esse indicador deve-se levar em consideração algumas ressalvas antes de afirmar o desequilíbrio laboral da economia (oferta e demanda de trabalho). Segundo Chahad (1992) são essas:

- O desemprego involuntário, também conhecido como desemprego cíclico ou conjuntural, que ocorre quando a pessoa só aceita trabalhar recebendo um determinado salário, como aquele que vigora no mercado, ou seja, não recebe abaixo do que o mercado está pagando, então prefere permanecer desempregada.
- Enquanto o desemprego estrutural ou tecnológico é aquele que exclui os trabalhadores à medida que avança o progresso técnico, isto é, determinadas funções e setores da firma tornam-se menos intensivos em trabalho.
- O desemprego friccional, diz respeito a imperfeições dos dados do desemprego, pois quando um trabalhador sai do mercado de trabalho e encontra uma nova ocupação, nesse espaço de tempo ele ainda é considerado desempregado, pois não está oficialmente empregado, devido os trâmites de demissão e admissão.
- Por fim há o desemprego sazonal, decorrente de determinadas atividades que são mais intensas em certo período, por exemplo, no fim do ano devido às festas surgem diversas vagas temporárias, reduzindo desse modo, o desemprego.

Taxa de desemprego aberto: essa taxa mensura o subemprego presente na economia, uma vez que existe uma força de trabalho subutilizada. Ao contrário da taxa anterior, esse índice mede a relação entre a PD aberto pela PEA.

Taxa de assalariamento: é a razão entre a População Assalariada (PA) pela PO. Indica o quanto da população ocupada é composta pelos trabalhadores assalariados, ou seja, que são remunerados pelo seu serviço prestado à firma. Essa taxa é importante, pois permite analisar a rendimento do emprego e trabalho ofertado na economia.

3.2 SALÁRIOS

a) Nominal e Real

Assim como os indicadores são importantes para mensurar o mercado de trabalho, o salário também se torna uma ferramenta essencial no sistema econômico. O salário atribuído à força de trabalho é o que constitui a renda dos trabalhadores, que se dedicam determinadas horas em alguma atividade. O nível de salário nominal é determinado por diversos fatores, como escolaridade, idade, experiência profissional, entre outros. O tamanho e o tipo de firma, a região e o país também são bases importantes na definição salarial e obviamente o governo e a intensidade de atuação dos sindicatos que podem ou não pressionar por aumento de salário.

O salário real é a relação entre o salário nominal sobre o nível de preços. Caso esse último seja medido pelo IGP (Índice Geral de Preços), o salário real corresponde ao custo da firma em relação à mão de obra que ela emprega; se o nível de preços é medido pelo PC (Índice de Preço ao Consumidor), nesse caso o intuito é saber o poder de compra do trabalhador, ou seja, o quanto da renda do trabalhador é suficiente para continuar adquirindo sua cesta de consumo. Além disso, a evolução do salário real é ocasionada pelo crescimento dos preços, a inflação, por outro lado, o salário nominal é pela política salarial e o desemprego. (CHAHAD, 1992)

b) Médio e Mediano

O salário médio corresponde à soma de todos os rendimentos pelo número de indivíduos ocupados em determinado período. Nesse sentido, a massa salarial ou massa de rendimentos do trabalho seria o salário médio multiplicado pelo número de ocupados no período, desde que sejam eliminados os ocupados que não declararam renda. (DUQUE, 2021).

O salário mediano ou renda mediana busca ser mais fiel do que a variação da renda média, visto que essa última pode estar viesada – o resultado pode ser elevado, devido às rendas altas em detrimento das baixas, por exemplo um aumento dos salários altos pode implicar que a renda geral subiu, mesmo que a renda baixa tenha caído no período analisado. Isso é um caso comum em todos os cálculos de média. Assim, a renda mediana é importante para demonstrar, de forma mais real, o quanto o poder de compra do trabalhador aumentou ou diminuiu em determinado período (DUQUE, 2021).

3.3 BASES DE DADOS

a) PNAD Contínua

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) foi implementada no país, abrangendo todo o território nacional a partir de janeiro de 2012. Segundo o IBGE, a PNAD Contínua tem como finalidade analisar de curto a longo prazo as variações decorrentes no mercado de trabalho, além de abranger outras informações úteis, buscando aprimorar o estudo do desenvolvimento socioeconômico do país. A coleta de dados é feita em domicílio.

A periodicidade disponível para estudos ou informações são (DUQUE, 2021; “Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua”, [s.d.]):

- mensal: conjunto restrito de indicadores em nível nacional (sem informações para Estados ou Regiões)
- trimestral: conjunto de indicadores para todos os níveis governamentais (Estados e Municípios e Regiões)
- anual: informações adicionais (temas) e indicadores complementares à força de trabalho

Os dados da PNAD Contínua mensal são trimestrais, ou seja, são coletadas informações dos últimos três meses consecutivos, nesse caso é recomendado observar os dados dos meses de março, junho, setembro e dezembro, caso queira uma amostra anual de algum indicador, desse modo evitando a dupla contagem (DUQUE, 2021).

A PNAD Contínua trimestral possui uma variável de dados, como “mobilidade de renda, ocupações, classe, condições no mercado de trabalho etc.” (DUQUE, 2021, p. 215), informações relevantes para uma boa interpretação e análise da força de trabalho no Brasil. Por fim a anual,

embora parecida com a trimestral, tem suas informações acumuladas ao longo do ano ou trimestral, nessa amostra obtemos dados de programas sociais, como o bolsa família e o BPC (Benefício de Prestação Continuada), além de outros tipos de renda, complementares ou não ao indivíduo.

b) PNAD COVID-19

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD COVID19⁴ tem o objetivo de estimar o número de pessoas com sintomas relacionado à síndrome gripal e monitorar os impactos da pandemia da Covid-19 no mercado de trabalho no país, segundo o IBGE.

Essa amostra é fixa e teve início em 4 de maio de 2020, sendo as coletas realizadas por telefone – “aproximadamente, 48 mil domicílios por semana, totalizando cerca de 193 mil domicílios por mês, em todo o Território Nacional”. Para alguns indicadores os dados são divulgados semanalmente em nível brasileiro, os mais amplos têm divulgações mensais por Unidade da Federação.

A PNAD COVID19 é uma pesquisa pioneira, baseada em Estatísticas Experimentais elaborada pelo IBGE, assim alcançando o objetivo do instituto de modernização.

c) CAGED

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), diz respeito ao mercado de trabalho formal, portanto seus dados são coletados pelo Ministério do Trabalho, por meio dos registros administrativos preenchidos pelos empregadores. O objetivo é analisar o fluxo de empregados e desempregados no setor formal, isto é, a variação de admissões e demissões de funcionários em empresas privadas formalmente vinculadas ao regime da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), nesse caso são excluídos os servidores públicos, militares e estatutários.

Assim, o CAGED “informar sobre o número de admitidos e demitidos todo mês (por estado, sexo, faixa de idade, entre outras informações), [...] também apresenta os salários de admissão e de demissão.” (DUQUE, 2021, p. 217). Além disso, o sistema é útil para o Programa de Seguro-Desemprego, uma vez que os dados coletados são relacionados ao setor formal da economia. E ainda serve de base para outros programas sociais, desenvolvimentos de estudos, pesquisas etc.

4 (“Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD COVID19”, [s.d.]),

d) RAIS

A Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) também está relacionada ao setor formal, porém diferente do CAGED, seu banco de dados inclui os servidores públicos, militares e estatutários. Segundo DUQUE (2021) a RAIS é um estoque em comparação com o CAGED que é denominado como um fluxo, sendo a base da primeira anual com referência em dezembro. Nesse sentido, o primeiro possui diversas informações que podem identificar de forma anônima tanto os empregados como a firma na qual trabalham.

Assim, o objetivo da RAIS possui semelhança com os dados anteriores, suas informações servem, basicamente, para conhecer e mensurar os dados do mercado de trabalho formal, no intuito dessas informações coletadas servirem de base para entidades governamentais, estatísticas da força de trabalho, estudos e pesquisas.

e) Censo Demográfico

O Censo é a maior pesquisa realizada no Brasil e de maior referência, pois abrange todos os municípios e regiões do país, devido a isso, ele ocorre a cada 10 anos. O último foi realizado em 2010 e estava previsto para ocorrer em 2020, mas em decorrência da pandemia do Covid-19 foi adiado para 2021.

As informações são coletadas a partir da visita dos recenseadores do IBGE no domicílio brasileiro. Há dois tipos de questionários, o Básico e Amostra, o primeiro “investiga informações sobre as características do domicílio e dos moradores. [...] [E o] Questionário da Amostra, inclui, além dos quesitos presentes no Questionário Básico, outros mais detalhados, bem como quesitos sobre temas específicos”⁵. Desse modo, os questionários incluem informações básicas e específicas dos entrevistados, não se referindo apenas ao mercado de trabalho formal, como os dados anteriores.

Assim, os dados do Censo, por serem mais a “caricatura” real da população brasileira, são base primordial para muitos estudos, pesquisas e fundamentalmente servem como base as entidades governamentais (municipais, estaduais e federal).

3. 4 MERCADO DE TRABALHO E A PANDEMIA DA COVID – 19

⁵ (“IBGE”, [s.d.])

Essa seção corresponde ao panorama geral da pandemia da Covid-19, sua origem e desdobramentos na economia, e sobretudo sua incidência no Brasil.

3. 4. 1 PANORAMA GERAL E O CASO BRASILEIRO

Segundo o Ministério da Saúde, em 26 de fevereiro de 2020 foi confirmado o primeiro caso de Covid-19 no Brasil. Um homem de 61 anos, de São Paulo, que contraiu o vírus tinha viajado à Itália no período. A primeira morte pelo coronavírus foi confirmada no dia 12 de março do ano passado, era uma mulher, também de São Paulo, de 57 anos. Exatamente há um ano, três meses e sete dias após o primeiro óbito, o Brasil, em 19 de junho de 2021, ultrapassou meio milhão de mortes por Covid-19, ficando atrás apenas dos Estados Unidos.

Antes, é importante explicar brevemente o que é a pandemia do coronavírus. “A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global”. Tudo indica que a origem do vírus é proveniente da cidade chinesa Wuhan, província de Hubei, onde os pacientes apresentavam uma pneumonia desconhecida em dezembro de 2019. Desde então, diversos casos foram surgindo na cidade e as autoridades internacionais foram ficando cientes do acontecimento, adotando ou ignorando medidas preventivas contra o coronavírus que ultrapassou a fronteira chinesa.

A rápida transmissão e contaminação do vírus pelo mundo, fez com que o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Ghebreyesus a declarasse estado de pandemia mundial em 11 de março de 2020⁶. A definição de pandemias é, segundo professor ALMEIDA-FILHO,

[...] megaepidemias que escapam ao controle de órgãos e sistemas de proteção à saúde pública do seu local de origem e ultrapassam fronteiras nacionais, alcançando numerosos países e diversos continentes. O caso da pandemia da COVID-19 é especial porque essa enfermidade reúne condições de forte transmissibilidade: baixa letalidade e virulência, reduzida patogenicidade, altíssima infectividade. (ALMEIDA-FILHO, 2021, p. 215)

O coronavírus atinge mais severamente as pessoas que já possuem algum tipo de comorbidade, como obesidade, hipertensão e diabetes, além dos idosos que têm uma saúde muitas vezes debilitada. A situação também se agrava nos grupos vulneráveis da sociedade: o vírus, devido a sus características de contágio, atinge sobretudo os “negros, pobres, residentes em áreas urbanas

⁶ (JOHNSON, 2020)

degradadas ou em localidades remotas isoladas, com acesso reduzido a serviços de saúde com qualidade-equidade” (ALMEIDA-FILHO, 2021)

Desse modo, para amenizar a situação era preciso mais do que nunca ampliar medidas favoráveis ao sistema único de saúde (SUS) e garantir que a população evitasse aglomerações, como recomendado pelas autoridades de saúde. No entanto, o teto de gastos que congela os gastos públicos por 20 anos (Emenda Constitucional nº 95, de 2016) desfavoreceu os investimentos na área da saúde que já era subfinanciada, soma a isso o desmonte de programas como Mais Médicos, Farmácia Popular entre outros. (COSTA, 2020). Outro problema é a agenda econômica liberal do governo que zela pela austeridade fiscal e a intervenção mínima do Estado na economia. (ALMEIDA-FILHO, 2021).

Além disso, o campo produtivo do país é marcado por uma desindustrialização, com especialização em bens primários que tem como principal destino a China, onde se iniciou a epidemia da Covid-19 e ainda a maior parte da força de trabalho está ocupada no setor informal (COSTA, 2020). Somado a isso, há o negacionismo dos governantes, principalmente do Governo Federal que ignoraram (e ignoram) veemente as medidas preventivas do combate à pandemia.

Com isso, deixam a população, em especial a mais vulnerável à própria sorte, num dilema - ou salva a economia (adotando o isolamento vertical para atingir a “imunidade de rebanho”⁷) ou morremos de fome, devido ao fechamento das firmas e consequentemente a perda do emprego e da renda. Nas palavras do Presidente da República “a cura ficar pior que a doença em si”. E afirmou inúmeras vezes que “as mortes serão inevitáveis e que as pessoas deverão aceitar passivamente essa fatalidade” (CAMPOS, 2020)

Como dito, há uma parcela da população que devido às suas condições econômicas e sociais não podem fazer o isolamento social, assim devem se expor diariamente, seja para não perder o emprego ou para garantir seu sustento (trabalha informalmente). Nessa ótica, entram também as condições de moradia de muitas cidades brasileiras que vivem em situação precária (sem saneamento básico, por exemplo) e muitas famílias vivem com grande contingente de pessoas. Além das populações quilombolas, ribeirinhas e indígenas que possuem suas particularidades. Assim uma pandemia como essa incrementa ainda mais a desigualdade social já existente no país.

⁷ “Na expectativa de se alcançar uma suposta “imunidade de rebanho”, pretendia-se suspender medidas gerais de controle epidemiológico, isolando somente grupos vulneráveis, idosos e pessoas com comorbidades” (ALMEIDA-FILHO, 2021)

Sem contar os moradores de rua que não possuem condições básicas de higiene e tampouco podem acatar o isolamento.

Por outro lado, o Brasil é referência mundial em imunização e possui um dos maiores sistemas de saúde, além de ser universal e gratuito abrangendo todo o território nacional. Então, surgem as perguntas: onde falhamos? Por que o Brasil registrou tantas mortes? Sem dúvida, a postura do Governo Federal teve grande efeito negativo no combate à pandemia. Entre suas ações, e de muitos dirigentes que seguiram sua postura irresponsável, estiverem o incentivo à não adesão a quarentena e às medidas de distanciamento, promovendo aglomerações e se posicionando contrário ao uso de máscaras, além de defender tratamentos farmacológicos como antimalárico, anti-helmíntico de uso veterinário e remédio contra piolho sem qualquer comprovação de eficácia para a COVID-19 (ALMEIDA-FILHO, 2021). A insistência nesse tipo de tratamento nos deixou como herança um estoque de cloroquina por 18 anos⁸.

Diante disso, a responsabilidade por muitas mortes que deveriam ser tido evitadas, não se restringe apenas ao enfrentamento perverso e imparcial do Presidente da República, que em plena crise sanitária teve três ministros da Saúde, como também de toda as entidades públicas – câmara dos deputados e senado, assembleias legislativas (estadual e municipal) e o sistema judiciário – e uma parcela considerável da população civil e empresarial que corroborou para impulsionar fake News, dificultando iniciativas sérias e consciente no combate a pandemia. Ou seja, uma crise dessa magnitude exige responsabilidade individual e coletiva com um direcionamento claro e coerente com as autoridades de saúde.

E infelizmente as vidas perdidas – mais de 500 mil brasileiros – não poderão ser recuperadas, ALMEIDA-FILHO (2021) já previa essa tragédia ao analisar a situação do país e as medidas adotadas pelas autoridades,

“o preço a ser pago será um gerontocídio anunciado no seio de um genocídio camuflado, numa sociedade que já tem sofrido em demasia com desigualdades, discriminações, iniquidades e injustiças herdadas de sua triste história de colonialismo, escravismo e patriarcado”. (ALMEIDA-FILHO, 2021, p. 223)

⁸ (PORTINARI, [s.d.])

3.5 ANÁLISE DA POPULAÇÃO OCUPADA NO ESTADO DE SÃO PAULO - PNAD COVID-19

Antes de analisarmos os dados da PNAD Covid-19 com recorte no estado de São Paulo, é preciso adentrarmos no ano de 2020, período que consiste na amostra, isto é, não é apenas analisar os dados de forma numérica, é necessário e essencial entender o contexto e o cenário do período.

O ano de 2020, como já visto na seção anterior, foi um ano totalmente atípico, em que diversos países estavam num dilema entre ‘salvar a economia’ ou a vida? Como se essa pergunta fosse extremamente difícil ao ponto de muitos governos ficarem em dúvida entre escolher a vida humana à ‘economia’ que por sua vez é feita por humanos, ou seja, sem pessoas não há economia, isso racionalmente falando. Podemos citar aqui o pai do liberalismo econômico, Adam Smith que no seu livro “*Riquezas das nações*” demonstrou claramente que são os agentes econômicos que regem a economia não ao contrário, dessa forma, a vida humana deve ser prioridade em quaisquer circunstâncias.

Mais do que questões econômicas, a pandemia do coronavírus destruiu vidas, seja através da morte ou do sofrimento da perda de um ente querido e/ou alheio. Por esses motivos e tanto outros é preciso um olhar crítico ao analisar os dados a seguir, buscando sempre lembrar do ano em questão – 2020, em que as incertezas, inseguranças e medos foram sentimentos sentidos em todos os âmbitos, até mesmo pelo mercado financeiro que é constantemente ‘humanizado’ pelas mídias, como diz o escritor e economista Eduardo Moreira.

Em 20 de março de 2020, o governador do estado de São Paulo reconhece a calamidade pública (Decreto Nº e em 24 de março de 2020) e em 22 de março do mesmo ano é decretada a quarentena na federação no período de 40 dias delimitando as atividades econômicas (Decreto Nº 64.881, de 22 de março de 2020), no entanto ao longo do período a quarentena foi sendo prorrogada ou limitada conforme o aumento dos casos de contaminação e morte por Covid-19.

Em 28 de maio de 2020 é instituído o Plano São Paulo, através do Decreto Nº 64.994, para uma retomada consciente dos setores da economia no estado a partir de 01 de junho de 2020. Nesse plano o estado foi dividido em 17 Departamentos Regionais de Saúde com uma escala de cinco níveis para abertura econômica⁹. Além disso, cada município teve autonomia para fazer suas restrições necessárias ao combate a Covid-19, seguindo as diretrizes estabelecidas pelo Estado.

⁹ Fase 1: Alerta máximo; fase 2: controle; fase 3: flexibilização; fase 4: abertura parcial e fase 5: normal controlado. Para saber mais acesse: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/PlanoSP-apresentacao-v2.pdf>

Disto isso, a análise dos dados da PNAD Covid-19 será dividida em duas seções. A primeira será um panorama geral de como a pandemia afetou os trabalhadores que estavam ocupados no período de referência da amostra. A segunda parte consiste em analisar como a modalidade de trabalho home office impactou os trabalhadores, isto é, qual perfil de mão de obra que mais se “enquadrou” nesse tipo de trabalho que vigorou de forma significativa no momento pandêmico.

Ressaltando que a PNAD Covid-19 tem como período de coleta de dados de maio a novembro de 2020 e a faixa etária da força de trabalho, segundo o IBGE, é a partir de 14 anos, no entanto na análise da variável “faixa salarial” serão analisados os dados de pessoas a partir dos 15 anos.

3.5.1 PANORAMA GERAL: POPULAÇÃO OCUPADA

A tabela abaixo mostra o total de trabalhadores que haviam trabalhado por pelo menos uma hora ou feito algum bico (população ocupada) – mão de obra - por sexo.

Tabela 1: Mão de obra por sexo entre maio e novembro de 2020

Mês	Homem	Mulher
Maio	58%	42%
junho	58%	42%
julho	58%	42%
agosto	58%	42%
setembro	58%	42%
outubro	58%	42%
novembro	58%	42%

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

A primeira informação que extraímos da tabela acima é a desigualdade de ocupação entre os gêneros. Segundo o Censo de 2010, a população feminina é superior à masculina, mas como se observa na tabela 1 quase 60% dos indivíduos do sexo masculino realizaram alguma atividade laboral durante o período, superando os do sexo feminino. Todavia, nem todos os indivíduos são disponíveis para força de trabalho conforme explicado anteriormente, embora seja válido afirmar que há uma desigualdade de ocupação entre os gêneros nessa análise.

Agora, quantos desses trabalhadores estavam no mercado de trabalho formal, ou seja, no regime CLT (Consolidação das Leis do Trabalho)? A tabela a seguir mostra de acordo com o período e por sexo.

Tabela 2: Trabalhadores Celetistas por sexo entre maio e novembro de 2020

Mês	Homem	Mulher
Maio	40%	33%
junho	38%	32%
julho	36%	30%
agosto	35%	29%
setembro	35%	29%
outubro	34%	28%
novembro	34%	28%

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Novamente, os homens apresentaram maiores percentuais em relação às mulheres, agora no regime CLT. Além disso, a tabela demonstra que em novembro houve uma redução significativa para ambos os sexos que estavam no mercado de trabalho formal em comparação a maio (homens -6% e mulheres -5%).

Vale lembrar que em julho o governo federal implementou o “Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda”¹⁰ para garantir o emprego e a renda dos trabalhadores de empresas privadas durante a pandemia, através do “Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda – (BEm)” segundo o Art. 3º, cap II do programa, as medidas são:

- “I - o pagamento do Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda;
 - II - a redução proporcional de jornada de trabalho e de salário; e
 - III - a suspensão temporária do contrato de trabalho.”
- (Brasil. Lei nº 14.020, 6 jul. 2020,)

Resumidamente, o governo garantiria a renda do empregado (total ou parcial) caso este tivesse sua jornada de trabalho reduzida ou fosse suspenso do trabalho temporariamente. A PNAD Covid-19 é amostral e a nosso tipo de análise nos limita a explicar o que de fato explicaria essa queda, mas teoricamente, uma das explicações possíveis é o que a teoria pós-keynesiana alega sobre a expectativa dos agentes econômicos, isto é, devido às incertezas causadas pela pandemia e o seu efeito sobre a economia, os empresários não são impulsionados a investir, caso não haja certeza de que seus lucros serão garantidos, por mais que o custo da força de trabalho seja reduzida.

Como dados, segundo o IBGE, em cada 10 empresas 4 tiveram que encerrar suas atividades em decorrência da pandemia¹¹ e em junho daquele ano, o Brasil registrou a marca de 1 milhão de

¹⁰ Ver mais em:

<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14020&ano=2020&ato=f35ETSE9EMZpWTe7e>

¹¹ (NERY, 2020)

casos pela Covid-19 e mais de mil mortes por dia, sendo a região Sudeste a mais impactada, em especial o estado de São Paulo.

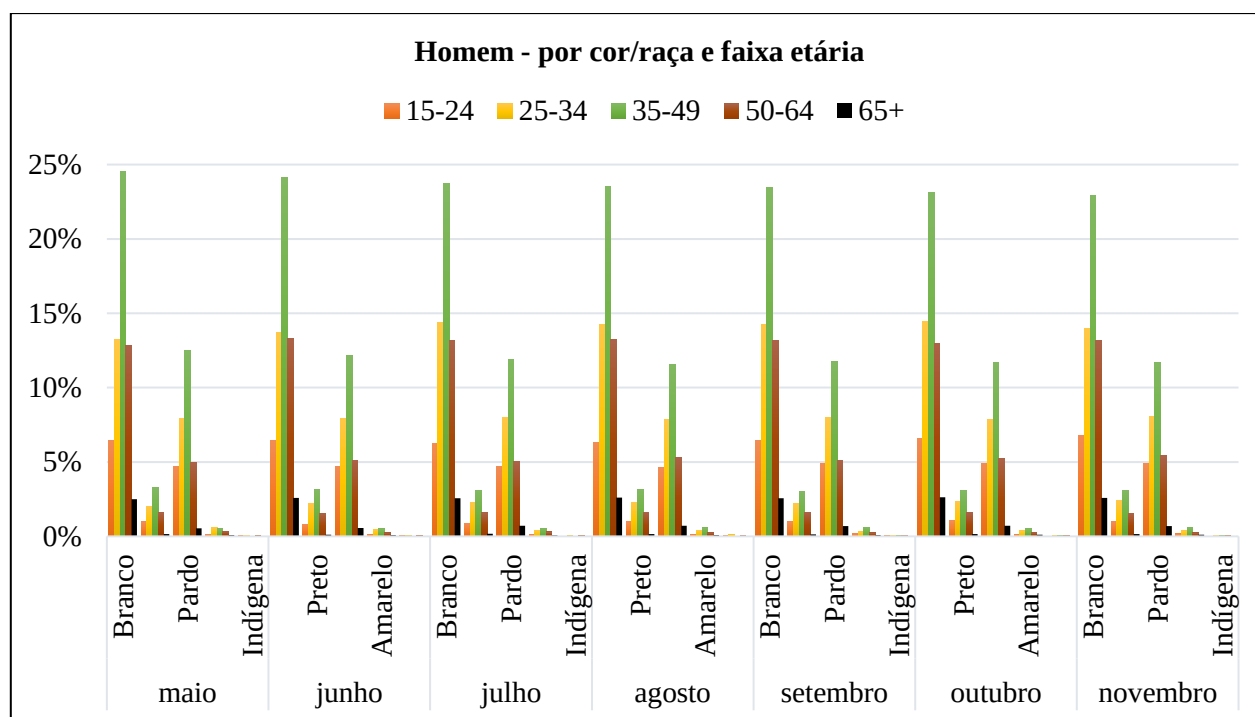
Outra informação relevante que podemos extrair dessa tabela é o crescimento do trabalho informal, uma vez que a análise contempla a população ocupada do período. Numericamente falando, em maio cerca de 73% dos trabalhadores estava no mercado formal contra 26% no informal em novembro esses índices foram 61% e 33% respectivamente.

Até aqui vimos que o sexo masculino teve um percentual superior ao do sexo feminino na realização do trabalho e na empregabilidade formal, para uma análise mais detalhada e procurando saber que houve uma desigualdade racial entre os trabalhadores, faremos um recorte por cor/raça de acordo com a faixa etária e o grau de instrução dos trabalhadores ocupados no total (celetistas e não celetistas).

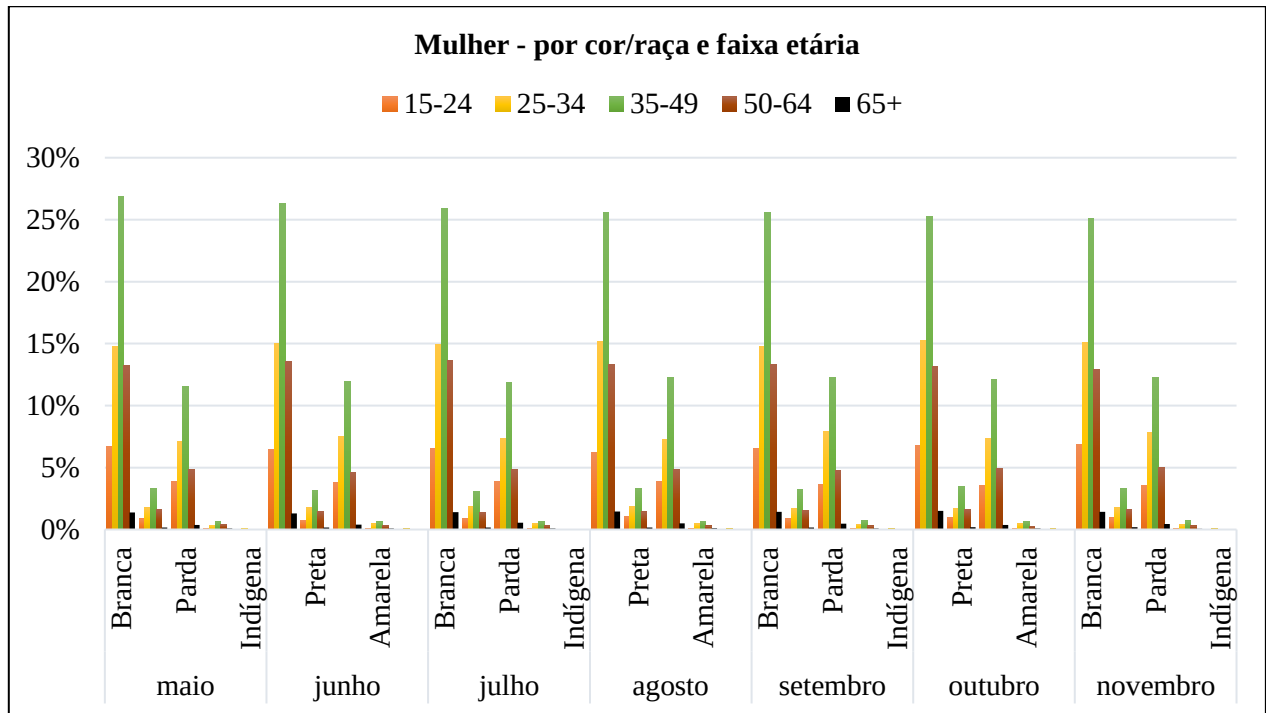
Para faixa etária foi feita uma divisão em 5 grupos: i) 15-24 anos; ii) 25-34 anos; iii) 35-49 anos; iv) 50-64 anos e v) 65 anos ou mais e o grau de instrução em 5 grupos também sendo, a) Sem Instrução ou Fundamental Incompleto; b) Fundamental completo ou Médio Incompleto; c) Médio completo ou Superior Incompleto; d) Superior completo e e) Pós-graduação.

Analisaremos a faixa etária primeiro e em seguida o grau de instrução dos trabalhadores.

Gráfico 1 - Homem - por cor/raça e faixa etária



Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Gráfico 2 - Mulher - por cor/raça e faixa etária

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

De acordo com os gráficos, os percentuais dos trabalhadores indígenas foram insignificantes nessa análise e os amarelos obtiveram percentuais muito próximo a zero ou a um, sendo as faixas etárias de destaque a de 25-35 anos, 35-49 anos e 50-64 anos, as demais faixas etárias foram insuficientes.

Em todas as faixas etárias a cor/raça branca obtiveram maiores níveis em relação às demais, isto é, os brancos foram mais demandados seja formal ou informalmente no mercado de trabalho. Aqui observamos a desigualdade racial entre os ocupados, uma vez que a população não branca supera a branca no Brasil segundo o IBGE.

Na faixa de 15-24 anos, os homens brancos ficaram em torno de 6% exceto em outubro e novembro, em que atingiram em torno de 7%, as mulheres brancas nessa faixa etária variaram entre 6% e 7%. Nessa faixa etária, os indivíduos pretos e pardos não atingiram nem 5%, mas estes foram mais expressivos, em especial o sexo masculino, conforme mostra o Gráfico 1. Na faixa etária de 25-39 anos, os brancos ficaram em torno de 13% a 14% e as brancas próximo a 15%, os pretos atingiram cerca de 2% (ambos os sexos) e os pardos 8% e as pardas variam entre 7% e 8%.

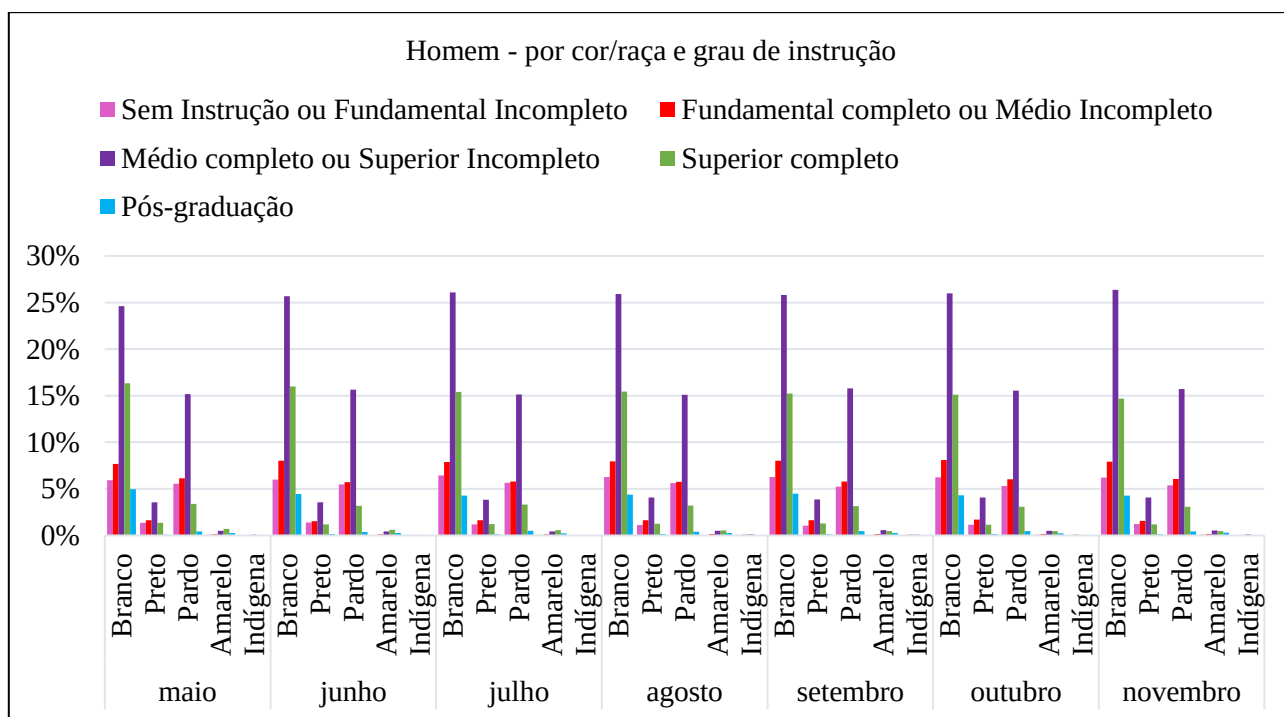
Na faixa de 35-49 anos é o maior nível percentual para todas as raças, no caso das mulheres brancas ficaram acima de 25% e os homens brancos em torno 23% e 24%, enquanto os pretos e os

pardos seus níveis foram constantes 3% e 12% respectivamente. Na faixa de 50-64 anos, os brancos ficam acima de 10%, os pretos abaixo e os pardos em torno de 5%. E por fim na faixa de 65 anos ou mais, apenas os homens brancos e pardos pontuaram, os primeiros ficaram próximos a 3% e os segundos em 2%. No caso das mulheres, apenas as brancas tiveram trabalhadores de 65 anos ou mais exercendo alguma atividade - em torno de 1%.

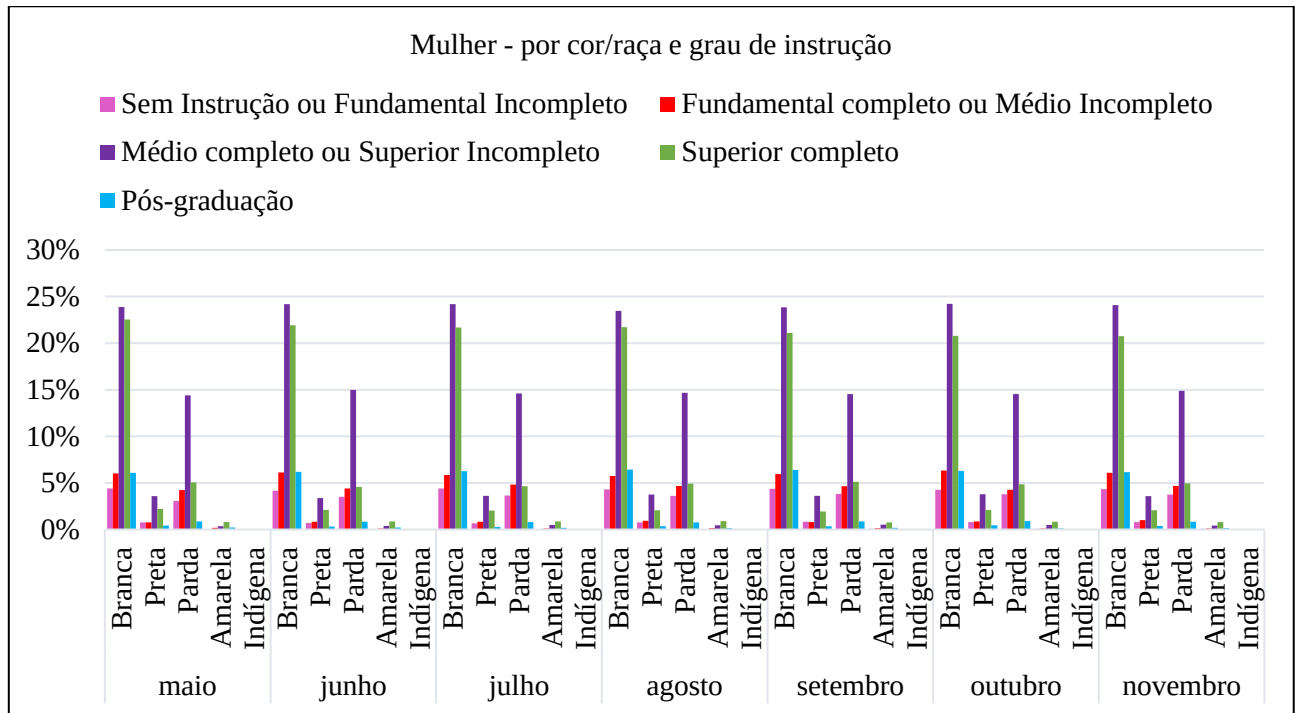
Em síntese, fica explícito que os indivíduos brancos foram os que mais realizaram atividade laboral no período em todas as faixas etárias em relação aos demais indivíduos, mesmo que consideramos o percentual das pessoas negras (pretos e pardos) os brancos ainda predominariam em todos os níveis etários. Além disso, é possível concluir que a faixa etária de 35-49 foram os mais demandados contra a de 15-24 anos e principalmente de 65+, ou seja, os jovens e os idosos ‘perdem’ espaço em relação aos adultos no mercado de trabalho. Em termos de raça, a população não branca foi a que apresentou menor percentual em relação à branca, apesar da peculiaridade racial da população brasileira.

Cabe agora analisarmos qual o grau de instrução de cada grupo, observem os gráficos abaixo.

Gráfico 3- Homem – por cor/raça e grau de instrução



Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Gráfico 4- Mulher – por cor/raça e grau de instrução

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Pelos gráficos, os indígenas e os amarelos seguiram a mesma tendência da análise anterior - insuficientes e/ou insignificantes. Em vista disso, esses grupos não serão retratados nas análises posteriores.

Sem instrução ou fundamental incompleto é maior nos homens brancos e pardos - acima de 5%, enquanto para os homens pretos em 1%, para as mulheres a tendência é a mesma – 4% e 1% respectivamente. Fundamental completo ou médio incompleto, brancos – 8%, pretos – 2% e pardos - 6% contra 6%, 1% e 4-5% para as mulheres respectivamente.

Esses dados podem levar a uma interpretação errônea em achar que nesses graus de instruções, os brancos apresentaram um percentual maior do que os negros, então eles são menos escolarizados, na verdade o que esses dados mostram, nada mais é, a desigualdade racial, a população branca mesmo com baixo nível de instrução ainda foi a que mais exerceu atividades laboral no período.

Nível médio completo ou superior incompleto e o superior completo, os homens brancos ficaram acima de 26% (exceto maio que ficou próximo de 25%) e 15% respectivamente e as mulheres em torno de 24% (exceto em agosto – 23%) e 20% nessa ordem, os homens pretos em

4% e 1% e as mulheres pretas – 4% e 2% respectivamente e os pardos entre 15-16% e 3% e as pardas entre 14-15% e 5%, nessa ordem. Pós-graduação, podendo ser mestrado ou doutorado, no caso dos homens apenas os brancos exerceram alguma atividade laboral, em torno de 4% (5% em maio) e das mulheres, apenas as brancas e as pardas – 6% e 1% respectivamente, no maior nível de escolaridade os pretos ficaram muito próximo de zero (mulheres) ou nulo (homens).

Esses dados demonstram a desigualdade de nível de instrução dos trabalhadores, quanto maior o grau de escolaridade maior a desigualdade entre os indivíduos brancos e não brancos no mercado de trabalho. Além de mostrar que os trabalhadores mais demandados, seja por disponibilidade de mão de obra ou por tipo de trabalho realizado, foram que possuíam o nível médio completo ou superior incompleto e por fim, os dados também mostram que as mulheres possuem um nível de instrução superior aos dos homens.

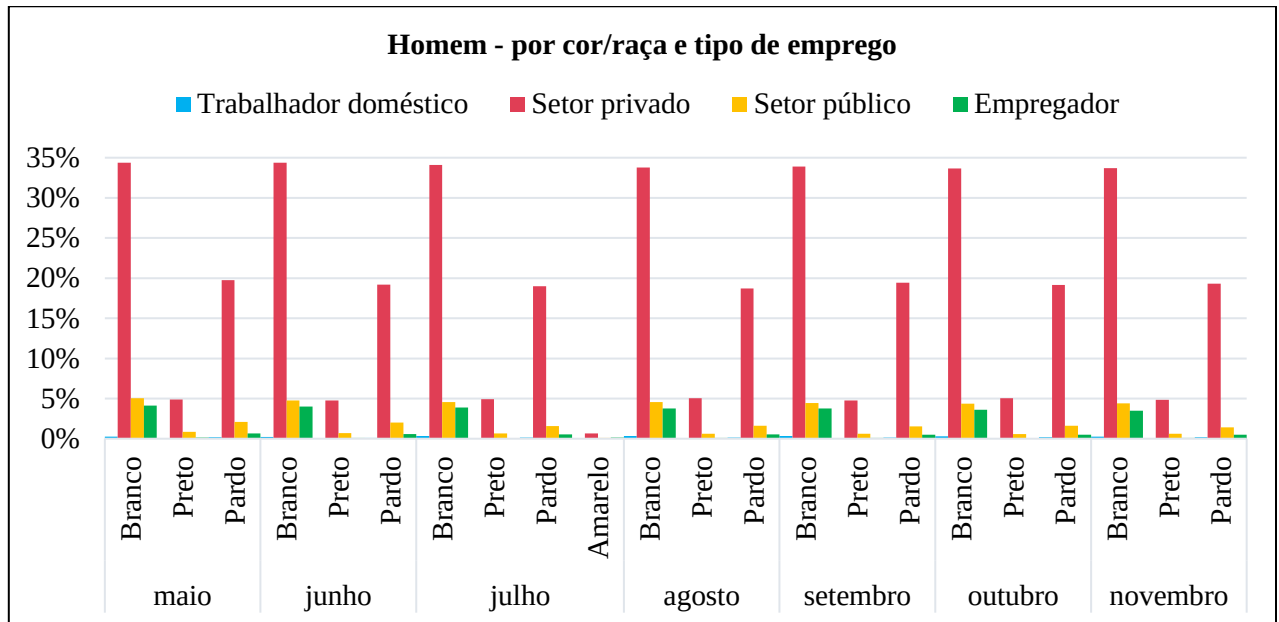
Todavia, isso não significa que os graus de instrução superior completo ou pós graduação não sejam relevantes ao mercado de trabalho, e sim, que há muitos poucos trabalhadores que possuem essas qualificações. Em 2019, ano anterior ao estado de calamidade pública no país, mais da metade da população com mais de 25 anos de idade não tinha concluído o ensino médio de acordo com o IBGE, mostrando assim, a baixa oferta de mão de obra com ensino superior completo ou pós-graduação.

Já vimos a faixa etária e o grau de instrução dos trabalhadores por cor/raça e sexo, mas qual foi tipo de emprego que eles trabalharam no período? Em relação ao tipo de emprego¹², foram selecionadas as seguintes categorias de acordo com a PNAD Covid-19¹³:

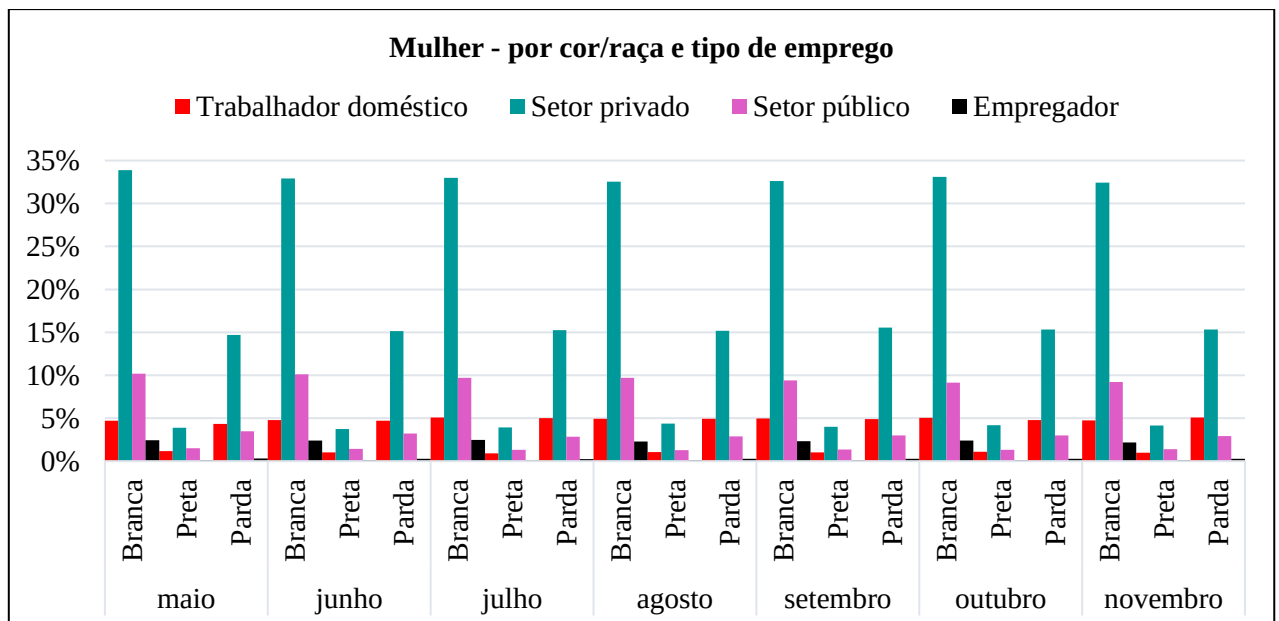
1. Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados, babá);
2. Empregado do setor privado;
3. Empregado do setor público (inclusive empresas de economia mista);
4. Empregador.

¹² Esse tipo de emprego podia ser único ou principal que o entrevistado realizou na semana passada da entrevista.

¹³ A categoria “Militar do exército, marinha ou aeronáutica”, “Policial militar ou bombeiro militar” e “Conta própria” foram insuficientes e insignificantes então foram retirados da análise e “Trabalhador familiar não remunerado em ajuda a membro do domicílio ou parente” e “Estava fora do mercado de trabalho (fazia a penas afazeres domésticos, cuidados de pessoas ou produção para próprio consumo)” não serão abordados, visto que o recorte de dados não incrementou, apesar de selecionados.

Gráfico 5- Homem - por cor/raça e tipo de emprego

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Gráfico 6- Mulher - por cor/raça e tipo de emprego

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

A população masculina branca e parda, mas sobretudo a branca predomina no setor privado ficando em torno de 35% contra 20%, por outro lado, o máximo percentual que a população preta

alcança é 5%. O setor público segue a mesma tendência, porém em nenhum grupo chega a 5% e a categoria empregador é predominante na raça branca, em torno de 4%.

A categoria do trabalhador doméstico predominou, em termos percentuais, nas mulheres brancas e pardas alcançado cerca de 5% - para todos do sexo masculino essa categoria foi irrelevante. O setor privado é muito significativo para trabalhadoras brancas em mais de 33%, as pardas em torno de 15% e as pretas menos de 5%. O setor público segue a mesma tendência, porém em percentuais menores – 10%; 4% e 1%, respectivamente. A categoria empregadora só é expressiva nas mulheres brancas e abaixo de 5%.

O que chama atenção nesses tipos de emprego é o trabalho doméstico, além de ser predominante feminino, houve trabalhadoras exercendo essa atividade em plena pandemia durante todo o período e se somássemos as não brancas, veremos que ainda as mulheres negras são predominantes nesse setor. Curiosamente, no dia 02 de junho de 2020, o menino Miguel de apenas 5 anos caiu do prédio do 9º andar a procura da sua mãe, doméstica, que tinha ido passear com o cachorro da patroa a pedido dela, mulher do prefeito de Tamandaré (PE).

Sem paciência com o choro do Miguel que queria sua mãe e “ocupada” fazendo a unha, ela colocou a criança no elevador sozinha para procurar a mãe, onde infelizmente caiu e perdeu a vida. No fim dessa tragédia, a patroa pagou fiança de R\$20 mil reais e respondeu em liberdade por motivo culposos, sem intenção de matar. Seguimos sem comentário sobre essa barbaridade e injustiça, mas cabe a reflexão, se fosse ao contrário?

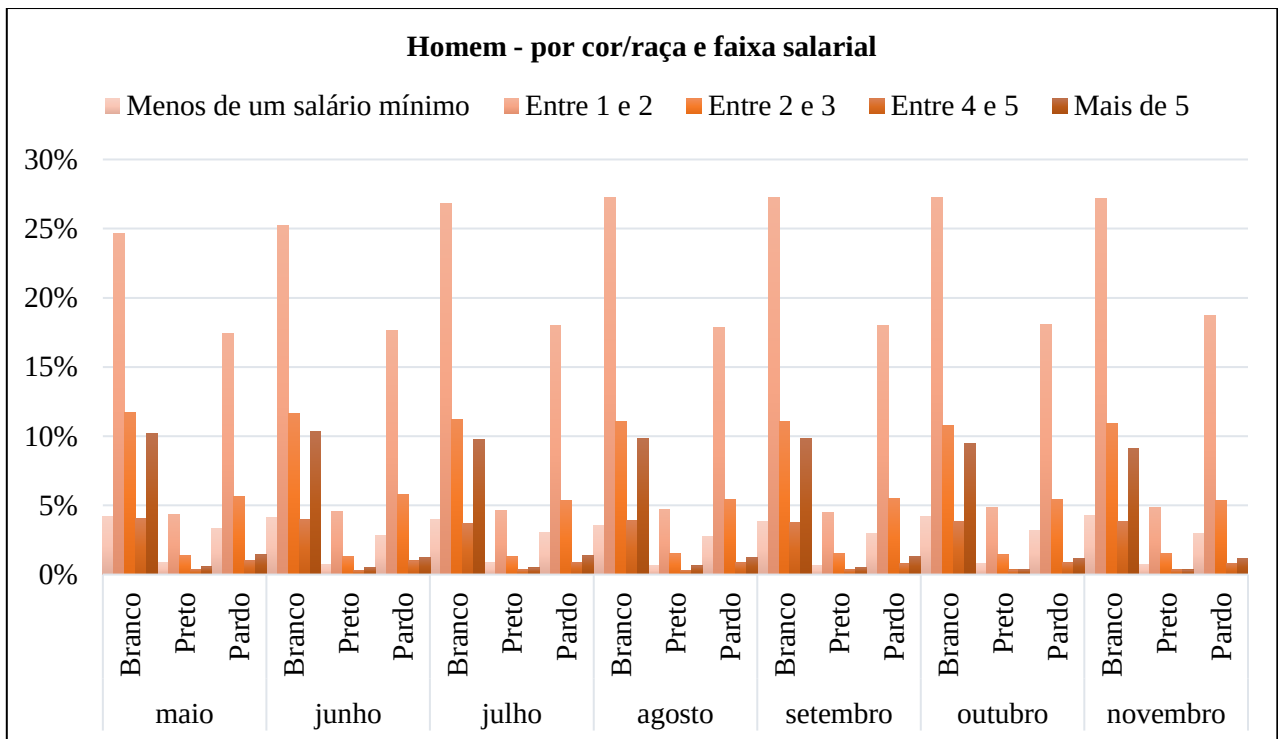
Em síntese, os trabalhadores que estão no setor público e como empregadores possuem um percentual muito próximo no caso dos homens brancos. As mulheres pretas no setor público e em trabalhos domésticos apresentaram um percentual relativamente próximo. As trabalhadoras pardas estavam presentes em maior percentual no trabalho doméstico do que nas empresas públicas.

A PNAD Covid-19 classifica em 36 posições de cargo ou função de trabalho, que devido a limitação desse trabalho não apresentaremos aqui, contudo podemos afirmar que a população não branca é a mais desfavorecida, exceto no trabalho doméstico, e ainda, apenas as mulheres que realizaram esse tipo de trabalho no período.

Ao longo da exposição deste trabalho foi analisada a situação dos grupos raciais que estavam ocupados no período em questão, e, quantitativamente, a população branca foi a mais representativa, isto é, foi a mão de obra que mais realizou alguma atividade laboral em relação às outras, tanto pela faixa etária e o grau de instrução esse grupo se sobressaiu.

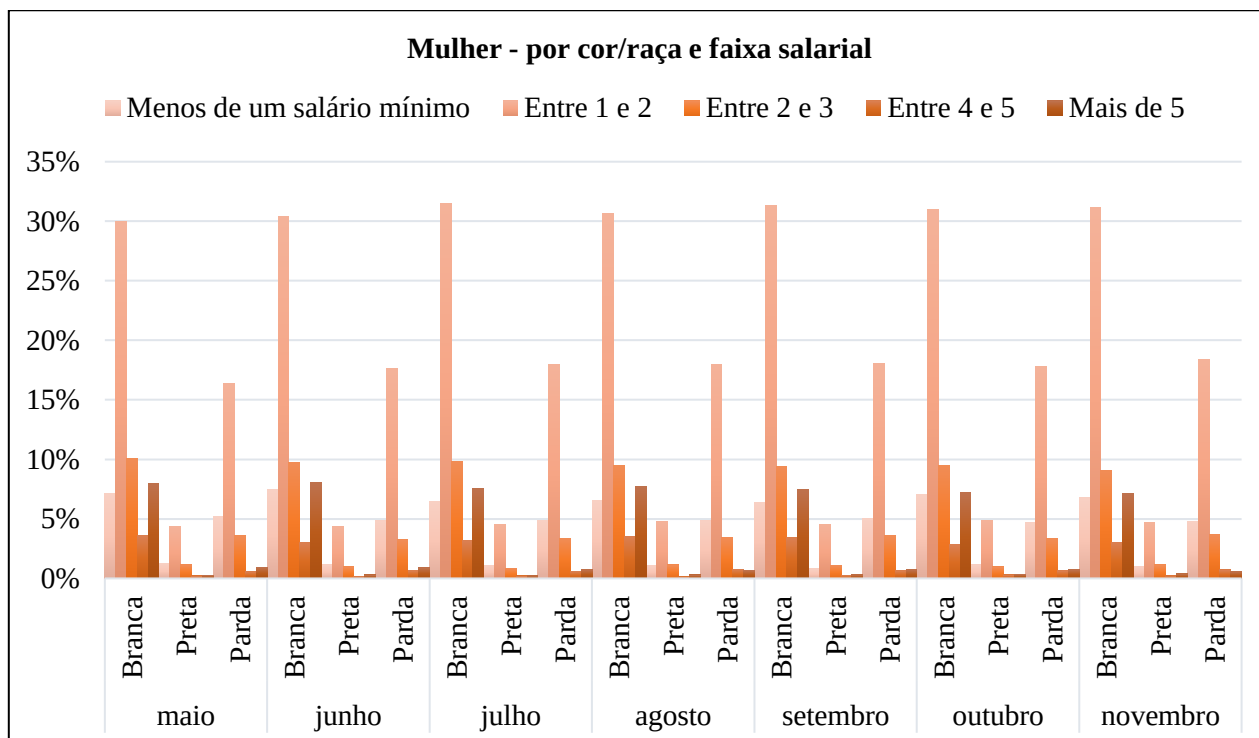
Dito isso, cabe agora analisarmos a faixa salarial ¹⁴de cada grupo. Ressaltamos que em 2020 o salário mínimo (SM) era igual a R\$1.045,00 (a partir de fevereiro de 2020) e foram divididos em categorias de 5 grupos: i) menos de um SM; ii) entre 1 e 2 SM; iii) entre 2 e 3 SM; iv) entre 3 e 4 SM e v) acima de 5 SM.

Gráfico 7- Homem - por cor/raça e faixa salarial



Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

¹⁴ Essa faixa salarial é referente, o quanto o indivíduo recebia (ou retirava) normalmente em todos os seus trabalhos realizado.

Gráfico 8- Mulher - por cor/raça e faixa salarial

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

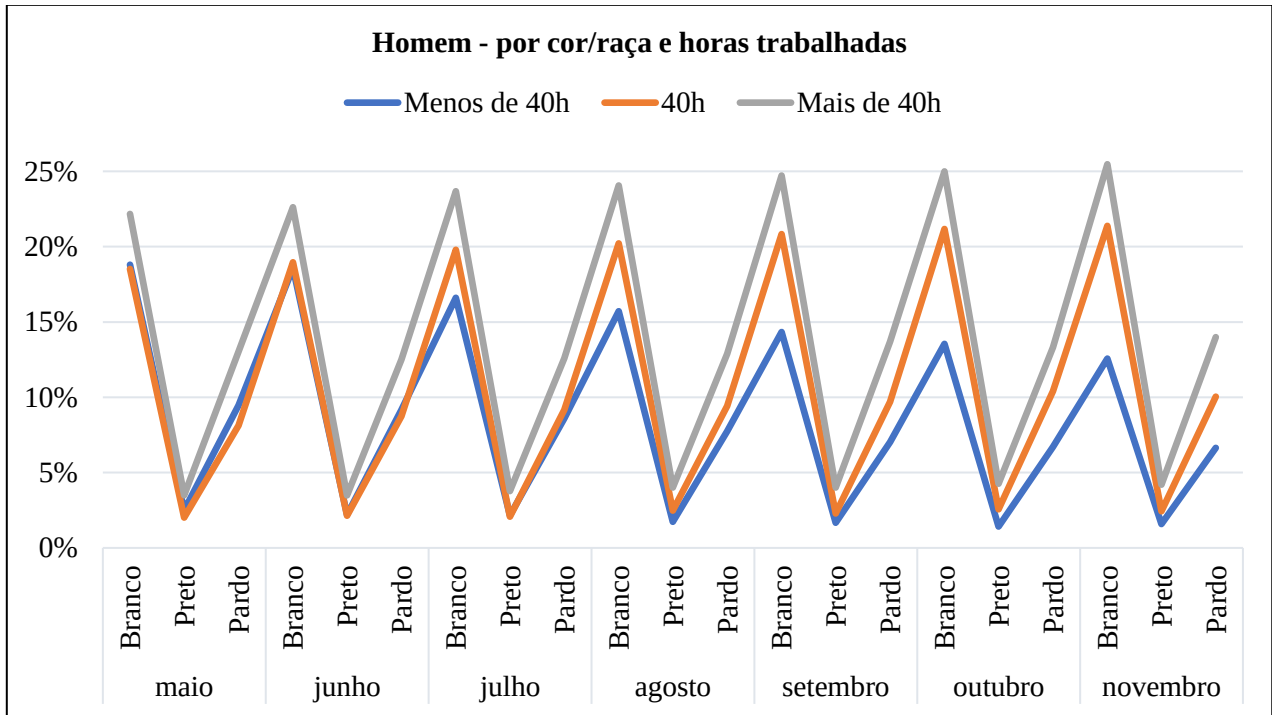
Para menos de 1 SM, a população branca e a negra receberam o mesmo percentual, em torno de 4% no caso dos homens (pardos – 3% e pretos 1%); para as mulheres nessa faixa salarial, as brancas variam entre 7% e 6%, e as negras ficaram próximas a esse percentual nos meses de julho e setembro (pardas – 5% e pretas 1%). Entre 1 e 2 SM, as brancas representavam mais de 30% contra cerca de 23% aproximadamente das trabalhadoras negras; os homens brancos em torno de 27% e os homens negros tiveram praticamente o mesmo percentual das mulheres negras.

Entre 2 e 3 SM, as pessoas brancas ficaram em torno de 10% e os negros em 6-7% (homens) e 4-5% (mulheres). Entre 4 e 5 SM, apenas a população branca e parda pontuaram – 4% e 1% respectivamente para o sexo masculino e 3% e 1%, nessa ordem, para o feminino. E por fim, acima de 5 SM segue a mesma tendência, porém com percentual maior para a população branca, as mulheres brancas variam entre 7% e 8% e as pardas em 1%; no caso dos homens entre 9% e 10%, e 1%, nessa ordem; nessa faixa etária os homens pretos representavam cerca de 1%, exceto nos meses de julho, outubro e novembro.

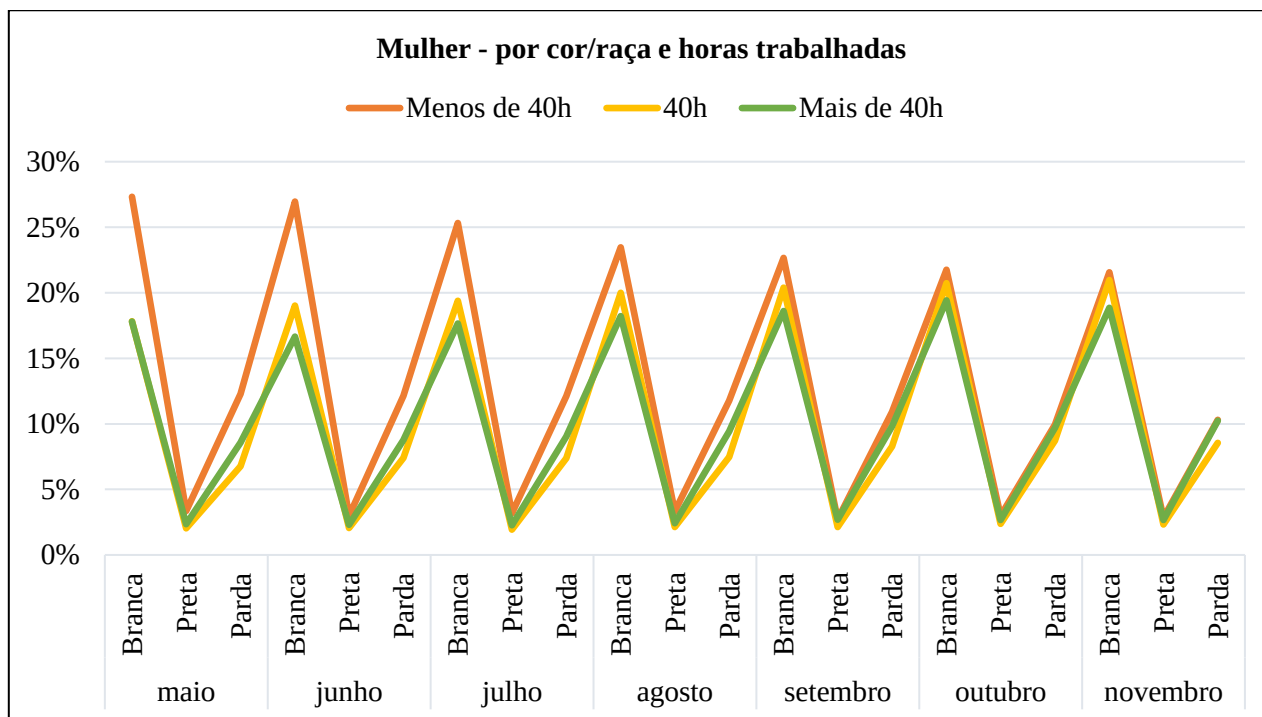
Nessa análise juntamos as populações pretas e pardas para melhor compreensão dos indivíduos não brancos. A ‘igualdade’ salarial entre as raças só ocorre para aqueles que ganham menos de 1 SM e quanto maior a renda recebida, mais os negros ficam de fora dessa faixa salarial.

Cabe agora vermos as horas trabalhadas por cada grupo racial, sendo que 40 horas semanais é o ideal de acordo com o mercado de trabalho formal. Classificamos em 3 categorias para analisarmos, sendo elas: i) menos de 40h; ii) 40h e iii) mais de 40h semanais.

Gráfico 9- Homem - por cor/raça e horas trabalhadas



Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Gráfico 10- Mulher - por cor/raça e horas trabalhadas

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Para menos de 40h semanais, todos os grupos tiveram quedas ou ficaram estáticos durante o período. Para 40h e mais de 40h semanais há um aumento ou permanece estático. Os brancos predominaram em todas as categorias, houve aumento em sua carga horária de trabalho no fim do período analisado, que passou de 22% para 25%, para mais de 40h e de 19% para 21%, para 40h por semana. Os negros seguiram a mesma tendência, porém em percentual menor, passando de 16% para 18% e de 10% a 12% respectivamente.

No caso das mulheres, para menos de 40h e 40h por semana ficaram praticamente no mesmo nível ou menor no fim do período. No caso das brancas, para menos de 40h caiu de 26% para 22% (maio – novembro) ficando próximo de 40h (21%) e mais de 40h varia de 18% para 19%. Para as negras – 15% para 13%, 11% para 9% e 9% para 11% respectivamente. Aqui vale uma ressalva: a população preta entre maio e agosto para carga horária de 40h ou mais ficou no mesmo nível (2%) e de setembro a novembro as mulheres pretas trabalharam mais de 40h em relação a 40h por semana (3% contra 2%) e para pardas teve o mesmo efeito, setembro – 8% contra 10% e outubro e novembro – 9% contra 10% respectivamente.

O que extraímos dessa análise é que a mão de obra masculina ficou menos ociosa do que a feminina e novamente os brancos predominam em todas as faixas em questão.

3. 5.2 POPULAÇÃO OCUPADA EM HOME OFFICE

Nessa parte do trabalho iremos ver como essa modalidade de trabalho, home office, afetou os trabalhadores, de acordo com as informações da PNAD Covid-19 no estado paulista. Ressaltando que o recorte dos dados foi o mesmo usado na seção anterior para efeito de comparação, sendo assim, não analisaremos aqui a população amarela e nem a indígena.

Nas tabelas abaixo, a variável “home office” está relacionada ao percentual de trabalhadores que trabalharam em home office ou teletrabalho pela mão de obra ocupada no período de acordo com o gênero.

Tabela 3: Home Office por mão de obra entre maio e novembro de 2020

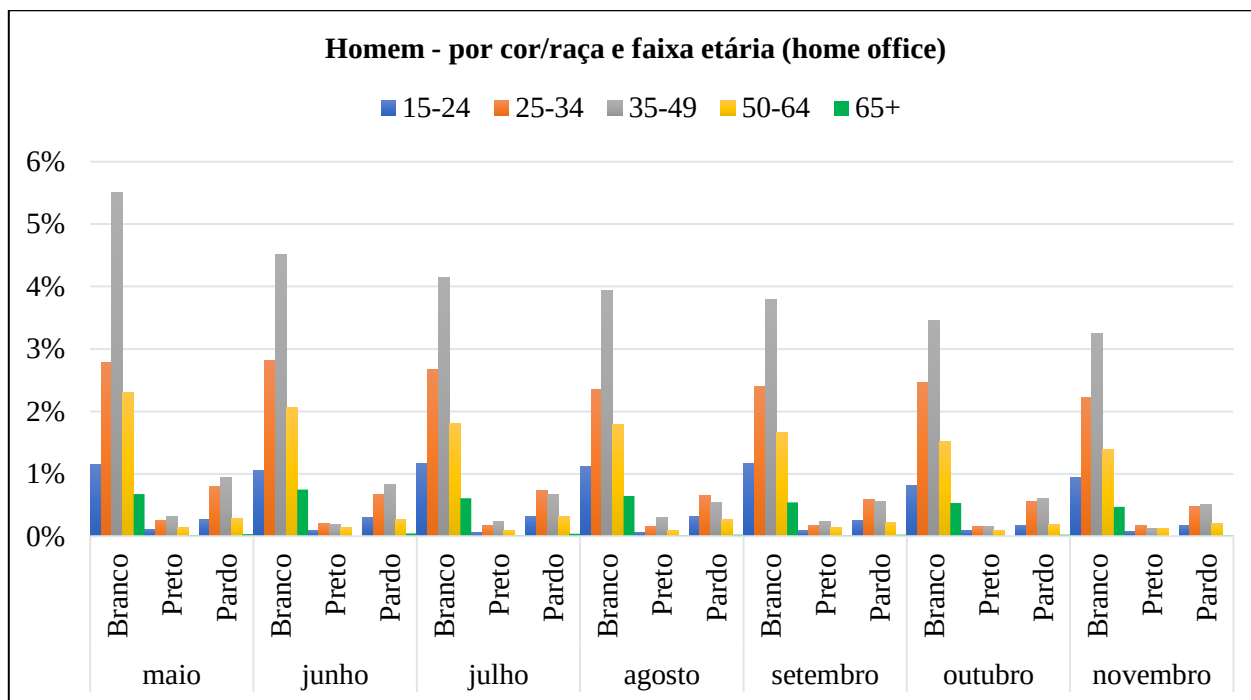
Mês	Homem	Mulher
Maio	10%	10%
junho	8%	10%
julho	8%	9%
agosto	7%	9%
setembro	7%	8%
outubro	7%	7%
novembro	6%	7%

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

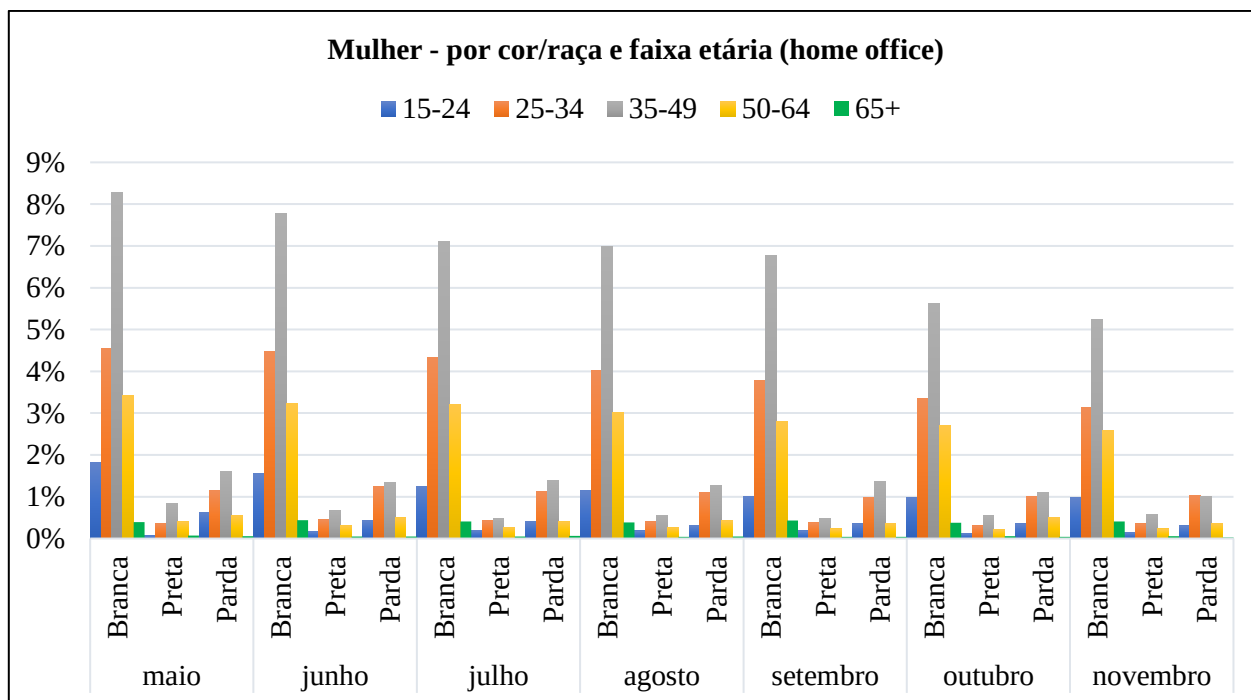
Diferentemente da tabela 1, na modalidade home office as mulheres foram as mais demandadas em relação aos homens, exceto nos meses de maio e novembro, em que o percentual foi igual e inferior aos trabalhadores masculinos, respectivamente. Em outras palavras, a tabela acima mostra que, do total da população que realizou algum tipo de trabalho ou bico no período, cerca de 10% das mulheres estavam em home office no mês de maio, assim sucessivamente para ambos os sexos.

De forma sintética, o percentual de trabalhadores ocupados no período em home office foi relativamente pequeno, não ultrapassando 10% e ao longo do período esse índice foi reduzindo, embora constante como demonstra a tabela acima. Uma explicação plausível seria a retomada gradual de algumas atividades presenciais ao longo desse período, conforme indica o balanço do Plano São Paulo.

Mas qual foi o perfil desses trabalhadores (cor/raça, idade e grau de instrução)? E o tipo de emprego, qual foi predominante? Veremos a seguir.

Gráfico 11- Homem - por cor/raça e faixa etária (home office)

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Gráfico 12- Mulher - por cor/raça e faixa etária (home office)

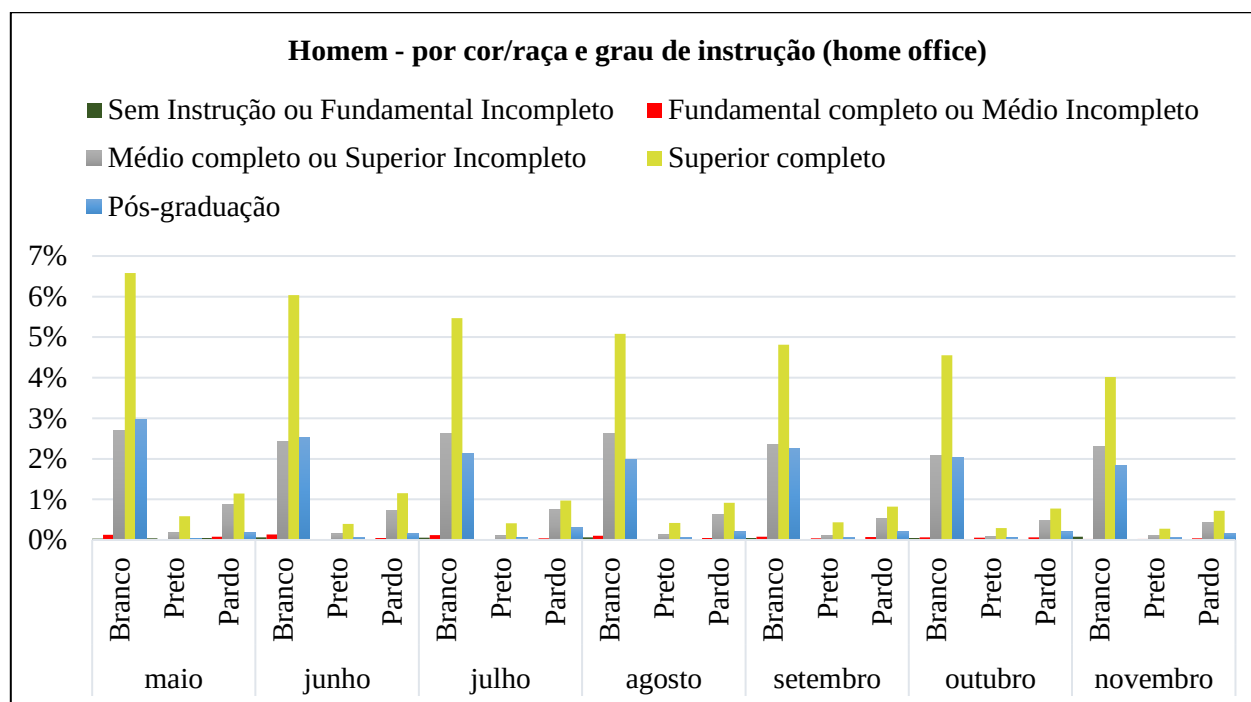
Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Os homens pretos não chegaram a 1% em nenhuma das faixas etária, enquanto os brancos, na faixa etária de 15-24 pontuaram próximo de 1%, entre 25-34 anos, nos meses de maio a julho ficaram em torno de 2-3% e nos demais meses esse percentual caiu para 2%, na faixa de 35-49 anos, percebe uma caída ao longo do período, em maio 6% nessa faixa etária e em novembro teve uma queda de 3%.

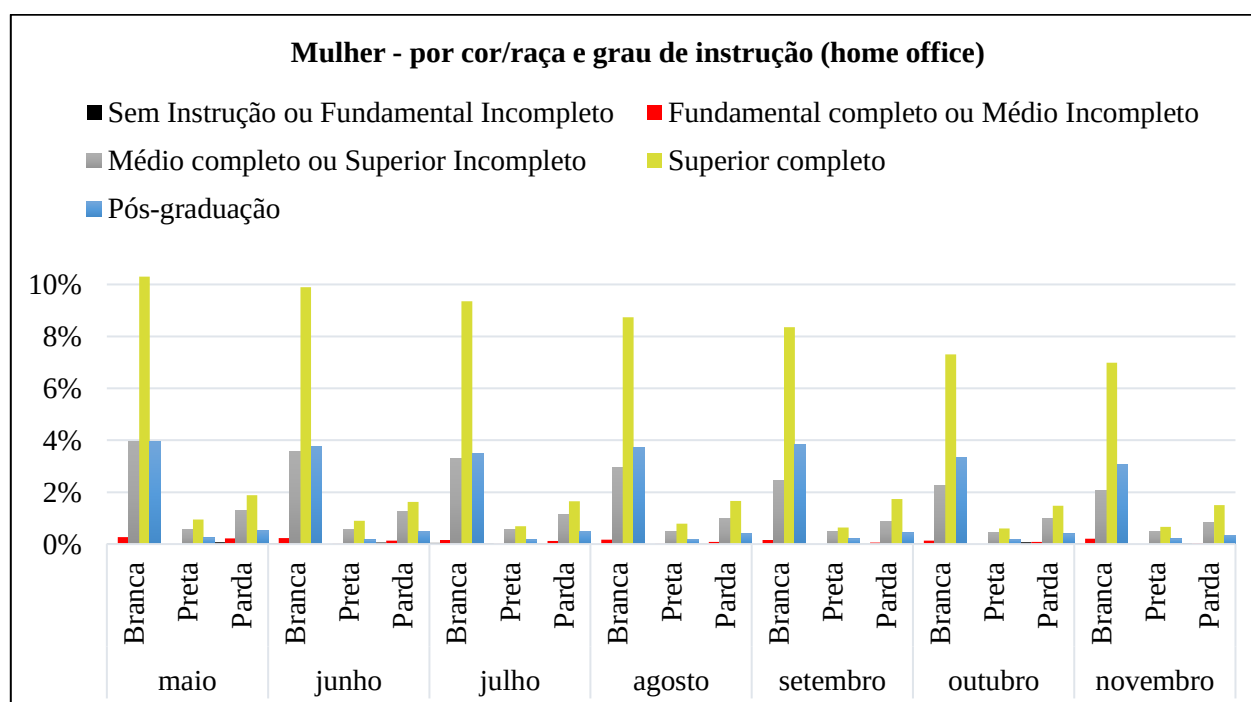
Para faixa de 50-64 anos, os trabalhadores brancos ficaram em torno de 2%, apenas em novembro que representaram 1%; 65 anos os mais, ficaram próximos de 1%, exceto em novembro que ficaram próximos de zero. Para os homens pardos, nas faixas etárias de 25-34 anos e 35-49 anos ficaram em torno de 1% e as demais próximos de zero.

Entre as mulheres, observa-se o mesmo fenômeno de queda ao longo dos meses. As mulheres pretas pontuaram apenas na faixa de 35-49 anos em torno de 1%, as demais faixas etárias ficaram próximas de zero. As brancas, na faixa de 15-24 anos ficaram em torno de 1%, para faixa de 25-34 anos variou de 5-4%, entre 35-49 anos em 8-5%, de 50-64 anos ficaram em torno de 3% e aquelas que tinham 65 anos ou mais ficaram próximos de zero. As mulheres pardas tiveram a mesma tendência dos homens pardos, nas faixas de 25-34 anos e de 35-49 anos pontuaram em torno de 1%, exceto em maio que ficou próximo de 2% para faixa etária de 35-49 anos, as demais faixas ficaram próximas de zero.

A seguir analisaremos o grau de instrução.

Gráfico 13- Homem - por cor/raça e grau de instrução (home office)

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Gráfico 14- Mulher - por cor/raça e grau de instrução (home office)

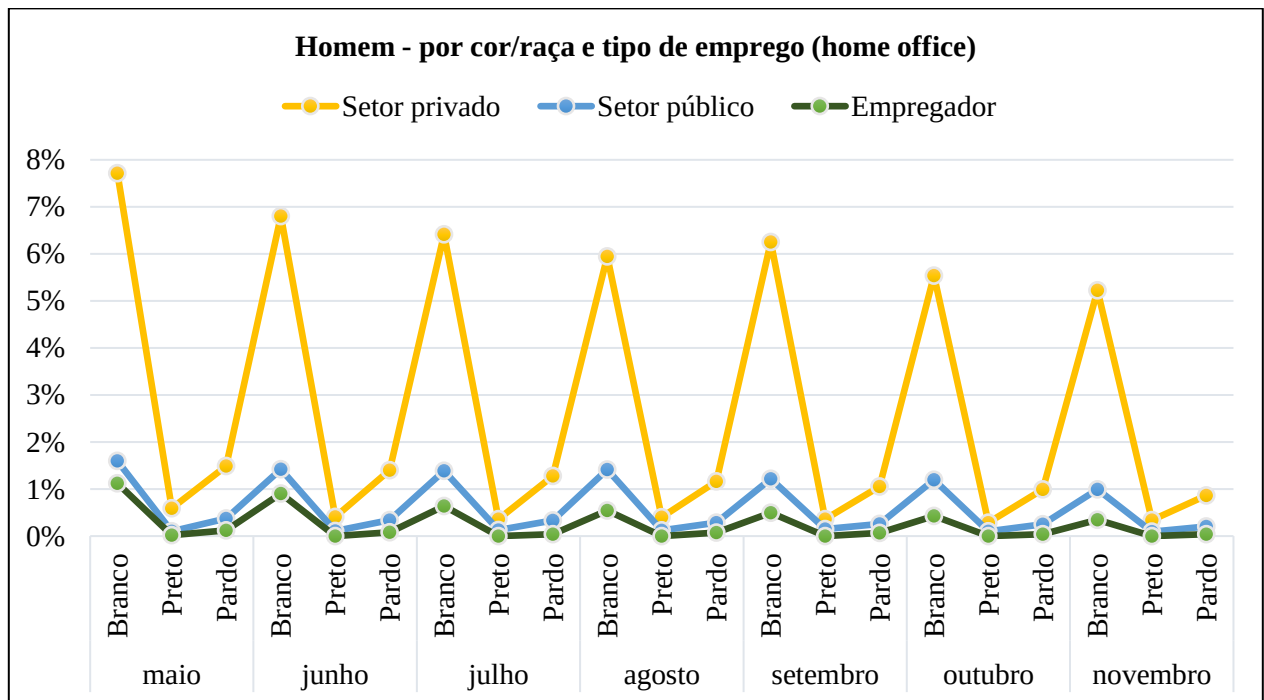
Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

O grau de instrução mais demandado no home office foi o superior completo, seguido da pós-graduação e médio completo ou superior incompleto, as demais instruções ficaram próximas de zero ou nula. Os brancos se destacam em todos os graus de escolaridade que pontuaram.

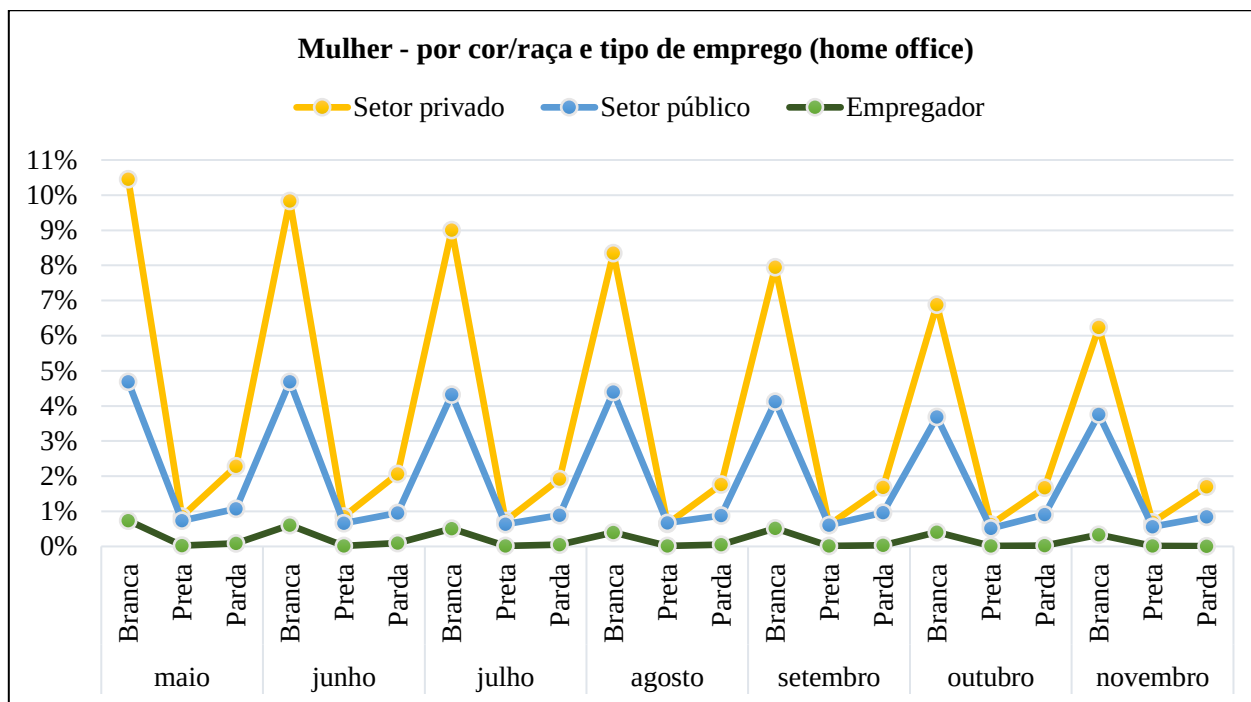
Os homens brancos com superior completo representavam 7% no mês de maio, com uma variação ao longo do período e em novembro ficando em torno de 4%; aqueles que tinham uma pós-graduação e médio completo ou superior incompleto variaram entre 2%-3%, para os pretos apenas em maio pontuaram próximo de 1% com superior completo, os demais níveis de instrução ficaram próximos de zero ou nulos e os pardos com superior completo ficaram em torno de 1% e médio completo ou superior incompleto ficaram próximos de zero ou nulo.

As mulheres brancas com superior completo, enquanto isso, em maio eram cerca de 10% variando ao longo dos meses e em novembro ficaram em torno de 7%; pós-graduação ficou entre 3%-4%; médio completo ou superior incompleto entre 2-3%, exceto em maio e junho que ficou próximo de 4%. Os demais níveis de escolaridades foram zero ou nulos, assim também para as mulheres negras. As mulheres pretas com superior completo ficaram em torno de 1% e médio completo ou superior incompleto ficaram próximas de 1% apenas entre maio e julho, nos outros meses ficaram próximas de zero. As pardas ficaram em torno de 2% e 1% respectivamente.

Gráfico 15- Homem - por cor/raça e tipo de emprego (home office)



Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

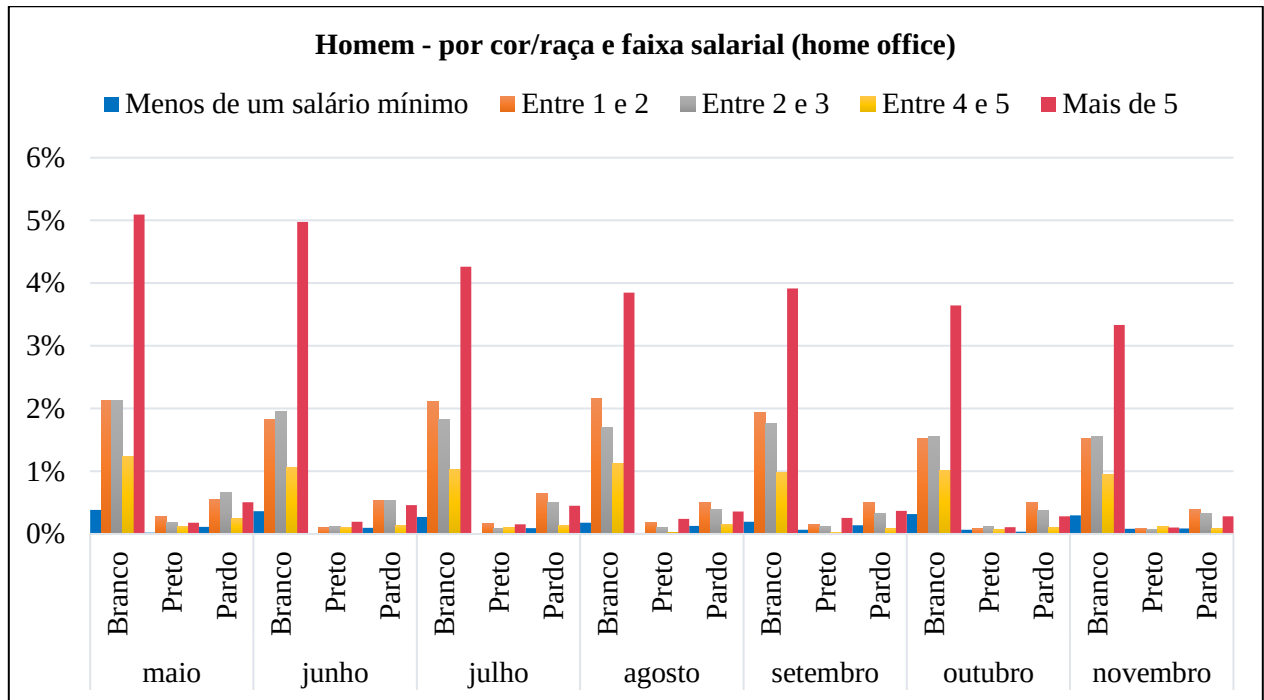
Gráfico 16- Mulher - por cor/raça e tipo de emprego (home office)

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

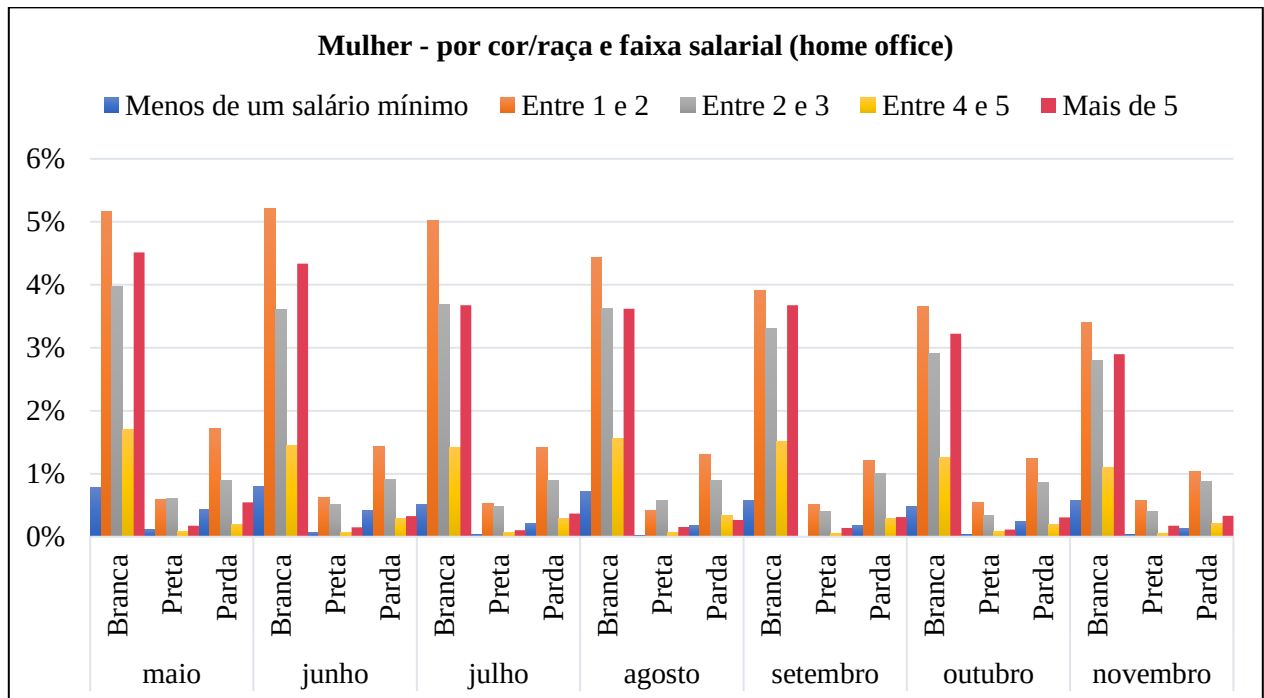
O setor privado foi o que mais teve trabalhadores em home office, seguido do setor público e empregador, o trabalho doméstico foi retirado da análise pois não se encaixa nessa modalidade de trabalho. Os homens brancos que estavam no setor privado variaram em torno de 8%-5% no período; no setor público, esse percentual variou entre 1%-2% e os empregadores ficaram próximos de zero a um por cento. Os pretos em todos os setores não alcançaram 1%, porém tem maior presença no setor privado, assim como os pardos como empregadores ficaram próximos de zero, no setor privado ficaram em torno de 1%.

As mulheres brancas passaram de 10% para 6% no período no setor privado; no setor público foram de 5% para 4% e como empregadoras variaram entre zero e um por cento no período. As mulheres pretas no setor privado e público tiveram o mesmo percentual ficando em torno de 1%, enquanto como empregadores ficaram próximas de zero assim como as pardas. Por outro lado, as pardas no setor público ficaram em torno de 1% e no setor privado em 2%

Cabe agora analisarmos a faixa salarial desses grupos.

Gráfico 17- Homem - por cor/raça e faixa salarial (home office)

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Gráfico 18- Mulher - por cor/raça e faixa salarial (home office)

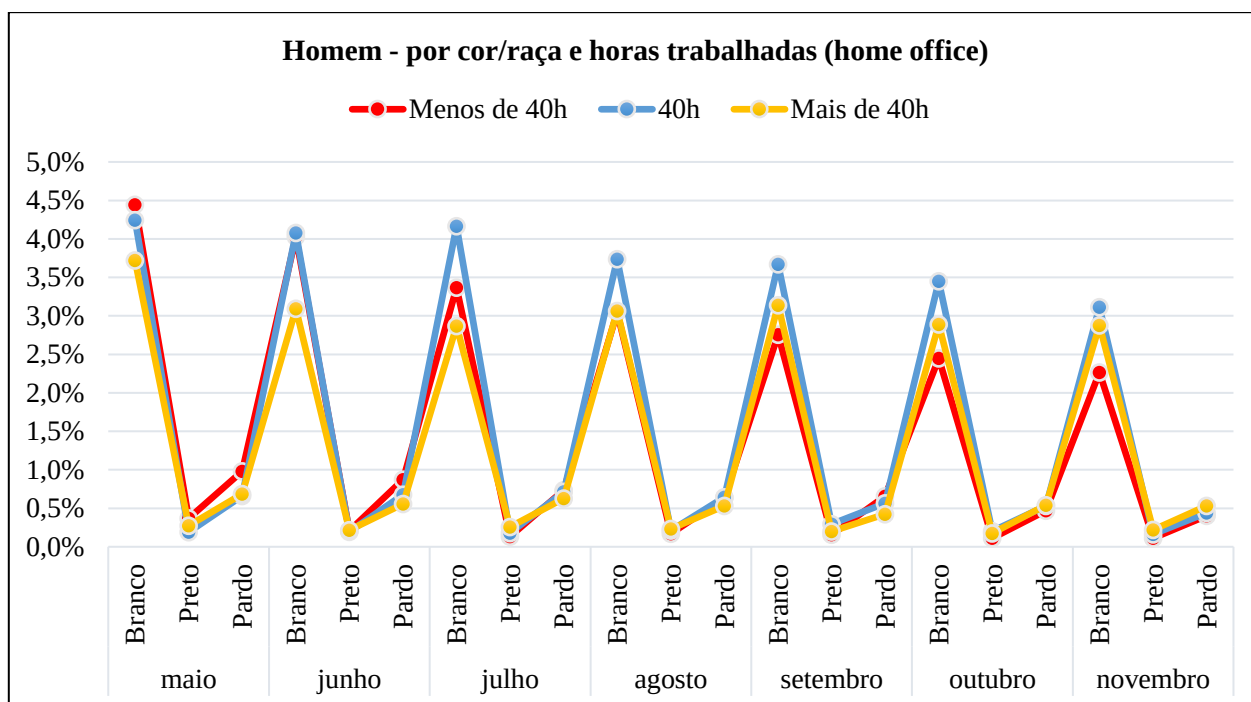
Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

No home office, predominaram entre os homens brancos aqueles que ganhavam acima de 5 SM, que passou de 5% para 3% ao longo dos meses; na faixa entre 1 e 2 SM e entre 2 e 3 SM ficaram muitos próximos, em torno de 2%; aqueles que ganhavam entre 4 e 5 SM ficaram próximos de 1% e menos de 1 SM ficaram próximos de zero. Enquanto os trabalhadores pretos e pardos em todas as faixas salariais ficaram próximos de zero ou nulo, porém para o segundo a faixa salarial entre 1 e 2 SM foi mais expressiva no período.

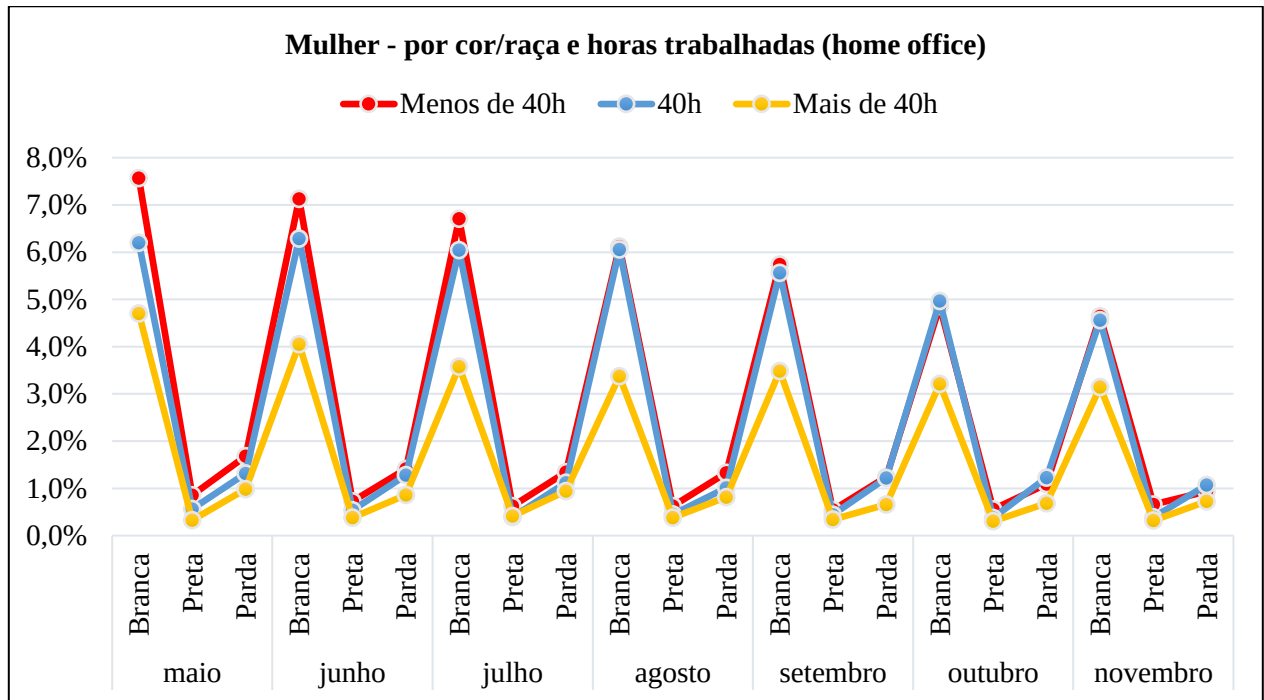
Diferentemente dos homens brancos, entre as brancas que estavam em home office aquelas que recebiam entre 1 e 2 SM foram predominantes, passando de 5% para 3% no período; entre 2 e 3 SM ficaram em torno de 3%-4%; entre 4 e 5 SM ficaram em torno de 1%, e com mais de 5 SM variaram de 3%-4% ao longo dos meses. As trabalhadoras pretas que ganhavam entre 1 e 2 SM e entre 2 e 3 SM ficaram muito próximas de 1% e nas demais faixas salariais foram próximas de zero ou nulo. As mulheres pardas com salário entre 1 e 2 SM foram mais expressivas, ficando acima ou próximo de 1%, e as demais faixas ficaram próximas de zero ou nulo.

Por fim, analisaremos a seguir a variável horas trabalhadas para cada grupo.

Gráfico 19- Homem - por cor/raça e horas trabalhadas (home office)



Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Gráfico 20- Mulher - por cor/raça e horas trabalhadas (home office)

Fonte: Elaboração própria. Microdados PNAD Covid-19, 2020

Os homens brancos que trabalharam menos de 40h por semana passaram de 4,5% para 2% nos meses de maio e novembro, respectivamente; aqueles que trabalhavam 40h tiveram a mesma tendência, porém em novembro tiveram uma redução menor (3%); e aqueles que trabalhavam acima de 40h por semana ficaram mais constantes no período, ficando em torno 3% (em maio foi 4%).

Em relação aos pretos, todas as faixas de horas trabalhadas não chegaram a 1% no período; contudo aqueles que trabalhavam em torno de 40h por semana foram um percentual muito pouco expressivo, sendo mais expressivo acima de 40h semanais. Quanto os pardos, maio é o único mês em que atingem 1% para faixa de menos de 40h semanais, as demais ficaram abaixo desse percentual e a faixa de horas trabalhadas menos expressiva foi de 40h por semana.

Para as mulheres, as brancas que trabalhavam menos de 40h por semana apresentaram o maior percentual (5% -7%) em relação às demais faixas de horas trabalhadas ao longo dos meses, com exceção a partir de agosto, em que ficaram próximas daquelas que trabalhavam 40h semanais, carga horária que variou entre 5% e 6% no período; e aquelas que trabalhavam mais de 40h tiveram um percentual constante em torno de 3%, exceto em maio, em que este ficou próximo de 5%.

As mulheres pretas com carga horária de menos de 40h por semana foram as mais expressivas, principalmente no mês de maio, em que representavam cerca de 1%; as demais cargas horárias ficaram abaixo de 1%, e, por fim, as mulheres pardas também tiveram a mesma tendência das mulheres anteriores; aquelas que trabalharam menos de 40h semanais foram as mais expressivas (1%), no entanto a partir de setembro, a carga de 40h supera e fica um pouco acima de 1%. Aquelas que trabalhavam mais de 40h por semana ficaram próximas a 1%.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2020 foi um ano atípico e sem precedentes devido à pandemia do coronavírus, e infelizmente no mercado de trabalho os efeitos foram sentidos direta ou indiretamente. O objetivo deste trabalho era analisar se houve durante o período da coleta dos dados da PNAD Covid-19 desigualdade entre os grupos raciais. Durante as análises dos dados do trabalho, os resultados mostraram que os trabalhadores negros foram a mão de obra menos demandada no período em relação os brancos.

O perfil dos trabalhadores que haviam exercido alguma atividade laboral ou bico durante os meses de maio a novembro de 2020, foi predominantemente de indivíduos do sexo masculino, brancos, na faixa etária entre 35 e 49 anos, com ensino médio completo ou superior incompleto, que ganhavam entre 1 e 2 salários mínimos e ocupados principalmente no setor privado com carga horária acima de 40 horas semanais.

Neste trabalho não foi analisado o mercado de trabalho pré-pandemia, pois não há base de dados de comparação para PNAD Covid-19 até a realização deste trabalho, mas é sabido que não houve mudanças significativas, apesar de estarmos vivendo em um momento totalmente atípico em 2020. Em outras palavras, independente do cenário, os homens brancos especificamente, já que não possuíamos dados para afirmar que as demais variáveis, como escolaridade, idade etc. são verdadeiras em outros cenários, serão a mão de obra mais demandada no mercado de trabalho.

Para a economia, especialmente uma como a brasileira, que possui mais da metade da população feminina e não branca, isso é danoso, uma vez que é o trabalho o único bem que gera valor na economia e consequentemente impulsiona diretamente no PIB (Produto Interno Bruto). Além disso, há uma subutilização da mão de obra, especialmente entre as mulheres. Apesar de ocorrer uma redução ao longo do período, ainda é expressivo, fora o trabalho informal que teve um crescimento entre maio e novembro, resultando em uma piora na situação dos trabalhadores que ficam à margem dos seus direitos trabalhistas e impactam a macroeconomia do país como um todo, uma vez que neste tipo de trabalho a remuneração é menor e as condições de trabalho são muitas vezes precárias.

Outro ponto importante analisado foi a população de jovens e adultos a partir de 50 anos, que foram os menos demandados em relação às demais faixas etárias. Caso o mercado de trabalho continue assim, poderá gerar problemas para economia, pois a não empregabilidade destes jovens impacta na previdência, já que os benefícios dos aposentados são pagos pelos trabalhadores

ocupados formalmente, fora o problema social e econômico nas vidas desses indivíduos em um sistema capitalista baseado em consumo. No caso das pessoas acima de 50 anos, a situação se agrava à medida que a população brasileira vem envelhecendo, ou seja, as pessoas estão vivendo mais e querem uma ocupação ou recolocação no mercado de trabalho.

Em termos raciais, os negros foram os mais prejudicados, tanto socialmente como economicamente, na pandemia. Em nenhum setor houve, por exemplo, idosos (65 anos ou mais) acima de 1% em nenhuma das ocupações analisadas, e os jovens tiveram um percentual relativamente baixo em relação aos jovens brancos. No setor público e na categoria de empregador, os negros são irrelevantes em comparação com as mulheres brancas e os homens brancos, respectivamente. E para esses setores a predominância do ensino era o superior completo, na faixa etária de 35-49 anos – essa faixa etária predomina em todas as categorias que serão citadas adiante.

No setor privado, apesar de os negros terem um percentual acima das ocupações anteriores, este ainda é inferior ao dos trabalhadores brancos. O ensino médio completo ou superior incompleto é destaque nesse setor. O trabalho doméstico, mesmo em momento de quarentena, foi realizado exclusivamente por mulheres, em especial as mulheres negras, o que mais chama atenção é o fato de haver pessoas exercendo essa atividade em plena pandemia, ou seja, a elite brasileira não foi capaz de realizar funções básicas de limpeza, cuidados ou de babá, e tampouco o governo de garantir que essas mulheres ficassem de quarentena.

Como empregadores, aqueles que possuem superior completo foram mais expressivos em relação aos outros graus de instrução, mas em comparação à população branca, os negros foram irrelevantes nessa categoria. Em termos de rendimentos, há apenas certa igualdade entre as raças para aqueles que ganhavam menos de um salário mínimo, conforme a renda aumenta observa-se uma discrepância entre elas e acima de cinco salários mínimos (renda máxima da análise) predomina apenas a população branca, em especial os homens brancos, apesar de as mulheres brancas apresentarem grau de instrução superior.

Se na modalidade presencial os trabalhadores negros tiveram resultados inferiores aos dos brancos, no home office, eles pontuaram ainda pior. No home office, a população ocupada foi reduzindo ao longo dos meses devido ao retorno das atividades econômicas, e houve uma alteração do predominante gênero - o sexo feminino foi superior em relação ao masculino, mas a faixa etária mais demandada continuou sendo entre 35 e 49 anos. Quanto ao ensino, foi superior completo -

sem instrução ou fundamental completo ou fundamental completo e médio incompleto foram insignificantes ou nulos para todos os grupos.

Na faixa salarial, os homens brancos que ganhavam mais de cinco salários mínimos foram os que mais atuaram em home office, contra os negros que recebiam entre 1 e 2 salários mínimos, ainda muito insignificantes, já que nessa modalidade a mão de obra negra não foi expressiva em nenhum setor. Por outro lado, as mulheres brancas que ganhavam entre 1 e 2 salários mínimos foram as que mais exerceram essa modalidade, assim como as negras, porém em percentual menor. E por fim, as mulheres brancas ficaram mais ociosas do que os homens brancos, ou seja, houve mais mulheres trabalhando menos de 40 horas por semana, os negros também apresentaram certa ociosidade.

Em síntese, o setor privado foi o que mais aderiu ao home office, e apesar de haver uma predominância do gênero feminino, as mulheres ainda continuaram com mão de obra ociosa e com menor nível salarial, mesmo com grau de instrução superior ao dos homens. E os negros tiveram um desempenho, de modo geral, insuficiente, isto é, a ocupação dos negros nessa modalidade foi insignificante, predominando a da população branca.

É importante ressaltar que a população preta teve um desempenho inferior à da parda em todas as análises, tanto na modalidade presencial quanto na de home office, e devemos salientar que a população ainda tem certo receio, seja por preconceito ou por identidade, em se declarar como preto(a). Em relação aos trabalhadores amarelos e indígenas, eles foram desconsiderados da análise pois os resultados foram insuficientes/insignificantes para efeitos de comparação com as demais raças, lembrando que a análise é limitada ao estado de São Paulo e com recorte de dados específicos (variáveis).

Este trabalho, apesar das suas limitações, demonstrou que os negros ainda continuam sendo a mão de obra menos favorecida em relação à branca. Dessa forma, o racismo ainda é um dos empecilhos no mercado de trabalho. Isso é prejudicial em todos os pontos, pois essa população, não encontrando trabalho, migra para o trabalho informal – tipo de trabalho no qual ocorreu um aumento ao longo do período – e isso desfavorece a economia como um todo. Como esses dados são da federação paulista, o maior estado do país, nas outras regiões essa conclusão não é diferente, pois recorrentemente os noticiários informam, em nível nacional, o quanto os trabalhadores negros são os mais afetados no mercado de trabalho.

Assim, se o Brasil quiser se desenvolver com liberdade e dignidade humana, deverá olhar para a maior parcela da sua população e pensar políticas públicas necessárias para combater o racismo estrutural que assola o país desde os tempos da escravidão, assim também para as mulheres, pois ainda há desigualdade salarial entre os sexos e segundo as pesquisas recentes, a igualdade salarial de gênero demorará décadas para ser concretizada. Podemos destacar também o descompromisso do Brasil com a Agenda 2030 da ONU (Organização das Nações Unidas) em que um dos 17 ODS (Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável) é o ODS 8, que diz respeito ao trabalho digno e crescimento econômico, com objetivo de promover o trabalho decente para todos, isto é, independente da raça, etnia e gênero.

A escravidão é em grande parte, não tudo, fruto de como o país enxerga a população negra, seja ela inserida na força de trabalho ou fora dela. A outra parte de ainda estamos enfatizando em número, grau e gênero que o racismo não apenas excluir a população negra dos seus direitos que são garantidos constitucionalmente pela Carta Magna de 1988, mas como mata fisicamente e psicologicamente. Em outras palavras, grande parte da nação brasileira não aceita que a “Senzala” faça parte da “Casa Grande”, pois preferem manter a ordem social acima dos direitos universais do homem, e ainda se diz “civilizada”.

Por fim, mais uma vez vale ressaltar que a população negra perde, a nação perde e o Brasil perde. Sem contar a população indígena que ainda hoje temos que lembrar que “nós somos os ‘invasores’ da terra”, nesse caso temos que respeitar suas terras e seus direitos. Uma economia não se baseia apenas em fatores de produção, mas sobretudo em dignidade e respeito com a sua população, afinal é o trabalho que é o maior bem da economia, e este é realizado majoritariamente por pessoas.

BIBLIOGRÁFIAS

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALMEIDA-FILHO, N. Pandemia de Covid-19 no Brasil: equívocos estratégicos induzidos por retórica negacionista. **Principais elementos**, p. 222–233, 2021.

BENGOA, C. C. A economia feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução. In: **Temáticas**: revista dos pós-graduandos em ciências sociais. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2018. p. 31–68.

Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus. **Governo do Brasil**. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 24 jun. 2021.

Brasil supera 1 milhão de casos e 49 mil mortes, revela consórcio. **OUL**, São Paulo, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/19/coronavirus-covid-mortes-casos-19-junho.htm>. Acesso em: 29 fev. 2022.

BRASIL. Decreto nº 64.881, de 22 de março de 2020. Decreta quarentena no Estado de São Paulo, no contexto da pandemia do COVID-19 (Novo Coronavírus), e dá providências complementares. **Diário Oficial**: Estado de São Paulo: Poder Executivo, São Paulo, SP, 23 de março de 2020. v.130, n. 57, p.1. Seção 1.

BRASIL. Decreto nº 64.994, de 28 de março de 2020. Dispõe sobre a medida de quarentena de que trata o Decreto nº 64.881, de 22 de março de 2020, institui o Plano São Paulo e dá providências complementares. **Diário Oficial**: Estado de São Paulo: Poder Executivo, São Paulo, SP, 29 de março de 2020. v.130, n. 101, p.1. Seção 1.

Brasil. Lei nº 14.020, de 6 de julho de 2020. Institui o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda; dispõe sobre medidas complementares para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020; altera as Leis nºs 8.213, de 24 de julho de 1991, 10.101, de 19 de dezembro de 2000, 12.546, de 14 de dezembro de 2011, 10.865, de 30 de abril de 2004, e 8.177, de 1º de março de 1991; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: República Federativa do Brasil: Poder Legislativo, Brasília, DF, 07 jul. 2020. p.1. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14020&ano=2020&ato=f35ETSE9EMZpWTe7e>. Acesso em: 29 fev. 2022.

CAMPOS, G. W. DE S. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, p. 5–9, 2020.

CANO, W. Políticas econômicas e de ajuste na América Latina. In: OLIVEIRA, C. A. B. DE; OLIVEIRA, M. A. (Eds.). **Economia & trabalho**: textos básicos. Campinas: UNICAMP/IE, 1998. p. 35–59.

CHAHAD, J. Mercado de Trabalho: Conceitos, Definições e Funcionamento. In: PINHO, D. B. et al. (Eds.). **Manual de Economia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1992. p. 379–404.

COSTA, S. DA S. Pandemia e desemprego no Brasil TT - Pandemia y desempleo en Brasil TT - The pandemic and the labor market in Brazil. **Revista de Administração Pública**, v. 54, n. 4, p. 969–978, 2020.

DEDECCA, C. SALVADORI. Conceitos e estatística básicas sobre mercado de trabalho. In: OLIVEIRA, C. A. B. DE; OLIVEIRA, M. A. (Eds.). **Economia & trabalho: textos básicos**. Campinas: UNICAMP/IE, 1998. p. 95–112.

DUQUE, D. Mercado de trabalho. In: SHIKIDA, C. D.; MONASTERIO, L.; NERY, P. F. (Eds.). **Guia Brasileiro de Análise de Dados: armadilhas&soluções**. Brasília: Enap, 2021. p. 202–228.

Estatística de gênero. **IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-2,-3,128&ind=4708>. Acesso em: 29 fev. 2022.

FRANCO, D. S.; FERRAZ, D. L. DA S. Uberização do trabalho e acumulação capitalista.pdf. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 17, p. 844–856, 2019.

HENRIQUE, W. Questão social e políticas sociais no Brasil. In: OLIVEIRA, C. A. B. DE; OLIVEIRA, M. A. (Eds.). **Economia & trabalho: textos básicos**. Campinas: UNICAMP/IE, 1998. p. 79–94.

História da vacinação no Brasil: país é referência mundial em imunização. **FIOCRUZ: Oswaldo Cruz foundation: an institution in the service of live**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/en/node/74687>. Acesso em: 26 jun. 2021.

IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-2020-censo4.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 24 jun. 2021.

JOHNSON, D. Organização Mundial da Saúde declara novo coronavírus uma pandemia. **ONU News: Perspectiva Global Reportagens Humanas**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881>. Acesso em: 24 jun. 2021.

MATTOSO, J. E. L. Transformação econômicas recentes e mudanças no mundo do trabalho. In: OLIVEIRA, C. A. B. DE; OLIVEIRA, M. A. (Eds.). **Economia & trabalho: textos básicos**. Campinas: UNICAMP/IE, 1998. p. 61–77.

MÁXIMO, Welton. Bolsa cai 30%, e dólar sobe 16% em março com pandemia de coronavírus:Índice Ibovespa registra pior trimestre da história. **Agência Brasil**, Brasília, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-03/bolsa-cai-30-e-dolar-sobe-16-em-marco-com-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 29 fev 2022.

NERY, C. Pandemia foi responsável pelo fechamento de 4 em cada 10 empresas com atividades encerradas. **Agência IBGE: notícias**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28295->

pandemia-foi-responsavel-pelo-fechamento-de-4-em-cada-10-empresas-com-atividades-encerradas. Acesso em: 26 jun. 2021.

O que é a Covid-19?: Saiba quais são as características gerais da doença causada pelo novo coronavírus, a Covid-19. **Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 24 jun. 2021.

OLIVEIRA, C. A. B. DE. Industrialização, desenvolvimento e trabalho no pós-guerra. *In*: OLIVEIRA, C. A. B. DE; OLIVEIRA, M. A. (Eds.). **Economia & trabalho**: textos básicos. Campinas: UNICAMP/IE, 1998. p. 3–19.

Patroa fazia as unhas quando Miguel caiu do 9º andar e morreu, diz tia do menino. **Aqui Notícias**, 05 jun. 2020. Disponível em: <https://www.aquinoticias.com/2020/06/patroa-fazia-as-unhas-quando-miguel-caiu-do-9o-andar-e-morreu-diz-tia-do-menino/>. Acesso em: 29 fev. 2022.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD COVID19. **IBGE**. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/investigacoes-experimentais/estatisticas-experimentais/27946-divulgacao-semanal-pnadcovid1?t=o-que-e&utm_source=covid19&utm_medium=hotsite&utm_campaign=covid_19. Acesso em: 24 jun. 2021.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. **IBGE**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 24 jun. 2021.

Plano de SP. Retomada Consciente. **Governo do Estado de São Paulo**. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/planosp/>. Acesso em 28 fev. 2022.

PORTINARI, N. **Exército brasileiro tem estoque de cloroquina para 18 anos**. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/exercito-brasileiro-tem-estoque-de-cloroquina-para-18-anos-rv1-1-24500378.html>. Acesso em: 24 jun. 2021.

Primeira morte por coronavírus no Brasil aconteceu em 12 de março, diz Ministério da Saúde. **g1: Bem estar**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 25 jun. 2021.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RIOS, Renata. Mais da metade da população acima dos 25 anos não concluiu o ensino médio: Os dados são do IBGE e apontam que 69,5 milhões de brasileiros não tem essa etapa do ensino concluída. **Correio Braziliense**. 15 jul. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/07/15/interna-brasil,872326/mais-da-metade-da-populacao-acima-dos-25-anos-nao-concluiu-o-ensino-me.shtml>. Acesso em: 29 fev. 2022.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Sistema Único de Saúde (SUS): estrutura, princípios e como funciona. **Ministério da Saúde**.

Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sus-estrutura-principios-e-como-funciona>. Acesso em: 25 jun. 2021.

TOVA, R. LEI 13.982/2020 – Auxílio Emergencial. **Jusbrasil**. Disponível em: [https://rafaeltova.jusbrasil.com.br/artigos/829283903/lei-13982-2020-auxilio-emergencial#:~:text=LEI 13.982%2F2020 – Auxílio Emergencial. A Lei 13.982%2C,consideração a atual pandemia ocorrida pelo Covid-19](https://rafaeltova.jusbrasil.com.br/artigos/829283903/lei-13982-2020-auxilio-emergencial#:~:text=LEI%2013.982%2F2020%20%E2%80%93%20Aux%C3%ADlio%20Emergencial,A%20Lei%2013.982%2C,considera%C3%A7%C3%A3o%20a%20atual%20pandemia%20ocorrida%20pelo%20Covid-19). Acesso em: 26 jun. 2021.

Trabalho: Desocupação, renda, afastamentos, trabalho remoto e outros efeitos da pandemia no trabalho. **IBGE**: o IBGE apoiando o combate à Covid-19. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>. Acesso em: 26 jun. 2021.

ANEXOS

ANEXO A - Seleção dos dados da PNAD Covid-19 no R

#Carregamento dos pacotes

```
library(convey)
```

```
library(survey)
```

```
library(haven)
```

```
library(dplyr)
```

```
library(srvyr)
```

```
library(readr)
```

```
library(tidyr)
```

```
library(ggrepel)
```

Carregando dataset

```
pnad_covid_052020 <- read_csv("PNAD_COVID_052020.csv", col_types = cols(.default = "d"))
```

```
pnad_covid_062020 <- read_csv("PNAD_COVID_062020.csv", col_types = cols(.default = "d"))
```

```
pnad_covid_072020 <- read_csv("PNAD_COVID_072020.csv", col_types = cols(.default = "d"))
```

```
pnad_covid_082020 <- read_csv("PNAD_COVID_082020.csv", col_types = cols(.default = "d"))
```

```
pnad_covid_092020 <- read_csv("PNAD_COVID_092020.csv", col_types = cols(.default = "d"))
```

```
pnad_covid_102020 <- read_csv("PNAD_COVID_102020.csv", col_types = cols(.default = "d"))
```

```
pnad_covid_112020 <- read_csv("PNAD_COVID_112020.csv", col_types = cols(.default = "d"))
```

ligando Pesos e filtrando SP

```
pnad_052020 <- pnad_covid_052020 %>% as_survey_design(ids = UPA, strata = Estrato, weights  
= V1032, nest = TRUE) %>%
```

```
  filter(UF == "35")
```

```
pnad_062020 <- pnad_covid_062020 %>% as_survey_design(ids = UPA, strata = Estrato, weights  
= V1032, nest = TRUE) %>%
```

```
  filter(UF == "35")
```

```
pnad_072020 <- pnad_covid_072020 %>% as_survey_design(ids = UPA, strata = Estrato, weights  
= V1032, nest = TRUE) %>%
```

```
  filter(UF == "35")
```

```
pnad_082020 <- pnad_covid_082020 %>% as_survey_design(ids = UPA, strata = Estrato, weights
= V1032, nest = TRUE) %>%
  filter(UF == "35")
pnad_092020 <- pnad_covid_092020 %>% as_survey_design(ids = UPA, strata = Estrato, weights
= V1032, nest = TRUE) %>%
  filter(UF == "35")
pnad_102020 <- pnad_covid_102020 %>% as_survey_design(ids = UPA, strata = Estrato, weights
= V1032, nest = TRUE) %>%
  filter(UF == "35")
pnad_112020 <- pnad_covid_112020 %>% as_survey_design(ids = UPA, strata = Estrato, weights
= V1032, nest = TRUE) %>%
  filter(UF == "35")
```

Criando colunas com Variáveis

```
pnad_052020_t <- pnad_052020 %>% mutate(one = 1,
  Sexo = ifelse(A003 == 1, "Homem", "Mulher"),
  Idade = case_when(
    A002 %in% 15:24 ~ "15-24",
    A002 %in% 25:34 ~ "25-34",
    A002 %in% 35:49 ~ "35-49",
    A002 %in% 50:64 ~ "50-64",
    A002 > 64 ~ "65+"),
  Cor = case_when(
    A004 == 1 ~ "Branca",
    A004 == 2 ~ "Preta",
    A004 == 4 ~ "Parda",
    A004 == 3 ~ "Amarela",
    A004 == 5 ~ "Indígena"),
  Escolaridade = factor(case_when(
    A005 %in% 1:2 ~ "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
    A005 %in% 3:4 ~ "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
```

```

A005 %in% 5:6 ~ "Médio completo ou Superior Incompleto",
A005 == 7 ~ "Superior completo",
A005 == 8 ~ "Pós-graduação"),
levels = c( "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
             "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
             "Médio completo ou Superior Incompleto",
             "Superior completo",
             "Pós-graduação")),
Tipo_emprego = factor(case_when(
  C007 == 1 ~ "Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",
  C007 == 2 ~ "Militar",
  C007 == 3 ~ "Policial ou Bombeiro",
  C007 == 4 ~ "Setor privado",
  C007 == 5 ~ "Setor público",
  C007 == 6 ~ "Empregador",
  C007 == 7 ~ "Autônomo (Conta própria)",
  C007 == 8 ~ "Trabalhador familiar não remunerado",
  C007 == 9 ~ "Estava fora do mercado de trabalho"),
levels = c ("Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",
             "Militar",
             "Policial ou Bombeiro",
             "Setor privado",
             "Setor público",
             "Empregador",
             "Autônomo (Conta própria)",
             "Trabalhador familiar não remunerado",
             "Estava fora do mercado de trabalho")),
Horas_trabalhadas = factor(case_when(
  C009 <= 39 ~ "Menos de 40h",

```

```

C009 == 40 ~ "40h",
C009 >= 40 ~ "Mais de 40h"),
levels = c ("Menos de 40h",
            "40h",
            "Mais de 40h")),
CLT_funcionario_publico = case_when(
  C007B %in% 1:2 ~ "Sim",
  C007B == 3 ~ "Não"),
Faixa_salario = factor(case_when(
  C01012 <= 1044 ~ "Menos de um salário mínimo",
  C01012 %in% c(1045:2090) ~ "Entre 1 e 2",
  C01012 %in% c(2091:3135) ~ "Entre 2 e 3",
  C01012 %in% c(3136:4180) ~ "Entre 3 e 4",
  C01012 %in% c(4181:5225) ~ "Entre 4 e 5",
  C01012 >= 4181 ~ "Mais de 5"),
levels = c("Menos de um salário mínimo",
            "Entre 1 e 2",
            "Entre 2 e 3",
            "Entre 3 e 4",
            "Entre 4 e 5",
            "Mais de 5")),
home_office = ifelse(C013 == 1, "Home Office", "Presencial"),
Mais1_Trabalho = ifelse (C006 == 1, "Sim", "Não")
)
pnad_062020_t <- pnad_062020 %>% mutate(one = 1,
  Sexo = ifelse(A003 == 1, "Homem", "Mulher"),
  Idade = case_when(
    A002 %in% 15:24 ~ "15-24",
    A002 %in% 25:34 ~ "25-34",
    A002 %in% 35:49 ~ "35-49",
    A002 %in% 50:64 ~ "50-64",

```

```

A002 > 64 ~ "65+"),
Cor = case_when(
  A004 == 1 ~ "Branca",
  A004 == 2 ~ "Preta",
  A004 == 4 ~ "Parda",
  A004 == 3 ~ "Amarela",
  A004 == 5 ~ "Indígena"),
Escolaridade = factor(case_when(
  A005 %in% 1:2 ~ "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
  A005 %in% 3:4 ~ "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
  A005 %in% 5:6 ~ "Médio completo ou Superior Incompleto",
  A005 == 7 ~ "Superior completo",
  A005 == 8 ~ "Pós-graduação"),
levels = c( "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
             "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
             "Médio completo ou Superior Incompleto",
             "Superior completo",
             "Pós-graduação")),
Tipo_emprego = factor(case_when(
  C007 == 1 ~ "Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",
  C007 == 2 ~ "Militar",
  C007 == 3 ~ "Policial ou Bombeiro",
  C007 == 4 ~ "Setor privado",
  C007 == 5 ~ "Setor público",
  C007 == 6 ~ "Empregador",
  C007 == 7 ~ "Autônomo (Conta própria)",
  C007 == 8 ~ "Trabalhador familiar não remunerado",
  C007 == 9 ~ "Estava fora do mercado de trabalho"),
levels = c ("Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",

```

```

"Militar",
"Policial ou Bombeiro",
"Setor privado",
"Setor público",
"Empregador",
"Autônomo (Conta própria)",
"Trabalhador familiar não remunerado",
"Estava fora do mercado de trabalho")),
Horas_trabalhadas = factor(case_when(
  C009 <= 39 ~ "Menos de 40h",
  C009 == 40 ~ "40h",
  C009 >= 40 ~ "Mais de 40h"),
  levels = c("Menos de 40h",
    "40h",
    "Mais de 40h")),
CLT_funcionario_publico = case_when(
  C007B %in% 1:2 ~ "Sim",
  C007B == 3 ~ "Não"),
Faixa_salario = factor(case_when(
  C01012 <= 1044 ~ "Menos de um salário mínimo",
  C01012 %in% c(1045:2090) ~ "Entre 1 e 2",
  C01012 %in% c(2091:3135) ~ "Entre 2 e 3",
  C01012 %in% c(3136:4180) ~ "Entre 3 e 4",
  C01012 %in% c(4181:5225) ~ "Entre 4 e 5",
  C01012 >= 4181 ~ "Mais de 5"),
  levels = c("Menos de um salário mínimo",
    "Entre 1 e 2",
    "Entre 2 e 3",
    "Entre 3 e 4",
    "Entre 4 e 5",
    "Mais de 5")),

```

```

home_office = ifelse(C013 == 1, "Home Office", "Presencial"),
Mais1_Trabalho = ifelse (C006 == 1, "Sim", "Não")
)
pnad_072020_t <- pnad_072020 %>% mutate(one = 1,
Sexo = ifelse(A003 == 1, "Homem", "Mulher"),
Idade = case_when(
  A002 %in% 15:24 ~ "15-24",
  A002 %in% 25:34 ~ "25-34",
  A002 %in% 35:49 ~ "35-49",
  A002 %in% 50:64 ~ "50-64",
  A002 > 64 ~ "65+"),
Cor = case_when(
  A004 == 1 ~ "Branca",
  A004 == 2 ~ "Preta",
  A004 == 4 ~ "Parda",
  A004 == 3 ~ "Amarela",
  A004 == 5 ~ "Indígena"),
Escolaridade = factor(case_when(
  A005 %in% 1:2 ~ "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
  A005 %in% 3:4 ~ "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
  A005 %in% 5:6 ~ "Médio completo ou Superior Incompleto",
  A005 == 7 ~ "Superior completo",
  A005 == 8 ~ "Pós-graduação"),
levels = c( "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
  "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
  "Médio completo ou Superior Incompleto",
  "Superior completo",
  "Pós-graduação")),
Tipo_emprego = factor(case_when(
  C007 == 1 ~ "Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",

```

```

C007 == 2 ~ "Militar",
C007 == 3 ~ "Policial ou Bombeiro",
C007 == 4 ~ "Setor privado",
C007 == 5 ~ "Setor público",
C007 == 6 ~ "Empregador",
C007 == 7 ~ "Autônomo (Conta própria)",
C007 == 8 ~ "Trabalhador familiar não remunerado",
C007 == 9 ~ "Estava fora do mercado de trabalho"),
levels = c ("Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",

"Militar",
"Policial ou Bombeiro",
"Setor privado",
"Setor público",
"Empregador",
"Autônomo (Conta própria)",
"Trabalhador familiar não remunerado",
"Estava fora do mercado de trabalho")),
Horas_trabalhadas = factor(case_when(
C009 <= 39 ~ "Menos de 40h",
C009 == 40 ~ "40h",
C009 >= 40 ~ "Mais de 40h"),
levels = c ("Menos de 40h",
"40h",
"Mais de 40h")),
CLT_funcionario_publico = case_when(
C007B %in% 1:2 ~ "Sim",
C007B == 3 ~ "Não"),
Faixa_salario = factor(case_when(
C01012 <= 1044 ~ "Menos de um salário mínimo",
C01012 %in% c(1045:2090) ~ "Entre 1 e 2",

```

```

C01012 %in% c(2091:3135) ~ "Entre 2 e 3",
C01012 %in% c(3136:4180) ~ "Entre 3 e 4",
C01012 %in% c(4181:5225) ~ "Entre 4 e 5",
C01012 >= 4181 ~ "Mais de 5"),
levels = c("Menos de um salário mínimo",
            "Entre 1 e 2",
            "Entre 2 e 3",
            "Entre 3 e 4",
            "Entre 4 e 5",
            "Mais de 5")),
home_office = ifelse(C013 == 1, "Home Office", "Presencial"),
Mais1_Trabalho = ifelse (C006 == 1, "Sim", "Não")
)
pnad_082020_t <- pnad_082020 %>% mutate(one = 1,
Sexo = ifelse(A003 == 1, "Homem", "Mulher"),
Idade = case_when(
  A002 %in% 15:24 ~ "15-24",
  A002 %in% 25:34 ~ "25-34",
  A002 %in% 35:49 ~ "35-49",
  A002 %in% 50:64 ~ "50-64",
  A002 > 64 ~ "65+"),
Cor = case_when(
  A004 == 1 ~ "Branca",
  A004 == 2 ~ "Preta",
  A004 == 4 ~ "Parda",
  A004 == 3 ~ "Amarela",
  A004 == 5 ~ "Indígena"),
Escolaridade = factor(case_when(
  A005 %in% 1:2 ~ "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
  A005 %in% 3:4 ~ "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
  A005 %in% 5:6 ~ "Médio completo ou Superior Incompleto",

```

```

A005 == 7 ~ "Superior completo",
A005 == 8 ~ "Pós-graduação"),
levels = c( "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
            "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
            "Médio completo ou Superior Incompleto",
            "Superior completo",
            "Pós-graduação")),
Tipo_emprego = factor(case_when(
  C007 == 1 ~ "Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",

  C007 == 2 ~ "Militar",
  C007 == 3 ~ "Policial ou Bombeiro",
  C007 == 4 ~ "Setor privado",
  C007 == 5 ~ "Setor público",
  C007 == 6 ~ "Empregador",
  C007 == 7 ~ "Autônomo (Conta própria)",
  C007 == 8 ~ "Trabalhador familiar não remunerado",
  C007 == 9 ~ "Estava fora do mercado de trabalho"),
levels = c ("Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",

            "Militar",
            "Policial ou Bombeiro",
            "Setor privado",
            "Setor público",
            "Empregador",
            "Autônomo (Conta própria)",
            "Trabalhador familiar não remunerado",
            "Estava fora do mercado de trabalho")),
Horas_trabalhadas = factor(case_when(
  C009 <= 39 ~ "Menos de 40h",
  C009 == 40 ~ "40h",

```

```

C009 >= 40 ~ "Mais de 40h"),
levels = c ("Menos de 40h",
            "40h",
            "Mais de 40h")),
CLT_funcionario_publico = case_when(
  C007B %in% 1:2 ~ "Sim",
  C007B == 3 ~ "Não"),
Faixa_salario = factor(case_when(
  C01012 <= 1044 ~ "Menos de um salário mínimo",
  C01012 %in% c(1045:2090) ~ "Entre 1 e 2",
  C01012 %in% c(2091:3135) ~ "Entre 2 e 3",
  C01012 %in% c(3136:4180) ~ "Entre 3 e 4",
  C01012 %in% c(4181:5225) ~ "Entre 4 e 5",
  C01012 >= 4181 ~ "Mais de 5"),
levels = c("Menos de um salário mínimo",
            "Entre 1 e 2",
            "Entre 2 e 3",
            "Entre 3 e 4",
            "Entre 4 e 5",
            "Mais de 5")),
home_office = ifelse(C013 == 1, "Home Office", "Presencial"),
Mais1_Trabalho = ifelse (C006 == 1, "Sim", "Não")
)
pnad_092020_t <- pnad_092020 %>% mutate(one = 1,
Sexo = ifelse(A003 == 1, "Homem", "Mulher"),
Idade = case_when(
  A002 %in% 15:24 ~ "15-24",
  A002 %in% 25:34 ~ "25-34",
  A002 %in% 35:49 ~ "35-49",
  A002 %in% 50:64 ~ "50-64",
  A002 > 64 ~ "65+"),

```

```

Cor = case_when(
  A004 == 1 ~ "Branca",
  A004 == 2 ~ "Preta",
  A004 == 4 ~ "Parda",
  A004 == 3 ~ "Amarela",
  A004 == 5 ~ "Indígena"),
Escolaridade = factor(case_when(
  A005 %in% 1:2 ~ "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
  A005 %in% 3:4 ~ "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
  A005 %in% 5:6 ~ "Médio completo ou Superior Incompleto",
  A005 == 7 ~ "Superior completo",
  A005 == 8 ~ "Pós-graduação"),
levels = c("Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
            "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
            "Médio completo ou Superior Incompleto",
            "Superior completo",
            "Pós-graduação")),
Tipo_emprego = factor(case_when(
  C007 == 1 ~ "Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",
  C007 == 2 ~ "Militar",
  C007 == 3 ~ "Policial ou Bombeiro",
  C007 == 4 ~ "Setor privado",
  C007 == 5 ~ "Setor público",
  C007 == 6 ~ "Empregador",
  C007 == 7 ~ "Autônomo (Conta própria)",
  C007 == 8 ~ "Trabalhador familiar não remunerado",
  C007 == 9 ~ "Estava fora do mercado de trabalho"),
levels = c("Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",
            "Militar",

```

```

      "Policial ou Bombeiro",
      "Setor privado",
      "Setor público",
      "Empregador",
      "Autônomo (Conta própria)",
      "Trabalhador familiar não remunerado",
      "Estava fora do mercado de trabalho")),
Horas_trabalhadas = factor(case_when(
  C009 <= 39 ~ "Menos de 40h",
  C009 == 40 ~ "40h",
  C009 >= 40 ~ "Mais de 40h"),
levels = c("Menos de 40h",
  "40h",
  "Mais de 40h")),
CLT_funcionario_publico = case_when(
  C007B %in% 1:2 ~ "Sim",
  C007B == 3 ~ "Não"),
Faixa_salario = factor(case_when(
  C01012 <= 1044 ~ "Menos de um salário mínimo",
  C01012 %in% c(1045:2090) ~ "Entre 1 e 2",
  C01012 %in% c(2091:3135) ~ "Entre 2 e 3",
  C01012 %in% c(3136:4180) ~ "Entre 3 e 4",
  C01012 %in% c(4181:5225) ~ "Entre 4 e 5",
  C01012 >= 4181 ~ "Mais de 5"),
levels = c("Menos de um salário mínimo",
  "Entre 1 e 2",
  "Entre 2 e 3",
  "Entre 3 e 4",
  "Entre 4 e 5",
  "Mais de 5")),
home_office = ifelse(C013 == 1, "Home Office", "Presencial"),

```

```

Mais1_Trabalho = ifelse (C006 == 1, "Sim", "Não")
)
pnad_102020_t <- pnad_102020 %>% mutate(one = 1,
  Sexo = ifelse(A003 == 1, "Homem", "Mulher"),
  Idade = case_when(
    A002 %in% 15:24 ~ "15-24",
    A002 %in% 25:34 ~ "25-34",
    A002 %in% 35:49 ~ "35-49",
    A002 %in% 50:64 ~ "50-64",
    A002 > 64 ~ "65+"),
  Cor = case_when(
    A004 == 1 ~ "Branca",
    A004 == 2 ~ "Preta",
    A004 == 4 ~ "Parda",
    A004 == 3 ~ "Amarela",
    A004 == 5 ~ "Indígena"),
  Escolaridade = factor(case_when(
    A005 %in% 1:2 ~ "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
    A005 %in% 3:4 ~ "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
    A005 %in% 5:6 ~ "Médio completo ou Superior Incompleto",
    A005 == 7 ~ "Superior completo",
    A005 == 8 ~ "Pós-graduação"),
    levels = c( "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
      "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
      "Médio completo ou Superior Incompleto",
      "Superior completo",
      "Pós-graduação")),
  Tipo_emprego = factor(case_when(
    C007 == 1 ~ "Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",
    C007 == 2 ~ "Militar",

```

```

C007 == 3 ~ "Policial ou Bombeiro",
C007 == 4 ~ "Setor privado",
C007 == 5 ~ "Setor público",
C007 == 6 ~ "Empregador",
C007 == 7 ~ "Autônomo (Conta própria)",
C007 == 8 ~ "Trabalhador familiar não remunerado",
C007 == 9 ~ "Estava fora do mercado de trabalho)",
levels = c ("Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",

"Militar",
"Policial ou Bombeiro",
"Setor privado",
"Setor público",
"Empregador",
"Autônomo (Conta própria)",
"Trabalhador familiar não remunerado",
"Estava fora do mercado de trabalho")),
Horas_trabalhadas = factor(case_when(
C009 <= 39 ~ "Menos de 40h",
C009 == 40 ~ "40h",
C009 >= 40 ~ "Mais de 40h"),
levels = c ("Menos de 40h",
"40h",
"Mais de 40h")),
CLT_funcionario_publico = case_when(
C007B %in% 1:2 ~ "Sim",
C007B == 3 ~ "Não"),
Faixa_salario = factor(case_when(
C01012 <= 1044 ~ "Menos de um salário mínimo",
C01012 %in% c(1045:2090) ~ "Entre 1 e 2",
C01012 %in% c(2091:3135) ~ "Entre 2 e 3",

```

```

C01012 %in% c(3136:4180) ~ "Entre 3 e 4",
C01012 %in% c(4181:5225) ~ "Entre 4 e 5",
C01012 >= 4181 ~ "Mais de 5"),
levels = c("Menos de um salário mínimo",
            "Entre 1 e 2",
            "Entre 2 e 3",
            "Entre 3 e 4",
            "Entre 4 e 5",
            "Mais de 5")),
home_office = ifelse(C013 == 1, "Home Office", "Presencial"),
Mais1_Trabalho = ifelse (C006 == 1, "Sim", "Não")
)
pnad_112020_t <- pnad_112020 %>% mutate(one = 1,
Sexo = ifelse(A003 == 1, "Homem", "Mulher"),
Idade = case_when(
  A002 %in% 15:24 ~ "15-24",
  A002 %in% 25:34 ~ "25-34",
  A002 %in% 35:49 ~ "35-49",
  A002 %in% 50:64 ~ "50-64",
  A002 > 64 ~ "65+"),
Cor = case_when(
  A004 == 1 ~ "Branca",
  A004 == 2 ~ "Preta",
  A004 == 4 ~ "Parda",
  A004 == 3 ~ "Amarela",
  A004 == 5 ~ "Indígena"),
Escolaridade = factor(case_when(
  A005 %in% 1:2 ~ "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
  A005 %in% 3:4 ~ "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
  A005 %in% 5:6 ~ "Médio completo ou Superior Incompleto",
  A005 == 7 ~ "Superior completo",

```

```

A005 == 8 ~ "Pós-graduação"),
levels = c( "Sem Instrução ou Fundamental Incompleto",
            "Fundamental completo ou Médio Incompleto",
            "Médio completo ou Superior Incompleto",
            "Superior completo",
            "Pós-graduação")),
Tipo_emprego = factor(case_when(
  C007 == 1 ~ "Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",

  C007 == 2 ~ "Militar",
  C007 == 3 ~ "Policial ou Bombeiro",
  C007 == 4 ~ "Setor privado",
  C007 == 5 ~ "Setor público",
  C007 == 6 ~ "Empregador",
  C007 == 7 ~ "Autônomo (Conta própria)",
  C007 == 8 ~ "Trabalhador familiar não remunerado",
  C007 == 9 ~ "Estava fora do mercado de trabalho"),
levels = c ("Trabalhador doméstico (empregado doméstico, cuidados,
babá)",

            "Militar",
            "Policial ou Bombeiro",
            "Setor privado",
            "Setor público",
            "Empregador",
            "Autônomo (Conta própria)",
            "Trabalhador familiar não remunerado",
            "Estava fora do mercado de trabalho")),
Horas_trabalhadas = factor(case_when(
  C009 <= 39 ~ "Menos de 40h",
  C009 == 40 ~ "40h",
  C009 >= 40 ~ "Mais de 40h"),

```

```

      levels = c ("Menos de 40h",
                  "40h",
                  "Mais de 40h")),
CLT_funcionario_publico = case_when(
  C007B %in% 1:2 ~ "Sim",
  C007B == 3 ~ "Não"),
Faixa_salario = factor(case_when(
  C01012 <= 1044 ~ "Menos de um salário mínimo",
  C01012 %in% c(1045:2090) ~ "Entre 1 e 2",
  C01012 %in% c(2091:3135) ~ "Entre 2 e 3",
  C01012 %in% c(3136:4180) ~ "Entre 3 e 4",
  C01012 %in% c(4181:5225) ~ "Entre 4 e 5",
  C01012 >= 4181 ~ "Mais de 5"),
  levels = c("Menos de um salário mínimo",
             "Entre 1 e 2",
             "Entre 2 e 3",
             "Entre 3 e 4",
             "Entre 4 e 5",
             "Mais de 5")),
home_office = ifelse(C013 == 1, "Home Office", "Presencial"),
Mais1_Trabalho = ifelse (C006 == 1, "Sim", "Não")
)
##### Pessoas empregadas #####
maio_t <- pnad_052020_t %>%
  group_by(Sexo, Cor, Idade, Escolaridade, Tipo_emprego, Faixa_salario, Horas_trabalhadas)
%>%
  summarise(
    CLT_funcionario_publico = survey_total(C007B %in% 1:2, na.rm = TRUE),
    home_office = survey_total(C013 == 1, na.rm = TRUE),
    Mais1_Trabalho = survey_total (C006 == 1, na.rm = TRUE),
    mao_de_obra = survey_total(C001 == 1, na.rm = TRUE)) %>%

```

```

drop_na()
jun_t <- pnad_062020_t %>%
  group_by(Sexo, Cor, Idade, Escolaridade, Tipo_emprego, Faixa_salario, Horas_trabalhadas)
  %>%
  summarise(
    CLT_funcionario_publico = survey_total(C007B %in% 1:2, na.rm = TRUE),
    home_office = survey_total(C013 == 1, na.rm = TRUE),
    Mais1_Trabalho = survey_total (C006 == 1, na.rm = TRUE),
    mao_de_obra = survey_total(C001 == 1, na.rm = TRUE)) %>%
  drop_na()
jul_t <- pnad_072020_t %>%
  group_by(Sexo, Cor, Idade, Escolaridade, Tipo_emprego, Faixa_salario, Horas_trabalhadas)
  %>%
  summarise(
    CLT_funcionario_publico = survey_total(C007B %in% 1:2, na.rm = TRUE),
    home_office = survey_total(C013 == 1, na.rm = TRUE),
    Mais1_Trabalho = survey_total (C006 == 1, na.rm = TRUE),
    mao_de_obra = survey_total(C001 == 1, na.rm = TRUE)) %>%
  drop_na()
ago_t <- pnad_082020_t %>%
  group_by(Sexo, Cor, Idade, Escolaridade, Tipo_emprego, Faixa_salario, Horas_trabalhadas)
  %>%
  summarise(
    CLT_funcionario_publico = survey_total(C007B %in% 1:2, na.rm = TRUE),
    home_office = survey_total(C013 == 1, na.rm = TRUE),
    Mais1_Trabalho = survey_total (C006 == 1, na.rm = TRUE),
    mao_de_obra = survey_total(C001 == 1, na.rm = TRUE)) %>%
  drop_na()
set_t <- pnad_092020_t %>%
  group_by(Sexo, Cor, Idade, Escolaridade, Tipo_emprego, Faixa_salario, Horas_trabalhadas)
  %>%

```

```

summarise(
  CLT_funcionario_publico = survey_total(C007B %in% 1:2, na.rm = TRUE),
  home_office = survey_total(C013 == 1, na.rm = TRUE),
  Mais1_Trabalho = survey_total (C006 == 1, na.rm = TRUE),
  mao_de_obra = survey_total(C001 == 1, na.rm = TRUE)) %>%
drop_na()
out_t <- pnad_102020_t %>%
  group_by(Sexo, Cor, Idade, Escolaridade, Tipo_emprego, Faixa_salario, Horas_trabalhadas)
%>%
summarise(
  CLT_funcionario_publico = survey_total(C007B %in% 1:2, na.rm = TRUE),
  home_office = survey_total(C013 == 1, na.rm = TRUE),
  Mais1_Trabalho = survey_total (C006 == 1, na.rm = TRUE),
  mao_de_obra = survey_total(C001 == 1, na.rm = TRUE)) %>%
drop_na()
nov_t <- pnad_112020_t %>%
  group_by(Sexo, Cor, Idade, Escolaridade, Tipo_emprego, Faixa_salario, Horas_trabalhadas)
%>%
summarise(
  CLT_funcionario_publico = survey_total(C007B %in% 1:2, na.rm = TRUE),
  home_office = survey_total(C013 == 1, na.rm = TRUE),
  Mais1_Trabalho = survey_total (C006 == 1, na.rm = TRUE),
  mao_de_obra = survey_total(C001 == 1, na.rm = TRUE)) %>%
drop_na()

```

ANEXO B - Tabela de dados da população ocupada (presencial)

Tabela total de mão de obra por sexo entre maio e novembro

(continua)

Mês	Homem	Mulher
Maio	9194760,97	6540411,76

Tabela total de mão de obra por sexo entre maio e novembro

(conclusão)

Mês	Homem	Mulher
junho	9632543,327	6980044,088
julho	10199695,74	7265995,166
agosto	10647200,21	7680273,506
setembro	10850853,76	7888783,45
outubro	11226632,47	8059190,721
novembro	11291538,89	8183407,836

Tabela total de mão de obra celetista por sexo entre maio e novembro

Mês	Homem	Mulher
Maio	6349607,077	5255286,002
junho	6288206,918	5310268,105
julho	6363033,804	5284764,9
agosto	6398282,667	5340316,665
setembro	6494910,983	5348693,329
outubro	6523022,17	5416249,329
novembro	6578698,947	5387806,151

Homem – por cor/raça e faixa etária

(continua)

Mês	Cor/Raça	15-24	25-34	35-49	50-64	65+
maio	Branco	590612,4624	1216700,133	2255754,565	1177238,203	229515,766
	Preto	89536,2986	184265,5408	300378,4713	146903,1734	14452,24911
	Pardo	433317,9899	729215,502	1147628,121	456199,49	50821,13488
	Amarelo	14623,11668	55799,24648	48156,46542	30571,35472	7444,517045
	Indígena	3317,882065	7901,895682	109,9826704	3092,597033	1204,812587
junho	Branco	618428,1892	1319082,7	2325875,957	1282558,412	248768,9579
	Preto	78957,79862	210957,3557	302510,8136	149118,5896	11683,41167
	Pardo	452383,8847	760532,9691	1168382,98	494487,9627	54351,70144
	Amarelo	12587,53606	45493,35192	49130,72291	24134,2979	9286,59349
	Indígena	3061,492791	3775,817386	2089,329993	3717,987333	1184,514928
julho	Branco	639522,9707	1465855,101	2421306,16	1341239,091	262356,9499
	Preto	89639,46838	231636,2646	315472,6361	161555,5784	18394,21818
	Pardo	482521,8199	815848,4617	1215411,742	512414,0837	72075,03844
	Amarelo	13120,12669	39511,25302	53578,5527	30741,59495	6104,804503
	Indígena	0	4865,346222	0	5340,405778	1184,071807

Homem – por cor/raça e faixa etária

(conclusão)

Mês	Cor/Raça	15-24	25-34	35-49	50-64	65+
agosto	Branco	673445,3257	1515170,81	2508019,708	1411576,693	278421,2538
	Preto	105502,7625	243990,4596	335903,8666	174122,9668	16030,64269
	Pardo	490431,866	836400,5396	1230965,787	567226,7459	75734,72397
	Amarelo	13088,52083	43392,19368	61127,88231	27619,17775	10353,87094
	Indígena	3364,281622	12212,25953	2266,943293	9661,722595	1169,203238
setembro	Branco	699271,641	1542654,682	2544549,598	1430579,239	279129,2419
	Preto	105288,4793	237388,7952	329806,071	176835,8689	15118,23023
	Pardo	533014,9268	864878,3161	1273170,392	556266,0621	74343,2168
	Amarelo	21670,42435	35627,10562	66317,90156	27559,37461	10804,95562
	Indígena	3454,242926	7257,638547	4928,191443	9760,882396	1178,283974
outubro	Branco	740189,683	1621110,408	2596192,465	1454463,571	294395,6483
	Preto	117475,434	265348,0667	344641,2179	180641,6357	17903,96004
	Pardo	550219,0198	885724,4125	1314333,302	585202,4621	80805,59307
	Amarelo	14611,64636	42410,01262	58689,19169	30062,8637	13207,85185
	Indígena	0	6599,084745	3950,845036	7165,498593	1288,600652
novembro	Branco	762265,5629	1577192,492	2587226,917	1489844,572	292068,7166
	Preto	113042,9617	269358,0761	351291,6853	174213,9777	18297,43201
	Pardo	550567,8282	908229,3549	1316512,683	611672,8981	77252,53106
	Amarelo	18723,92545	41925,83595	68464,66496	27839,83372	13349,98371
	Indígena	0	9206,341839	5059,808702	6676,174343	1254,630943

Mulher – por cor/raça e faixa etária

(continua)

Mês	Cor/Raça	15-24	25-34	35-49	50-64	65+
maio	Branca	437622,1809	966142,0901	1757997,499	866431,7686	89346,45333
	Preta	55673,00596	114704,2203	216295,287	107015,7246	11173,70056
	Parda	251093,2051	462607,2333	754921,8735	315504,9293	23255,36458
	Amarela	7113,863713	22175,72251	41103,29227	27863,35459	5314,961558
	Indígena	0	5144,930532	1911,098762	0	0
junho	Branca	452047,2764	1046073,952	1833468,522	948295,4919	91041,30735
	Preta	53460,99383	124274,5125	220711,522	102631,1279	11951,91979
	Parda	264171,9307	526616,9149	834016,5832	323403,0584	27610,29603
	Amarela	6499,791951	33399,93692	43408,17177	23497,16166	6585,339774
	Indígena	1969,263716	3074,629428	1834,383621	0	0
julho	Branca	475861,6945	1083085,813	1883131,182	988490,3796	101566,5694

Mulher – por cor/raça e faixa etária

(conclusão)

Mês	Cor/Raça	15-24	25-34	35-49	50-64	65+
agosto	Preta	65100,41821	133628,787	224230,7686	100815,4056	12519,04003
	Parda	279345,3195	535573,1164	863994,9267	353862,2138	40694,33109
	Amarela	7248,694353	36496,47682	47063,41743	23985,37123	5774,371923
	Indígena	0	1618,656612	1908,212861	0	0
	Branca	476473,6985	1163183,68	1963488,637	1022214,615	111487,0839
	Preta	81184,1316	144623,0887	257031,8276	109484,5807	13210,73491
	Parda	294897,3244	558743,1472	939875,7702	370485,6515	37580,74196
	Amarela	6353,1193	37898,28191	52047,22534	23589,20263	9112,092126
	Indígena	2054,856806	3399,282278	1854,731873	0	0
	Branca	515560,8935	1162321,102	2020800,49	1053074,828	112551,496
setembro	Preta	70119,44359	134092,6262	254268,646	122551,4689	13008,09696
	Parda	285571,9377	620764,8572	968988,1819	376254,193	37333,4843
	Amarela	8036,395064	34534,78736	58489,54757	25139,28214	6824,609873
	Indígena	2395,368563	3519,134169	2582,580309	0	0
	Branca	544933,6698	1229026,356	2038414,33	1057219,101	120392,3776
outubro	Preta	79717,72565	138108,1735	280959,2909	131967,8647	15510,28405
	Parda	286616,1977	592459,6929	976529,8873	399262,1923	30086,57455
	Amarela	7892,791994	40470,54024	53354,55677	21408,918	7449,151387
	Indígena	2435,488117	3629,967379	1345,589422	0	0
	Branca	559207,6554	1234366,409	2055210,047	1058655,993	117127,3969
novembro	Preta	77300,64946	144315,8268	270307,9598	132944,5439	16126,61082
	Parda	293795,2906	639338,7339	1004278,837	407405,6796	35570,2183
	Amarela	6946,523975	33991,22056	56608,8543	26013,42664	5292,140939
	Indígena	2383,328787	3695,857053	1454,357756	1070,275182	0

Homem – por cor/raça e grau de instrução

(continua)

Mês	Cor/Raça	Sem Instrução ou Fundamental Incompleto	Fundamental completo ou Médio Incompleto	Médio completo ou Superior Incompleto	Superior completo	Pós-graduação
maio	Branco	544197,906	705443,0645	2261802,969	1500516,631	457860,5576
	Preto	126190,8523	148606,0713	326373,1862	125034,0493	9331,574085
	Pardo	508960,8509	563384,1152	1395275,828	310774,6271	38786,81677
	Amarelo	7577,602855	11385,89784	46511,6571	66282,59015	24836,9524
	Indígena	4885,279612	2018,023003	7456,781182	1267,08624	0
junho	Branco	579088,143	773852,1203	2474713,913	1539451,833	427608,2058

Homem – por cor/raça e grau de instrução

(conclusão)

Mês	Cor/Raça	Sem Instrução ou Fundamental Incompleto	Fundamental completo ou Médio Incompleto	Médio completo ou Superior Incompleto	Superior completo	Pós- graduação
julho	Preto	134698,0212	147334,1876	341932,5386	112922,778	16340,44388
	Pardo	527281,0403	552387,8759	1508450,72	306421,6039	35598,25773
	Amarelo	2813,676151	12529,11345	41688,61647	58221,42894	25379,66728
	Indígena	3739,296025	3944,015572	4924,794545	1221,036289	0
	Branco	657383,263	804246,6698	2660387,91	1571605,045	436657,3844
	Preto	121258,0957	167196,4164	389797,8532	126235,3905	12210,40991
	Pardo	575704,8701	589497,59	1542471,966	339894,681	50702,03832
	Amarelo	5294,034617	11382,74249	45044,68501	56755,20407	24579,66568
	Indígena	2818,389063	1969,315336	6602,119408	0	0
	Branco	667837,7298	847916,833	2758860,32	1644594,568	467424,3391
agosto	Preto	119529,2851	174201,3298	431740,6117	132702,3599	17377,11159
	Pardo	598120,4059	611270,4851	1607940,083	341803,4817	41625,20674
	Amarelo	1800,653213	15426,70893	53605,24097	56818,72226	27930,32014
	Indígena	5416,681826	9528,243401	12425,7934	1303,691643	0
	Branco	681967,8183	871776,3082	2802436,505	1652733,268	487270,5017
setembro	Preto	115021,4305	177113,1844	419100,8492	138360,3143	14841,66617
	Pardo	570147,5974	628622,6852	1712590,557	341353,9762	48958,09725
	Amarelo	4550,974903	15841,74559	63352,00515	48716,3324	29518,70371
	Indígena	4115,440267	11033,10389	10102,15849	1328,53664	0
	Branco	699100,3646	909033,4738	2918033,45	1694242,148	485942,3389
outubro	Preto	130698,381	191588,0907	458131,2585	129714,6525	15877,93166
	Pardo	596371,1231	675423,207	1745389,562	346826,332	52274,56578
	Amarelo	8619,238329	17435,17717	56716,93918	52820,33837	23389,87318
	Indígena	4297,713543	8365,021884	5016,567532	1324,726068	0
	Branco	699238,7675	893663,5911	2977286,651	1656285,076	482124,1739
novembro	Preto	137718,8503	176536,285	461374,4086	135230,7868	15343,80216
	Pardo	606780,7652	686282,1007	1774480,639	348990,1632	47701,62717
	Amarelo	8340,520742	16922,82277	59492,32591	52883,36722	32665,20713
	Indígena	3206,788393	5316,627779	12157,60758	1515,932072	0

Mulher – por cor/raça e grau de instrução

(continua)

Mês	Cor/Raça	Sem Instrução ou Fundamental Incompleto	Fundamental completo ou Médio Incompleto	Médio completo ou Superior Incompleto	Superior completo	Pós- graduação
maio	Branca	288655,1151	393742,6288	1562170,193	1474125,954	398846,1013

Mulher – por cor/raça e grau de instrução

(conclusão)

Mês	Cor/Raça	Sem Instrução ou Fundamental Incompleto	Fundamental completo ou Médio Incompleto	Médio completo ou Superior Incompleto	Superior completo	Pós- graduação
junho	Preta	50439,74069	50002,07887	233367,0029	144149,0717	26904,04418
	Parda	200739,5452	277753,4233	942094,0316	330227,2981	56568,30762
	Amarela	1884,267795	11309,25283	24193,64598	51588,25792	14595,77012
	Indígena	0	0	2276,541078	3447,235265	1332,252951
	Branca	291543,4885	427657,7114	1689515,47	1530595,542	431614,3369
	Preta	48854,29203	59157,51258	235828,8694	146333,9071	22855,49488
	Parda	245283,4021	307672,1482	1044814,684	319594,1893	58454,35914
	Amarela	1063,392741	8874,331301	27078,96505	60597,04886	15776,66413
	Indígena	0	318,8503835	1969,263716	2061,902836	2528,259829
	Branca	319914,7749	423706,5176	1757799,638	1575751,286	454963,4213
julho	Preta	47366,48792	59448,3494	261601,0293	147481,8205	20396,73227
	Parda	266449,5311	349880,8632	1062012,736	337293,4094	57833,36733
	Amarela	2615,218993	8633,302247	34505,04553	62790,29119	12024,4738
	Indígena	0	329,912334	0	583,2358306	2613,721308
	Branca	330726,1293	440283,6917	1802936,691	1668155,512	494745,6913
agosto	Preta	59469,15009	72681,9278	289038,2542	158007,3564	26337,67507
	Parda	278784,5875	360293,0928	1125952,908	378323,2978	58228,74949
	Amarela	2705,536546	10553,8189	36256,60036	69042,79072	10441,17477
	Indígena	0	341,4442186	2054,856806	2235,5401	2677,029832
	Branca	345777,0944	468960,7689	1879989,469	1663915,665	505665,8123
setembro	Preta	64434,14435	63483,41526	285348,3488	151990,6026	28783,77054
	Parda	300836,1623	366461,4393	1147745,309	404139,372	69730,37124
	Amarela	5173,550868	10859,75311	40569,5809	61431,72907	14990,00805
	Indígena	0	362,5383549	3084,577477	3765,55758	1284,40963
	Branca	344820,8032	509742,8335	1951037,334	1675777,121	508607,7421
outubro	Preta	63815,28758	71288,00535	305115,8558	169662,2155	36381,9747
	Parda	305643,7172	343408,0671	1170711,829	392171,8065	73019,12522
	Amarela	5403,208449	10163,24948	38822,02475	67923,01509	8264,460632
	Indígena	0	372,0004553	3147,2791	3891,765363	0
	Branca	354172,6506	498816,4496	1971659,941	1697352,799	502565,6597
novembro	Preta	64988,6049	82243,94367	293438,2686	168433,7318	31891,04178
	Parda	305842,9299	382557,3606	1219158,897	405729,2045	67100,36718
	Amarela	5494,421405	10321,7329	35033,36585	66329,02076	11673,6255
	Indígena	1070,275182	373,204639	3206,254699	3954,084258	0

Homem – por cor/raça e tipo de emprego

Mês	cor/raça	Trabalhador doméstico	Setor privado	Setor público	Empregador
maio	Branco	23826,85089	3158992,171	464684,5873	379755,8583
	Preto	2812,626279	449914,846	78299,73026	11383,74217
	Pardo	16788,29501	1814551,619	194274,0922	59162,90825
junho	Branco	20723,28291	3312131,408	460593,0436	384844,0085
	Preto	4179,685446	459504,7852	65702,4199	9169,625952
	Pardo	9911,605743	1849830,502	194059,3805	57388,92566
julho	Branco	33108,0074	3477977,853	464368,877	397523,2168
	Preto	6072,115693	501182,1857	67324,43237	8066,07448
	Pardo	13104,73056	1936081,729	160267,5885	53732,17289
agosto	Branco	34791,84654	3598131,679	486166,0064	401403,1799
	Preto	4784,356161	537916,3893	67944,49854	9748,074929
	Pardo	13641,55361	1994105,84	170256,7678	56028,19348
setembro	Branco	35142,13202	3679108,27	484340,2503	406955,8677
	Preto	5753,216237	518820,2811	68987,19236	9115,528387
	Pardo	0,00146625	0,194368666	0,015487065	0,005113645
outubro	Branco	33752,00378	3778086,185	491489,5264	405306,3334
	Preto	6221,743078	564702,7533	66540,63625	8187,089354
	Pardo	20708,26392	2148603,868	180365,4103	57642,25443
novembro	Branco	30965,80189	3805299,753	499590,2031	394515,7217
	Preto	4038,501736	548592,2781	70348,57811	11129,02763
	Pardo	18274,68386	2178421,519	158521,9774	56356,03576

Mulher – por cor/raça e tipo de emprego

(continua)

Mês	Cor/raça	Trabalhador doméstico	Setor privado	Setor público	Empregador
maio	Branca	307039,1636	2217106,807	665663,0132	158338,653
	Preta	75596,82236	254419,9859	98608,83434	7444,534118
	Parda	283335,9982	962121,4486	226666,1587	19358,21248
junho	Branca	334090,1153	2297906,321	704531,9841	167050,5215
	Preta	70474,18491	261211,5326	99667,19288	8597,308865
	Parda	327742,1268	1057175,158	224861,3869	18099,8435
julho	Branca	369058,9094	2396746,843	704523,1704	178867,1103
	Preta	64991,88118	286521,9715	96802,34083	7150,360617
	Parda	362470,8773	1108779,119	207509,9132	17282,93118
agosto	Branca	379657,4366	2499837,262	744618,6079	175747,4469
	Preta	81978,58548	337002,2607	99338,91121	8649,363143
	Parda	377831,0517	1166908,221	220481,2287	20513,02729

Mulher – por cor/raça e tipo de emprego

(conclusão)

Mês	Cor/raça	Trabalhador doméstico	Setor privado	Setor público	Empregador
setembro	Branca	391932,1167	2571955,79	742396,2335	184069,5828
	Preta	80811,1626	314830,1331	105793,8118	8744,308719
	Parda	386767,115	1226724,225	236850,214	20776,61904
outubro	Branca	406298,2426	2667959,828	737843,0412	192419,6357
	Preta	86758,85367	338108,8794	105230,078	9045,093943
	Parda	386348,287	1234520,056	241878,6442	21604,54905
novembro	Branca	387060,3389	2652331,984	755398,8259	177046,1688
	Preta	81805,45347	339876,5447	112569,9077	9045,632915
	Parda	416010,3775	1255476,895	238774,1572	21475,60749

Homem – por cor/raça e faixa salarial

Mês	cor/raça	Menos de um salário mínimo	Entre 1 e 2	Entre 2 e 3	Entre 4 e 5	Mais de 5
maio	Branco	383003,7761	2267406,698	1075194,137	372864,8958	936764,9241
	Preto	80536,4759	400957,1715	127662,702	35918,63973	51664,47419
	Pardo	307663,8381	1603818,625	518865,1677	95529,71545	130373,6196
junho	Branco	394028,0142	2431406,651	1124032,549	383783,4456	996065,2151
	Preto	69669,33704	436068,7842	126809,8231	30000,8322	50547,15259
	Pardo	271636,7561	1702607,769	560781,192	95568,85233	120500,7115
julho	Branco	404998,3218	2732531,279	1142370,091	376937,0331	994703,202
	Preto	85948,35632	468698,8903	130855,7819	37714,73574	50082,48817
	Pardo	311004,0503	1839482,284	546733,182	92239,71164	139144,9491
agosto	Branco	380470,3908	2901102,609	1177729,422	414280,9322	1045762,489
	Preto	72083,14108	499311,9834	158531,3458	33194,29633	67898,37534
	Pardo	296630,6355	1901317,391	577439,5257	91383,27759	133127,0299
setembro	Branco	412894,4217	2960227,066	1196722,339	411916,6262	1068535,337
	Preto	70053,69259	489342,3749	166665,6566	41037,1914	56480,54571
	Pardo	323975,6765	1956837,134	598488,2659	84827,06957	142886,3834
outubro	Branco	468032,9458	3062347,48	1207632,303	430617,0237	1065035,196
	Preto	91706,44431	542260,4729	159603,9153	38065,40397	42816,57438
	Pardo	358112,8117	2032914,293	608998,7607	97861,55996	133878,1085
novembro	Branco	479350,2684	3071562,095	1233831,265	433234,584	1030938,981
	Preto	85444,93879	548295,2721	174068,3457	40956,95546	38711,80825
	Pardo	338574,8354	2116080,087	602859,8033	93681,99901	133229,0277

Mulher – por cor/raça e faixa salarial

Mês	cor/raça	Menos de um salário mínimo	Entre 1 e 2	Entre 2 e 3	Entre 4 e 5	Mais de 5
maio	Branca	467518,4345	1958937,703	660932,9354	234925,8034	518973,6958
	Preta	84523,31659	287918,1152	75577,78394	14120,57753	18614,74557
	Parda	341313,4956	1073314,548	233969,8539	38456,39458	62394,29048
junho	Branca	518657,531	2118861,168	677665,0789	208927,1413	560256,311
	Preta	80597,77088	302640,1901	68462,62527	13251,88665	21537,9034
	Parda	338563,0254	1232011,662	226953,3986	47893,45026	63623,75731
julho	Branca	470388,3967	2290433,567	713680,5539	230294,3554	546453,2449
	Preta	79738,44996	328996,8926	63241,67139	14989,36442	18090,3285
	Parda	355255,6916	1307416,449	246230,4569	44745,39661	55474,87474
agosto	Branca	500985,3801	2351459,437	731400,5834	271076,136	595719,9995
	Preta	83133,91895	365010,3139	86880,61474	11519,06097	23687,92957
	Parda	372245,0782	1382141,115	264161,6707	59991,50312	54188,30152
setembro	Branca	504420,4405	2470071,553	744403,2011	268347,976	586260,7766
	Preta	66165,05429	358471,4463	87390,86274	21611,41729	26457,89359
	Parda	394876,9793	1422042,862	286441,6418	52766,28574	59973,32447
outubro	Branca	565369,3319	2494621,923	767428,2573	228951,6659	581409,2663
	Preta	91962,30071	391804,7908	78224,93722	24165,2419	29488,29473
	Parda	376691,9574	1431835,585	270418,1167	53195,03186	60835,07905
novembro	Branca	552982,7404	2546768,85	739896,1033	248111,98	585623,3052
	Preta	82786,05166	383818,4514	93406,59486	18791,74491	33399,59126
	Parda	394515,1235	1505249,871	300232,8563	59128,05426	48839,76635

Tabela de dados de horas trabalhadas por sexo e cor/raça

(continua)

Homem					Mulher			
Mês	cor/raça	Menos de 40h	40h	Mais de 40h	cor/raça	Menos de 40h	40h	Mais de 40h
maio	Branco	1728858,912	1702700,348	2038261,869	Branca	1786931,39	1165850,697	1164757,905
	Preto	229257,9263	185124,6097	321153,1972	Preta	218894,1147	132415,9275	153551,8962
	Pardo	870151,1149	747825,7053	1199205,418	Parda	803827,3	443349,8912	560205,4146
junho	Branco	1789954,292	1825637,199	2179122,724	Branca	1880963,866	1327059,174	1162903,509
	Preto	211477,9051	205824,9486	335925,1155	Preta	208482,3162	143686,1487	160861,6111
	Pardo	882245,8898	842440,135	1205453,473	Parda	846698,1003	517091,2502	612029,4326
julho	Branco	1694342,955	2019793,316	2416144,001	Branca	1839483,724	1409035,993	1283615,921
	Preto	220513,5817	212078,8643	384105,7197	Preta	231157,6835	140412,6055	164724,1304
	Pardo	877457,5421	935671,7723	1285141,831	Parda	880930,5229	535991,6644	656547,7201
agosto	Branco	1672093,083	2152670,102	2561870,605	Branca	1802414,878	1535651,518	1398781,318

Tabela de dados de horas trabalhadas por sexo e cor/raça

(conclusão)

Homem					Mulher			
Mês	cor/raça	Menos de 40h	40h	Mais de 40h	cor/raça	Menos de 40h	40h	Mais de 40h
setembro	Preto	184618,8832	263679,6085	427252,2064	Preta	254939,2649	163842,9593	186752,1393
	Pardo	824352,2204	1004197,679	1372209,763	Parda	904190,289	573629,0708	723763,2754
	Branco	1554046,954	2260088,017	2682049,43	Branca	1788045,578	1608085,17	1468178,062
	Preto	181765,8343	247745,0101	434926,6001	Preta	214331,4276	168201,0984	211507,7557
	Pardo	763024,9929	1053193,955	1485453,966	Parda	860833,7833	654321,5182	773757,3528
outubro	Branco	1520933,67	2378102,251	2807315,854	Branca	1753772,642	1670917,509	1565295,683
	Preto	159130,7787	287576,8019	479302,7338	Preta	240978,567	191043,248	214241,5238
	Pardo	753178,277	1168584,538	1494521,974	Parda	800302,1879	703571,5846	781080,7723
novembro	Branco	1418392,189	2414107,355	2876098,716	Branca	1764728,34	1716195,234	1543643,926
	Preto	178148,861	273789,1671	474266,1047	Preta	231376,0525	190389,0995	219230,4388
	Pardo	750308,3603	1133423,601	1580503,334	Parda	843065,6811	699992,747	837330,3315

ANEXO C- Tabela de dados da população ocupada (home office)

Tabela de dados da população ocupada em home office por sexo entre maio e novembro

Mês	Homem	Mulher
Maio	1496563,702	1625892,337
junho	1390953,404	1627777,373
julho	1372491,114	1583446,73
agosto	1357094,743	1590329,934
setembro	1333633,574	1555139,93
outubro	1270630,398	1432228,336
novembro	1196548,705	1383831,775

Homem – em home office por cor/raça e faixa etária

(continua)

Mês	Cor/Raça	15-24	25-34	35-49	50-64	65+
maio	Branco	105184,8808	255397,5104	506674,0026	211482,7548	62268,61101
	Preto	10363,48619	23723,39578	28808,73985	12347,82472	1561,196392
	Pardo	24066,83491	73747,97256	86285,56728	26496,70635	3257,306656
junho	Branco	101759,4009	271335,2288	434505,2918	199183,8835	71791,21786
	Preto	9074,223814	19707,07426	17897,27504	12894,97636	0
	Pardo	28875,82274	65104,95892	79499,68698	25622,88149	4126,780858

Homem – em home office por cor/raça e faixa etária

(conclusão)

Mês	Cor/Raça	15-24	25-34	35-49	50-64	65+
julho	Branco	119047,5927	272888,4965	422475,5903	184493,6275	62083,09597
	Preto	5831,89347	17319,37089	23664,17678	10060,59458	1540,910008
	Pardo	32937,45067	74422,96923	68359,71956	31868,91482	4217,883553
agosto	Branco	118991,7708	250856,2926	418520,8057	190926,1653	68805,38944
	Preto	6245,041836	16950,73831	31590,22304	9384,154394	1604,177215
	Pardo	33016,39855	69811,50226	58178,10336	28832,43368	2866,235562
setembro	Branco	125634,1574	260765,9315	412336,2771	180564,2275	58783,28315
	Preto	9613,441873	19049,92546	25768,24054	14768,96967	1556,690926
	Pardo	27067,25528	64160,5317	59959,15697	24338,80269	2897,809261
outubro	Branco	91855,29686	276096,045	388136,7823	171028,9736	59725,53572
	Preto	10280,50982	17139,66456	17382,08468	10416,41921	0
	Pardo	19837,95533	61726,84269	68441,46278	20382,36843	2905,400225
novembro	Branco	105769,2482	250576,3161	366383,0192	156268,8797	53353,33709
	Preto	8912,132462	19335,12764	13741,42595	14239,71158	0
	Pardo	19029,09854	54233,05778	58031,91446	22676,72433	1572,906907

Mulher – em home office por cor/raça e faixa etária

(continua)

Mês	Cor/Raça	15-24	25-34	35-49	50-64	65+
maio	Branca	119214,0744	297700,6138	542203,2043	223485,1403	25639,6942
	Preta	4695,072337	23852,605	54886,01461	26240,3654	4510,07281
	Parda	41408,42082	74574,6015	105007,6466	36129,04182	3820,510491
junho	Branca	107877,1543	312727,6667	542694,2064	225572,5297	30523,48309
	Preta	11990,6486	31496,06274	46407,68883	21588,89254	3443,640539
	Parda	30535,28802	86334,35777	93909,17208	34414,56235	3384,788349
julho	Branca	91243,62314	315073,4712	517239,5454	233536,7703	29555,82973
	Preta	14746,11135	31256,44776	35104,33089	19620,58111	3459,303439
	Parda	30083,77733	81769,15559	101530,1155	29202,41223	4897,744661
agosto	Branca	87496,34707	308285,9662	536372,1695	232273,2884	29858,29318
	Preta	14014,20139	31114,2227	43214,08356	20249,93237	3331,608214
	Parda	24272,29635	84019,47255	97716,17795	33123,43737	3460,907054
setembro	Branca	79619,77875	298359,3815	533769,616	220436,0819	34304,04769
	Preta	14776,39973	29695,88986	38166,83826	18529,19625	3365,277795
	Parda	27972,79832	78367,15926	107931,5684	28818,97403	3521,446699

Mulher – em home office por cor/raça e faixa etária

(conclusão)

Mês	Cor/Raça	15-24	25-34	35-49	50-64	65+
outubro	Branca	79103,03642	270810,5691	453339,5515	217494,0803	30413,52609
	Preta	10040,66297	24379,04969	43617,33354	17452,57153	4645,62612
	Parda	28643,80946	80628,07693	88708,91932	40754,38989	3604,856348
novembro	Branca	79726,93567	257094,5938	429557,3363	210824,259	33556,86756
	Preta	12130,48108	28552,42132	47993,4831	18806,21915	4662,390869
	Parda	24648,48411	84974,31216	82730,34173	29832,26533	2310,973929

Homem – em home office por cor/raça e grau de instrução

Mês	Cor/Raça	Sem Instrução ou Fundamental Incompleto	Fundamental completo ou Médio Incompleto	Médio completo ou Superior Incompleto	Superior completo	Pós- graduação
maio	Branco	2773,263649	11974,25207	248469,7527	605131,6417	272658,8496
	Preto	3438,77892	0	16510,63609	53730,30193	3124,92599
	Pardo	4183,238515	7441,671495	80039,76737	105354,8651	16834,84533
junho	Branco	5971,521583	13259,13485	233805,5705	581296,0208	244242,7752
	Preto	0	0	14707,84092	38088,2978	6777,410758
	Pardo	565,3574826	4675,976225	70886,8551	111008,5785	16093,36371
julho	Branco	5971,566435	11869,18767	267398,0318	557529,4125	218220,2045
	Preto	0	769,3201065	10109,17018	42269,15853	5269,296909
	Pardo	1728,348241	3948,400587	75693,32592	98804,46997	31632,39311
agosto	Branco	7065,036014	11066,41834	278359,6714	541250,7221	210358,576
	Preto	0	0	14049,75229	44483,60895	7240,973559
	Pardo	1818,463319	5402,647732	66237,8638	97224,62873	22021,06983
setembro	Branco	5221,631	8728,63924	256301,195	521927,2338	245905,1774
	Preto	0	4020,214531	11763,68408	47427,46473	7545,905123
	Pardo	1875,505648	8084,056269	56682,25467	88772,42277	23009,31655
outubro	Branco	5471,287022	7079,842657	233797,5497	511296,6911	229197,263
	Preto	0	6708,90858	9307,733162	32735,9231	6466,113429
	Pardo	1934,133321	7483,647175	54587,7154	87216,32134	22072,21221
novembro	Branco	9183,04474	2847,709393	259201,2223	453216,7585	207902,0654
	Preto	1239,237984	2523,839749	13158,3431	31171,21672	8135,760081
	Pardo	1897,699864	4975,482915	48614,06588	80953,84401	19102,60934

Mulher – em home office por cor/raça e grau de instrução

Mês	Cor/Raça	Sem Instrução ou Fundamental Incompleto	Fundamental completo ou Médio Incompleto	Médio completo ou Superior Incompleto	Superior completo	Pós- graduação
maio	Branca	317,6969861	17288,35936	259648,4389	673694,4628	257293,7689
	Preta	0	0	37110,63021	61576,88017	15496,61977
	Parda	4571,505216	14493,71282	84867,69186	122782,2063	34225,10505
junho	Branca	1211,549172	16418,99734	248440,7544	690733,701	262590,0385
	Preta	0	510,8841792	39826,50323	62876,23482	11713,31102
	Parda	3783,923201	9617,627728	87879,23575	113086,6945	34210,68735
julho	Branca	2941,468589	11070,84188	238910,007	679768,4336	253958,4886
	Preta	1387,498861	552,529268	39604,97369	49784,69444	12857,07829
	Parda	758,1168435	8364,983595	82241,82132	119811,3216	36306,96196
agosto	Branca	0	13487,74532	225547,2586	670802,7319	284448,3285
	Preta	0	546,2915057	36506,56662	59944,54444	14926,64567
	Parda	760,9406287	6256,254535	77109,56825	127269,8005	31195,72731
setembro	Branca	0	12796,08202	192136,2747	658895,9342	302660,615
	Preta	0	0	37228,04628	50790,30081	16515,25481
	Parda	767,5115342	5069,100575	69969,57489	136611,3994	34194,36032
outubro	Branca	1766,966451	10751,40115	182087,644	588927,1759	267627,5758
	Preta	0	0	36805,14901	48539,31939	14790,77546
	Parda	6111,248127	6743,883768	79210,67259	118751,2877	31522,95979
novembro	Branca	1984,772404	16432,50887	169290,3407	571843,4089	251208,9614
	Preta	0	0	41035,62921	53983,59103	17125,77528
	Parda	2310,973929	3304,727388	67372,01309	122911,9583	28596,70458

Tabela de dados de home office por sexo, cor/raça e tipo de emprego

(continua)

Homem					Mulher			
Mês	cor/raça	Setor privado	Setor público	Empregador	Cor/raça	Setor privado	Setor público	Empregador
maio	Branco	709552,3896	146847,4558	103274,4842	Branca	683606,322	306627,0529	48328,28914
	Preto	54169,04845	9104,830431	2103,253363	Preta	55823,63861	48102,94835	1449,708829
	Pardo	137268,649	34172,34936	11539,55914	Parda	149288,456	69987,2585	5703,997519
junho	Branco	655516,1627	136971,1974	86876,0397	Branca	686728,6125	327204,8865	42243,67951
	Preto	39209,95615	10583,95481	0	Preta	59326,33803	46281,39556	1309,275851
	Pardo	134787,8047	32453,04602	7524,80734	Parda	143917,4505	66814,20911	6617,939132
julho	Branco	654613,4455	141874,5728	65479,88154	Branca	654115,4795	313917,9274	36739,82496
	Preto	36634,49988	13339,98975	0	Preta	52966,36344	46025,31596	1372,152802
	Pardo	130223,8478	34164,59724	4244,448671	Parda	139230,9083	64364,29409	3921,598458

Tabela de dados de home office por sexo, cor/raça e tipo de emprego

(conclusão)

Homem					Mulher			
Mês	cor/raça	Setor privado	Setor público	Empregador	Cor/raça	Setor privado	Setor público	Empregador
agosto	Branco	633273,8561	150888,1315	57883,21582	Branca	641544,265	337420,3384	30289,38199
	Preto	42429,52774	13078,05477	0	Preta	49612,00888	51334,28994	1370,325943
	Pardo	123842,8364	30738,00287	8224,866858	Parda	135401,0265	67451,24758	4104,353884
setembro	Branco	678639,5673	132032,2375	53898,59216	Branca	627367,2091	325307,5203	40653,76167
	Preto	39424,50425	15882,70869	0	Preta	48575,75352	47693,93793	1415,600433
	Pardo	114679,9171	28176,52197	7074,733609	Parda	133004,6377	75767,51178	2647,109751
outubro	Branco	621739,7918	134093,4348	47912,44928	Branca	554797,9734	296860,553	32848,41081
	Preto	32275,30692	11322,85558	0	Preta	50492,32173	41505,61215	1432,204154
	Pardo	111704,65	28327,15546	4512,280318	Parda	134661,812	73414,97917	1958,215288
novembro	Branco	589825,2983	112328,5207	39103,09022	Branca	510292,0364	307971,9353	27156,9799
	Preto	38750,57244	10576,85507	0	Preta	56414,15424	45854,83477	1473,986075
	Pardo	97808,61986	22860,36063	4451,999846	Parda	138916,3284	69415,43896	755,4800499

Homem – em home office por cor/raça e faixa salarial

(continua)

Mês	cor/raça	Menos de um salário mínimo	Entre 1 e 2	Entre 2 e 3	Entre 4 e 5	Mais de 5
maio	Branco	35325,05278	195644,4089	196054,2414	114061,9334	468193,7247
	Preto	1817,003725	25419,15842	17245,86406	11578,27117	16622,03949
	Pardo	10479,762	50158,42888	61234,47801	22046,14935	46550,71741
junho	Branco	34911,5622	176434,2902	187733,2393	101419,4231	479446,2539
	Preto	0	9509,799759	10862,49783	10628,878	18574,54855
	Pardo	9649,300559	50774,93609	50942,91501	13225,28885	44558,56596
julho	Branco	27503,16981	215018,9284	185505,3564	105438,1283	434913,0448
	Preto	769,3201065	17205,14175	8680,720001	10106,72958	15770,33217
	Pardo	9236,676267	65316,34426	51104,63039	14004,8615	46047,45759
agosto	Branco	18931,50585	229920,4997	181225,6978	119758,0373	409806,4343
	Preto	1860,885322	20165,16378	10392,00239	1668,197827	25671,87835
	Pardo	13916,72983	53375,28461	41653,27537	16524,2052	38363,3057
setembro	Branco	21255,08862	209950,5948	190321,2753	106110,9994	424890,1781
	Preto	7342,242675	16573,9076	12438,96954	3010,637258	27679,13276
	Pardo	14813,81967	54286,51091	36206,59719	8923,952087	40183,20569
outubro	Branco	35373,89314	170307,8363	174950,8807	114457,0302	408987,2532
	Preto	7797,045787	9864,602474	12621,57292	7424,31483	11915,70812
	Pardo	4052,886676	57226,12515	42035,25152	11595,53581	31477,31119

Homem – em home office por cor/raça e faixa salarial

(conclusão)

Mês	cor/raça	Menos de um salário mínimo	Entre 1 e 2	Entre 2 e 3	Entre 4 e 5	Mais de 5
novembro	Branco	33656,27973	172685,0124	175261,8162	106341,1675	376593,9326
	Preto	9502,853749	10746,92071	8901,661836	12711,5	11626,1773
	Pardo	10179,36421	43764,90912	36523,95766	9834,098594	31620,26181

Mulher – em home office por cor/raça e faixa salarial

Mês	cor/raça	Menos de um salário mínimo	Entre 1 e 2	Entre 2 e 3	Entre 4 e 5	Mais de 5
maio	Branca	51383,98506	338128,0053	259390,7374	111563,6137	295342,7102
	Preta	7027,260813	38428,43733	39548,86942	5376,874972	11387,85426
	Parda	28549,30443	112049,7097	57997,9332	12778,39613	35686,9093
junho	Branca	55243,53055	364060,2908	251534,3267	101347,4762	302734,0181
	Preta	5008,639593	43615,81377	35727,03385	5032,926355	10301,28887
	Parda	28731,77899	99570,76638	63408,51948	19732,08427	22767,59371
julho	Branca	37569,92109	364346,2469	268301,6263	103523,4866	266901,936
	Preta	2514,406495	38177,67946	34854,58842	5167,709468	7626,963947
	Parda	15836,4507	103005,1499	65294,89917	21634,82582	26606,22558
agosto	Branca	55614,33793	340953,9697	277799,93	119818,5556	278028,5248
	Preta	1306,714307	32620,03188	44631,3612	4844,498309	11825,60523
	Parda	13322,94713	100521,0453	69147,03596	25381,79324	20625,70907
setembro	Branca	45975,55155	308732,2805	261016,1122	119428,6714	290134,9905
	Preta	769,5230921	39977,51239	31582,9871	3841,072418	11163,75038
	Parda	13899,66676	95588,31908	79284,21681	22457,48173	24823,73989
outubro	Branca	38144,20532	295045,697	233991,7338	101962,2967	259795,6099
	Preta	2293,375125	43401,63709	26716,55164	6210,005062	9322,15979
	Parda	19270,28161	99703,10349	68895,80414	15093,24923	24951,05249
novembro	Branca	47343,16898	278023,0127	229019,2639	89578,71555	237220,4682
	Preta	2406,200534	47073,98912	32341,70526	3937,860033	14259,28043
	Parda	11072,70162	84225,275	72305,39119	17382,7294	27079,51488

Tabela de dados de home office por sexo, cor/raça e horas trabalhadas

Homem					Mulher			
Mês	cor/raça	Menos de 40h	40h	Mais de 40h	cor/raça	Menos de 40h	40h	Mais de 40h
maio	Branco	408624,2197	390223,0549	342160,485	Branca	494920,193	405671,9208	307650,6131
	Preto	33933,51781	17466,20528	25404,91983	Preta	55880,70921	36739,56198	21563,85896
	Pardo	90044,77738	60897,87017	62911,74021	Parda	110168,8217	86270,94717	64500,45242
junho	Branco	388009,0467	392681,7498	297884,2264	Branca	497551,165	438808,1678	283035,7076
	Preto	20000,4555	18789,99275	20783,10123	Preta	50541,69256	37683,99979	26701,2409
	Pardo	84137,44043	65326,52753	53766,16304	Parda	98578,32922	89591,84775	60407,9916
julho	Branco	343300,8056	424898,6595	292788,9378	Branca	487421,4037	439178,4522	260049,3838
	Preto	13618,92484	18365,62492	26432,39596	Preta	45334,6991	28691,06388	30161,01156
	Pardo	74932,76824	72780,30672	64093,86287	Parda	97509,51369	81370,98158	68602,71002
agosto	Branco	324282,0932	397741,4746	326076,8561	Branca	469937,9041	465265,2968	259082,8633
	Preto	18368,11631	22643,80905	24762,40943	Preta	48037,59061	34589,45701	29297,00061
	Pardo	67635,15838	68496,03951	56573,47553	Parda	102168,6196	77628,08203	62795,58966
setembro	Branco	299155,3162	398195,7216	340732,8388	Branca	452689,755	439089,9665	274709,1844
	Preto	17199,04044	31929,09335	21629,13467	Preta	42895,07399	34810,92426	26827,60365
	Pardo	71077,34368	61498,09589	45848,11634	Parda	97997,42377	96344,55964	52269,96328
outubro	Branco	275008,1301	387287,4813	324547,0221	Branca	391877,0209	400171,1359	259112,6065
	Preto	12538,60357	22891,18063	19788,89406	Preta	45164,60341	30389,10612	24581,53433
	Pardo	52532,06305	59852,37588	60909,59052	Parda	87945,54215	99246,87179	55147,63801
novembro	Branco	255809,1903	351559,1898	324982,4203	Branca	380081,5439	373277,3199	257401,1284
	Preto	12684,52016	18486,52462	25057,35285	Preta	53910,74946	31713,32308	26520,92298
	Pardo	45769,35177	49662,34751	60112,00274	Parda	76920,27459	87881,99983	59694,10284